

UNIVERSIDADE SAGRADO CORAÇÃO

GERSON HABNER CHRISTIANINI

**FÉ E PERSUASÃO – MUDANÇAS NO CENÁRIO RELIGIOSO
ATRAVÉS DO DISCURSO**

BAURU
2010

GERSON HABNER CHRISTIANINI

**FÉ E PERSUASÃO – MUDANÇAS NO CENÁRIO RELIGIOSO
ATRAVÉS DO DISCURSO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo, sob a orientação da Professora Dr^a Angela Maria Grossi de Carvalho.

BAURU
2010

C5554f	<p>Christianini, Gerson Habner</p> <p>Fé e persuasão: mudanças no cenário religioso através do discurso / Gerson Habner Christianini -- 2010. 155f. : il.</p> <p>Orientadora: Prof^a Dr^a Angela Maria Grossi de Carvalho. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo) - Universidade Sagrado Coração - Bauru - SP.</p> <p>1. Fé. 2. Religião. 3. Persuasão. 4. Neopentecostalismo. 5. Catolicismo. I. Carvalho, Ângela Maria Grossi de. II. Título.</p>
--------	---

GERSON HABNER CHRISTIANINI

FÉ E PERSUASÃO – MUDANÇAS NO CENÁRIO RELIGIOSO ATRAVÉS DO DISCURSO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Ciências Exatas e Sociais Aplicadas, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo, sob a orientação da Professora Dr^a Angela Maria Grossi de Carvalho.

Banca Examinadora:

Prof^a Dr^a Léa Sílvia Braga de Castro Sá
Universidade Sagrado Coração

Prof^a Dr^a Adriane Belluci Belório de Castro
Universidade Sagrado Coração

Prof^a Dr^a Angela Maria Grossi de Carvalho
Universidade Sagrado Coração

Bauru, 09 de dezembro de 2010.

Dedico este trabalho aos meus pais, familiares e amigos, que estão juntos na bela trajetória da vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pela oportunidade de contemplar uma fração desse universo homérico e suntuoso onde vivemos.

Agradeço aos meus pais pela educação transmitida, pela formação humana e pela inserção no mundo, de forma ética e decorosa.

Agradeço à minha orientadora, que, com competência e responsabilidade, me apoiou na condução do trabalho.

Agradeço aos meus amigos e a todos aqueles que, mesmo de maneira indireta, contribuíram para a execução e conclusão deste TCC.

"O importante não é o que fazem do homem, mas o que o homem faz do que fizeram dele"
(Jean Paul Sartre)

RESUMO

Apesar de a ciência avançar diariamente, as pessoas ainda veem, na religião, uma fonte de respostas para a vida. Antigamente, a única a dar essas respostas era a Igreja Católica. Com aproximadamente dois mil anos de idade, o catolicismo sempre teve um poder expressivo entre as pessoas, muitas vezes agindo em parceria com o próprio Estado. Participante de momentos gloriosos, mas também coautora de fatos lamentáveis, a Igreja se vê diante de uma rivalidade nunca antes sentida. Alguns homens, há cerca de cinco séculos, começaram a se organizar para colocar em prática uma nova forma de professar a fé cristã. Com isso, surgiu o movimento protestante, que culminou no neopentecostalismo, muito conhecido na sociedade brasileira. Com uma proposta diferente, as denominações que partilham desse novo olhar estão atraindo os fiéis que, de alguma forma, procuram respostas para a vida, mas não adentram mais aos pátios das paróquias. O objetivo deste trabalho foi refletir sobre as experiências proporcionadas pelas duas 'correntes', tanto o catolicismo como o neopentecostalismo, identificando se o discurso e a linguagem são os motivos pelos quais a Igreja Católica perde espaço no cenário religioso contemporâneo. Para isso, foi necessário analisar as peculiaridades que permeiam as pregações de seus representantes. Um paralelo entre um sermão católico e uma pregação evangélica foi traçado com a análise de uma homilia do padre Fábio de Melo, conhecido líder católico, além da análise de uma pregação de Romildo Ribeiro Soares, popular representante dos evangélicos. Tendo como base os elementos da Análise de Discurso, referenciado por autores influentes como Orlandi (2009), Koch (1984), Charaudeau e Maingueneau (2004), entre outros, foram observados elementos díspares na forma como os representantes das duas entidades organizam e difundem o que eles chamam de reino de Deus. Dessa maneira, foi possível identificar que, do lado católico, há um discurso mais elaborado, crítico, que conjuga a compreensão analítica e histórica com o incentivo de novas formas de comportamento. Do lado neopentecostal, foi possível aferir que a distância entre Deus e o homem é menor, e, portanto, as bênçãos são alcançadas com mais facilidade, com curas e favores obtidos no decorrer da pregação. Em suma, foi possível notar que a fé não é singular, mas comporta diversos posicionamentos, conforme o discurso e o olhar de cada pessoa e/ou instituição.

PALAVRAS-CHAVE: Análise de Discurso. Religião. Persuasão. Catolicismo. Neopentecostalismo.

ABSTRACT

Although science has been making progress daily, people still see religion as a source of answers for life. Earlier, the only to provide these answers was the Catholic Church. Catholicism, a two thousand-year-old religion, has always had a significant power among people, often acting even with the Estate. Having taken part in glorious moments as well as being co-author of pitiful ones, Catholic Church is facing a hostility never seen before. About five centuries ago, some people started organizing themselves in order to carry out a new way of professing the Christian faith. Thus, the Protestant movement was raised, culminating in the Neo-pentecostalism, which is much known in the Brazilian society. With a different proposal, denominations sharing this new way of thinking have been attracting believers who, in one way or another, look for answers for life, but do not attend the parishes. This study aimed at reflecting on the experiences resulting from these two 'trends', Catholicism and Neo-pentecostalism, identifying if both discourse and language would be the reason Catholic Church has been losing space in the contemporaneous religious landscape. In order to do it, it was necessary to analyze the features involving their representatives' preaching. A parallel was traced between a Catholic sermon and an evangelical preach: we analyzed the priest Fábio de Melo's homily, who is a known catholic leader, as well as Romildo Ribeiro Soares' preach, who is a popular evangelical representative. This study took into account the Discourse Analysis elements, through some influential authors, such as Orlandi (2009), Koch (1984), Charaudeau and Maingueneau (2004), among others. Some dissimilar elements were considered regarding the way the two entities leaders organized and spread what they call The Kingdom of God. By this mean, it was possible to identify a critical, more elaborated discourse on the catholic side, which gathers the analytical and historical comprehension and the encouragement of a new behavior. On the neo-pentecostal side, it was possible to check the distance between God and man is shorter, therefore, being easier to get blessings, having healing and favors happening during the preach. Finally, we could note faith is not singular, but it can hold various concerns, depending on the discourse and view of each person or institution.

KEYWORDS: Discourse Analysis. Religion. Persuasion. Catholicism. Neo-pentecostalism.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. O HOMEM E A BUSCA POR REFÚGIO.....	15
2.1 A EXPLICAÇÃO ATRAVÉS DE CRISTO	21
2.2 O CONCÍLIO DE NICÉIA.....	29
2.3 A INQUISIÇÃO.....	43
2.4 PROTESTANTISMO: UM CONCORRENTE DE PESO PARA A IGREJA CATÓLICA.....	45
2.5 OS PENTECOTAIS.....	52
2.6 O FENÔMENO NEOPENTECOSTAL.....	61
2.7 UM PEQUENO RECORTE DO CATOLICISMO NO SÉCULO DOS NEOPENTECOSTAIS.....	64
3. O DISCURSO E SUAS CARACTERÍSTICAS.....	68
3.1 A ANÁLISE DAS PREGAÇÕES CATÓLICA E NEOPENTECOSTAL.....	73
3.1.1 A HOMILIA DO PADRE FÁBIO DE MELO.....	75
3.1.2 PREGAÇÃO DO PASTOR R. R. SOARES.....	110
4. NEOPENTECOSTALISMO X CATOLICISMO	136
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	148

1. INTRODUÇÃO

As civilizações e povos sempre tiveram suas dificuldades, medos, sofrimentos e formas de compreender a realidade. As buscas por um sentido na vida engendraram a criação de religiões, contribuindo para a irrupção dos diversos formatos de fé, desenhando os traços culturais e enriquecendo os capítulos da História.

No desenvolvimento das civilizações, um conjunto de narrativas, explicando as complexidades da vida através de um vasto sistema de conteúdos mitológicos foi ganhando forma e aparência de sólidas verdades. Campbell (1990, p. 62) disse que as civilizações se baseiam em mitos e, como exemplo, cita a civilização da Idade Média, que tece como referência o mito da *Queda do Paraíso*, na remissão pela Cruz, e na doação ao homem da graça da redenção por meio dos sacramentos. O autor mostra como as sociedades, mesmo com o passar do tempo, continuam cultivando suas crenças e, por que não, seus mitos. Segundo Campbell (1990, p. 62), a catedral era o centro do sacramento e, o castelo, o centro protetor da catedral:

Você tem aí as duas formas de governo, o governo do espírito e o governo da vida física, ambos em acordo com a mesma e única fonte, que seja a graça da crucificação. Existem três centros do que pode ser chamada a criatividade mitológica e folclórica da Idade Média. Um deles é a catedral, associada a mosteiros e eremitérios. O outro é o castelo. O terceiro é a cabana, a habitação popular. A catedral, o castelo e a cabana – em qualquer área de civilização desenvolvida, você encontrará a mesma coisa: o templo, o palácio e a cidade. São três grandes geradores, mas como se trata de uma só civilização, todos operam no mesmo campo simbólico.

O campo simbólico, para o autor, se baseia nas experiências das pessoas de uma dada comunidade, em determinado tempo e espaço. Os mitos estão tão intimamente ligados à cultura, ao tempo e ao espaço, que, a menos que as metáforas e os mitos se mantenham vivos, por uma contínua reconstrução por intermédio de artes, a vida os deixa. Campbell (1990) menciona e descreve vários mitos, entre eles o da cruz, que é a grande natureza da pregação da Igreja Católica. Isso evidencia que o Cristianismo é um competidor contumaz das mais novas concepções sociais, culturais e econômicas, como o capitalismo, o existencialismo, o positivismo, as correntes de pensamentos que pregam a liberdade e a aplicação das mais puras idiossincrasias. E, essa competição antiga nunca esteve tão aflorada e renitente. A sociedade, com o individualismo, o avanço do subjetivismo, a

valorização da alteridade, o hedonismo, as grandes descobertas da ciência e as ramificações do conhecimento, que têm se aprofundado de modo inédito, preenchem o espaço no cotidiano e ditam várias formas de costumes e hábitos.

Marshall McLuhan (1971), ao se deparar com a revolução tecnológica das telecomunicações, o potencial do Rádio, e as características da Televisão como meios de comunicação de massa, no início do século passado, tratou os meios tecnológicos como recursos naturais ou matérias-primas, no mesmo nível como o algodão, o petróleo e o carvão. Segundo ele, a “aceitação dócil e subliminar do impacto causado pelos meios transformou-os em prisões sem muros para seus usuários” (MCLUHAN, 1971, p. 36). A Televisão, o Rádio e mais recentemente a Internet fazem brilhar os olhos dos líderes religiosos, que sabem do poder desses meios, redefinindo estratégias e revisando diretrizes com o intuito de aumentar a participação entre os fiéis, abocanhando um espaço cada vez maior entre os que professam o Cristianismo. Os meios de comunicação se tornaram grandes oportunidades para que as organizações divulguem suas tradições, interpretações bíblicas e leituras sociais, vendendo o bem imaterial mais ambicionado do planeta: a salvação da alma.

A própria raiz do Cristianismo se alicerça numa recomendação de Jesus Cristo que é pautada na comunicação. Segundo o evangelho de São Mateus, no capítulo 28, Jesus Cristo, antes de ser crucificado, deixou uma recomendação aos discípulos: “Ide, pois, ensinai todas as gentes, batizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-as a observar todas as coisas que vos mandei; e eis que eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos” (BÍBLIA SAGRADA. N. T., p. 40). Portanto, a comunicação era uma ferramenta importante no trabalho dos apóstolos desde aquela época, não deixando de ser nos dias atuais com o uso de instrumentos contemporâneos de maior raio de alcance e abrangência.

Os apóstolos de hoje não têm mais empecilhos referentes à locomoção e distância para a disseminação dos evangelhos e não precisam mais viajar de aldeia em aldeia, de templo em templo, e de casas em casas para anunciar o Reino de Deus. Isso é possível através do avanço da tecnologia. Entretanto, os apóstolos lidam com um desafio que pode ser considerado da mesma proporção: a forma de fazer a comunicação e o discurso empregado.

Com a proliferação de interpretações doutrinárias e as ramificações do Cristianismo, com seus respectivos movimentos, a Igreja Católica, tradicional referência quando se fala em fé cristã, viu sua hegemonia ser abalada por denominações novas, menores, mas de atuação contundente, que ofertam nos seus templos, bens materiais, crescimento profissional, melhorias financeiras, conforto psicológico, casamentos felizes e mudanças imediatas na vida. Algumas denominações evangélicas têm pescado almas para Cristo, mas almas que já estavam em Cristo, assentadas em formatos e estruturas dessemelhantes. A Igreja Católica, vítima do desenvolvimento dessas denominações, notou que os desafios que a cercam são enormes: estratégias de comunicação, adaptação do discurso e conversão da sociedade atual.

Este trabalho visa traçar um paralelo entre uma homilia católica e uma pregação evangélica, à luz da Análise de Discurso e seus conceitos. O padre Fábio de Melo, através de uma análise de uma missa gravada em DVD e comercializada em lojas, e pastor Romildo Ribeiro Soares, por meio de um CD vendido na Igreja Internacional da Graça de Deus, serão os dois líderes religiosos que terão suas pregações estudadas.

A metodologia utilizada partiu de uma pesquisa exploratória bibliográfica, que teve como referências autores influentes da área de Análise de Discurso, como Maingueneau (2004), Charaudeau (2009), Orlandi (1996), Brandão (2002), entre outros. A pesquisa está focada no decréscimo constante e significativo da quantidade de fiéis da Igreja Católica que, mesmo com a liderança histórica no país, se vê diante de uma ruína sem precedentes, mantendo uma forma litúrgica com um estilo arcaico e um discurso desatualizado, perdendo espaço com a evolução de linguagens e inéditas formas de concepção social e educacional.

Diante disso, nosso objetivo geral é compreender se o discurso é uma das principais causas de a Igreja Católica perder espaço entre os fiéis. Já os objetivos específicos são: identificar as características do discurso religioso que a Igreja Católica utiliza e aferir o motivo do distanciamento dos fiéis; traçar um paralelo com base em uma pregação evangélica e uma missa católica.

Pretendemos demonstrar, através da pesquisa, que a maneira de usar o discurso, incluindo o conteúdo e a sua aplicação, o formato litúrgico e a linguagem, interferiram na estrutura da Igreja Católica e na sua relação com os fiéis, podendo mensurar se o discurso doutrinário ainda é aceito pela sociedade. Mesmo com uma

sociedade vivenciando as evoluções tecnológicas como nunca antes se viu e tendo experiências científicas que trazem soluções às mais variadas questões humanas, a humanidade anseia por respostas. Com um olho no relógio, a preocupação com os e-mails, as necessidades de aperfeiçoamento profissional, as diversas formas de lazer e entretenimento e o avanço das atividades intelectuais, a Bíblia mantém um espaço reservado na vida de muitos povos, inclusive no Brasil.

O estudo foi organizado de maneira que, na Introdução, apresentamos o tema, a problemática, os objetivos e a metodologia dessa pesquisa. O **Capítulo 2, O Homem e a busca por refúgio**, tratou de mostrar um breve panorama da relação entre o homem e a sua trajetória em busca de uma explicação para seus problemas. Foram abordados assuntos sobre mitos antigos, o início da crença em um único Deus (prática monoteísta), chegando até o desenvolvimento da fé baseada no Cristianismo. Diante dessas explicações, houve uma contextualização histórica até chegar ao Protestantismo, um concorrente de peso para a Igreja Católica, com homens idealistas, que enfrentaram um poder consolidado no âmbito da religião. Esse novo olhar da fé, que desembarcou no Brasil com o título de pentecostais, foi tratado nesse capítulo, que ainda discorreu sobre o fenômeno neopentecostal, uma ramificação mais liberal do alicerce protestante, além de fazer um pequeno recorte sobre o catolicismo nos anos de grande crescimento evangélico. Já o **Capítulo 3, O discurso e as suas características**, explicou sobre as condições de produção, as peculiaridades e as visões da Análise de Discurso, com embasamento teórico e fundamentação técnica perceptíveis através do paralelo feito entre as duas pregações. O Capítulo 4, **Neopentecostalismo X Catolicismo** mostrou os resultados encontrados e exteriorizou comparações das duas pregações. Por fim, no Capítulo 5, **Considerações finais**, há uma explanação sobre o tema, uma menção sobre as dificuldades encontradas, além de uma reflexão sobre a relação do homem com as crenças.

2. O HOMEM E A BUSCA POR REFÚGIO

A busca por uma explicação sobrenatural para as calamidades e limitações humanas e um refúgio divino para alma não é uma característica da sociedade atual, mas sim uma atitude comum do homem, desde os tempos primitivos, em que as observações do cotidiano eram pautadas a partir do sagrado, sendo distante da análise natural. Por não conseguirem explicar os fenômenos da natureza, e por não possuírem conhecimentos científicos, as observações dos homens primitivos eram tratadas como eventos sobrenaturais, oriundos de força metafísica. Céu, trovões, chuvas, sol, lua, ou seja, tudo aquilo que o homem desconhecia, ele temia e, conseqüentemente, servia. Os fenômenos e situações vividas por aqueles grupos antigos não eram estudados com base em pareceres físicos, acadêmicos e profissionais, mas se tornavam 'verdades incontestáveis, sujeitas às punições das deidades'. Era um mundo de poucas discussões relevantes, de minguados debates produtivos, em que pessoas deveriam agir conforme a doutrina espiritual prescrevia, ou seriam alvo de um castigo divino brutal.

Já quando se fala em mitologias, é impossível não adentrar na cultura dos gregos, nas suas concepções acerca da realidade, nas histórias, artes, esportes e grandes conquistas, como, por exemplo, a democracia, que gravaram com nítidas marcas as páginas da história. Mitos como o de Prometeu, da criação do mundo segundo Hesíodo e diversas lendas cultuadas por índios e vivenciadas por tribos primitivas sempre tiveram espaço nas comunidades, e se tratam de uma vasta e enriquecida cultura. Palco das mais belas e curiosas narrações sobre o sagrado, o sofrimento e o divino, é pertinente recordar da lenda de Pandora, "que enviada aos homens, abre por curiosidade uma caixa de onde saem todos os males. Pandora consegue fechar a caixa a tempo de reter a esperança, única forma de o homem não sucumbir às dores e aos sofrimentos da vida" (ARANHA; MARTINS, 1992, p. 20).

Os povos antigos eram, na sua maioria, politeístas¹, acreditavam na força dos astros, e o conhecimento que vigorava na época era relacionado à astrologia. Os

¹POLITEÍSMO: Reconhecimento da existência de vários deuses. Segundo a etimologia, "Poli" vem da palavra grega para "muitos" e "teísmo" da palavra grega para "deuses". A crença, entretanto, não implica em prestar adoração a todos eles.

líderes eram os homens que, segundo a história, tinham a habilidade de prever o futuro, sendo chamados de adivinhos e videntes.

O Oriente foi o anfitrião de uma religiosidade efervescente, propiciou a gestação de uma infinidade de rituais sagrados, receitas mágicas, diversos deuses, sendo reconhecido como o terreno onde cinco grandes formatos religiosos brotaram e cresceram no mundo, sendo eles: Cristianismo, Judaísmo, Islamismo, Confucionismo e Taoísmo. Independentemente da interpretação, do contexto sócio-econômico e do direcionamento do discurso, todas as religiões ofereciam consolo para a miríade de perguntas que o homem tinha.

O objetivo humano foi sempre o de conseguir alcançar dos céus as graças materiais e imateriais. Diferente dos dias atuais, as dúvidas, os pontos de interrogação e os receios eram pautados pela vida no campo e as suas peculiaridades. Por conseguinte, o homem criou os seus totens², sendo estes plantas, animais e objetos que representavam um poder sobrenatural. A origem dos totens e as práticas formais desencadeadas arrefeceram a crença nos “deuses da natureza”, possibilitando uma expansão e variação de rituais, modificando o conceito de Deus, recriando a interpretação dos fenômenos naturais, alterando o pensamento de divindade e a leitura da realidade.

Em determinado tempo, teve início uma fé ainda mais diferente, ou no mínimo excêntrica, que depois se fortaleceu entre alguns grupos. “Na antiga Suméria,... [acreditavam] que o ar estava repleto de espíritos benfazejos e de ônios, sendo estes últimos apontados como causadores de doenças e de toda a sorte de malefícios [...]” (CAMPOS, 1988, p. 33).

Cerca de cinco séculos antes de o homem nascido em Belém marcar a história mundial, havia vários deuses sumerianos na antiga Mesopotâmia, que movimentavam as mesmas atividades dos religiosos egípcios, ou seja, implicando os fiéis em oferendas, alimentos especificamente preparados para rituais e sacrifícios e templos prestigiados até então. “Os deuses eram numerosos, mas não foi encontrada na Mesopotâmia a prática da zoolatria, isto é, a deificação de animais, muito comum no Egito Antigo” (CAMPOS, 1988, p. 33).

Existiam na época os sacerdotes, que eram homens preparados para presidir os rituais religiosos e desfrutavam de grande prestígio e autoridade, sendo

² Símbolo religioso de uma tribo organizada, que recebe oferendas do povo que o cultua.

reconhecidos como homens de poderes sobrenaturais, o que os “habilitava” a manipular os mais ignaros.

Naquele tempo, a resposta mais esperada ou a explicação mais cobrada era a origem do mundo. Quem despejou toda essa terra no planeta? De que mina jorrou toda essa água? De onde viemos? Como foram pintadas as cores do arco-íris? Quem teve a paciência de semear e cultivar todos os grãos, frutos, alimentos etc.? Independentemente da situação e, relativamente, do período, as explicações e as buscas são sempre baseadas em reforços para a própria compreensão e valorização. Disse Campbell (1990, p.14-15), sobre os mitos antigos, em épocas que eram mais fortes:

As literaturas grega e latina e a Bíblia costumavam fazer parte da educação de toda a gente. Tendo sido suprimidas, toda uma tradição de informação mitológica do Ocidente se perdeu. Muitas histórias se conservavam de hábito na mente das pessoas. Quando a história está sem sua mente, você percebe sua relevância para aquilo que está acontecendo em sua vida. Isso dá perspectiva ao que lhe está acontecendo. Com a perda disso, perdemos efetivamente algo, porque não possuímos nada semelhante para pôr no lugar.

Segundo o estudioso, essas informações, originadas de tempos atrás, têm relação com os temas que sempre deram sustentação à vida humana, que construíram civilizações e moldaram religiões através dos séculos. Para Campbell (1990), essas questões são concernentes aos profundos problemas interiores, com os profundos mistérios, com os profundos limiares da travessia, e se você não souber o que dizem os sinais ao longo do caminho, terá de produzi-los por sua conta. Contudo, não se pode dizer que essas tradições e compreensões não surtem o mesmo efeito entre nós. Ainda existe um apego, uma fé e uma esperança categórica e consolidada em credos e liturgias antigas. É bem verdade que os ritos, as recepções, as abordagens e as percepções do mundo eram diferentes, inclusive na facilidade de acreditar, obviamente existente pela precária informação circulando no período.

Antigamente, as confusões com os astros eram frequentes, e os habitantes da Mesopotâmia cunharam diversos nomes de deuses, em que cada civilização adotava a sua fonte de inspiração divina e se tornava discípulo e cumpridor dos requisitos necessários a serem seguidos. Hoje a situação é um pouco diferente, mas em alguns aspectos vemos apenas roupagens novas em estruturas velhas, ou melhor, modernizações de ritos, contudo, mantendo a mesma essência. Tanto que,

por curiosidade ou simples predição do que estava por vir, os templos religiosos de outrora serviam como casas de crédito, emprestando dinheiro a juros e armazenando alimentos que eram vendidos por sacerdotes, que detinham um poder considerável e significativo, o que dava a eles prerrogativas e regalias com as previsões diárias através da leitura dos astros no céu, editando a vetusta forma de conhecimento espiritual chamada Horóscopo. Como ainda acontece na sociedade contemporânea, o posicionamento dos astros era visto com fé e esperança, alimentando a expectativa de que ele interfira e influencie a vida diária dos seres humanos, sendo possível prever o futuro. Essa fé renitente e contumaz que ainda mexe com os sentimentos dos seres humanos nos tempos contemporâneos, tem uma relação muito grande com o medo, o pavor e o desejo de conhecer o futuro. Futuro esse que amedronta os homens até hoje em dia. (BARBEIRO, 1976, p. 35).

Uma grande explicação e um dos sólidos confortos para o futuro vieram com uma religião nascida na região entre o Egito e Israel, em uma forma de fé que se tornaria um verdadeiro império: o império do Cristianismo. É uma religião pautada na vida de uma criança que já nasceu por um milagre, ou seja, do ventre de uma virgem.

A prática monoteísta³ começou com Abrão, que representa a obediência irrestrita e submissa a um só ser sobrenatural. Segundo os textos sagrados, Abraão⁴, saiu da sua terra e do meio da sua parentela para seguir um chamado de um Deus até então ignoto. A excelência da sua biografia se reflete nas ramificações de sua obediência: simplesmente as três maiores religiões monoteístas do mundo tiveram origem nas suas ações. São elas: o judaísmo, o cristianismo e o islamismo.

Sai-te da tua terra e da tua parentela, e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei. E far-te-ei uma grande nação, e abençoar-te-ei, e engrandecerei o teu nome, e tu serás uma benção. E abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; e em ti serão benditas todas as famílias da terra. (BÍBLIA SAGRADA. A. T., p. 12)

Essas promessas, transcritas aqui com todas as suas características primorosas e rebuscadas, atingiram com ímpeto não só os ouvidos e entranhas de Abraão. Ele se tornou o patriarca de três vertentes poderosas e suntuosas, com

³ Crença em apenas um único Deus. (MACKENZIE, 1983, p. 535)

⁴ Nome alterado por Deus que significa “pai das nações”.

influência em todos os povos, independente de classe social, faixa etária, sexo, cor e raça.

O retrato da vida de Abraão, suas experiências, atitudes e comportamentos conseguem motivar e influenciar a história de muitos indivíduos mundo afora. Dos seus dois filhos, a descendência de Isaque deu origem ao Judaísmo e ao Cristianismo, e as gerações posteriores a Ismael propiciaram o aparecimento do Islamismo. As doze tribos de Israel foram originadas pelos doze filhos de Jacó (filho de Isaque), contribuindo para a formação da identidade do povo judeu. Essa memória histórica foi preservada e transmitida de geração em geração, e essas informações, extremamente ricas em conteúdo no que se refere à política, cultura, economia etc., se transformaram em referências belas e gigantescas, capazes de inebriar seus admiradores até os dias atuais. Segundo pesquisas, dos quase 7 bilhões de pessoas que habitam o planeta, cerca de 2 bilhões são cristãos (CORDEIRO, 2009 p. 28-35).

O mundo esperava Jesus. Documentos religiosos e fiéis convictos disseminavam mensagens da vinda de Cristo. Antes de ele chegar, o reino de Israel, após o governo do afamado Salomão, filho de Davi, considerado o maior rei de Israel, foi dividido, e houve uma grande dispersão dos judeus para as comunidades aos arredores. A conservação dos princípios e a manutenção da unidade ideológica foram aos poucos sendo corrompida pelo universo helenístico.

Ideias, como a crença na vida eterna, no julgamento das almas e a concepção dualística do bem e do mal foram absorvidas pelo judaísmo. Quando a república romana estendeu seus domínios ao Médio Oriente, encontrou um poderoso aliado em Herodes, rei da Palestina. Este uniu-se aos romanos, intensificou o comércio e manteve a unidade política. Sua morte, em 4 a.C, assinalou a desintegração do reino. (BARBEIRO, 1976, p. 89).

Herodes, que era denominado “O Grande”, temeu a possível chegada de um novo rei, já que a esperança do povo era baseada em uma criança que chegaria para ser o “rei dos judeus”. Com isso, em uma decisão tirânica, ordenou que fossem mortos todos os judeus com até os dois anos de idade. O intuito era frustrar a ameaça que assombrava o seu palácio, mas ele não obteve êxito, faleceu logo após, e não teve tempo de tatear a verdadeira missão e objetivo monárquico de Jesus Cristo. Com isso, segundo os relatos bíblicos, aos doze anos o menino de Belém já discutia com os doutores. Profissionalmente ele era carpinteiro, mas foi com a

articulação das suas palavras e a sua mensagem impactante que despertou um novo sentimento nos habitantes das cidades circunvizinhas de Belém.

Com um discurso inspirador e recheado de ensinamentos, Jesus ofereceu saúde para alma, protegendo os medrosos, dando alento aos tristes, alimentando os pobres, curando os enfermos e fazendo um verdadeiro alvoroço com suas práticas milagrosas. Sua maratona missionária incluiu cobranças rígidas, exemplos de caridade, postura sofredora e venial, autoridade espiritual e uma confiança plena em Deus. Quando tinha 33 anos, Jesus foi submetido à vontade do pai, segundo os escritos bíblicos, sendo preso, julgado e crucificado.

O perdão aos companheiros de crucificação antes de morrer (materialmente), enfatizaram o propósito do seu labor e, as suas mãos abertas, um dos símbolos mais venerados e impregnados na cultura mundial, continuam reverberando com um impacto gigantesco e suntuoso na vida das pessoas. A abertura do seu braço era ínfima se pensado a partir do ponto de vista representativo. Suas mãos se estenderam pouco na sua morte, já que aqueles braços ainda abrigam, acolhem e abraçam centenas de milhões de indivíduos em todo o mundo.

Sua riqueza linguística no que diz respeito às parábolas que usava para fazer seus discursos repercute até hoje em muitas comparações e metáforas usadas em várias formas de rito e culto. O acesso a essas fantásticas histórias foi possível através da eclosão e revolução causada pelo invento de um homem chamado Johannes Gutenberg, um alemão que estruturou um novo formato de comunicação. Apesar de a China ter criado a impressão em gravuras, talhada em madeiras, o ourives alemão fez do seu grande desejo uma técnica que alterou o curso da história. Nem ele esperava tanto. Seus sonhos e suas pesquisas influenciaram o sistema econômico, social e cultural. Suas técnicas de impressão fizeram do conhecimento não mais um privilégio dos ricos e nem uma regalia de restritos eruditos da época. Na ânsia e persistência de realizar seu objetivo, ele quebrou o monopólio da Igreja. “Os perigos da leitura privada eram frequentemente discutidos. Agindo ou não como tranquilizante, a atividade era vista como perigosa, especialmente quando praticada por grupos subordinados, como mulheres e ‘gente comum’”. (BRIGGS; BURKE, 2006, p. 68). O clero da Igreja, que detinha o saber e era incontestável, foi vendo seu privilégio ruir diante de Gutenberg, que contribuiu para cimentar o caminho de diversas descobertas e invenções humanas.

Pessoas, empresas e veículos de comunicação usam a frase de que 'ler é poder'. Ou ainda. 'Conhecimento é poder'. É o poder que emana do mundo linguístico, do universo das palavras e, posteriormente, das confecções de frases, construção de ideias e implementação de soluções humanas. É um dos poderes que fazem o homem se livrar do cárcere da superstição e das amarras da religião, para criticar, questionar e entender o seu sentido na vida. É o poder que faltou para o homem antigo, para que pudesse filtrar as escassas informações que circulavam nas famílias da época.

2.1 A explicação através de Cristo

Muitos séculos depois, as dores e aflições continuam fazendo parte das sociedades, gerando medo e temor diante de situações em que o homem se sente indefeso e impotente. O homem, por mais conhecimento acadêmico, bagagem profissional e inteligência que possui, não tem como escapar das dores e reveses que a existência proporciona. Ao enfrentar uma situação embaraçosa ou desagradável, em que nota que não possui condições e recursos para lutar, o ser humano, devido às suas limitações psíquicas e físicas, esmorece, vindo a se sentir solitário, frágil, vulnerável e desamparado.

Os enormes passos dados pela humanidade no âmbito da descoberta e da inovação fizeram com que o ser humano regredisse no campo afetivo. Estresse, hipertensão e depressão são profundas mudanças pelas quais a sociedade passa, forçando a comunidade médica a desenvolver novas técnicas para patologias surgidas com o novo ritmo de vida.

Um capitalismo selvagem que obriga um preparo e um estudo cada vez maiores. Uma família que se perde na miríade de entretenimento e diversão e que se sucumbe diante de tantos aparatos tecnológicos. Reflexo disso são os almoços em frente dos computadores, os jantares em sintonia com os vídeos games e os diálogos cada vez mais escassos. Sem mencionar respeito, educação, responsabilidade, solidariedade e altruísmo.

A família, instituição fundamental da civilização, serve de escola e espelho para os recém-chegados à vida, sendo referências de ideias, costumes e atitudes, formando e construindo as novas gerações, conseqüentemente, a futura sociedade.

Família e religião são duas bases importantíssimas para as sociedades e têm a função de transmitir convenções sociais, reproduzindo valores que norteiam comportamentos morais, éticos e aceitáveis, permitindo uma relação pacífica e saudável entre as pessoas. Nesse contexto, a Igreja aplica os seus ensinamentos na construção de comunidades melhores. A promoção de valores que conduzam a paz e que conscientizem o ser humano em um estilo de vida equânime e fraterno é uma das premissas das Igrejas, entre elas católicas e evangélicas. Desenvolver e incentivar predicados e virtudes que tenham como escopo final o bem-estar do próximo está na gênese das organizações religiosas.

Com isso, surgem as diferentes ramificações religiosas, provenientes de várias leituras e interpretações bíblicas. Essa diversidade, às vezes, gera confusão e dúvidas nas pessoas, produzindo conflitos ideológicos muitas vezes mesquinhos sobre qual caminho seria a verdade ou qual instituição detém valores mais coerentes e doutrinas mais plausíveis. Catolicismo e neopentecostalismo são dois exemplos de que nem sempre anunciar um reino eterno é suficiente. As consequências são pessoas inseguras sobre que atitude tomar ou, ainda, qual Igreja seguir.

Os dois braços abertos de Jesus Cristo e a crença da sua ressurreição encerraram uma etapa do propósito divino, fecharam um ciclo da época e se tornaram um divisor de águas para a história do Cristianismo. Os seguidores de Cristo, tristes e lamentosos pela perda do mais eminente líder com que tiveram afinidade, se deparavam com um novo desafio: o de dar continuidade às ideias e objetivos do filho de José.

Os doze homens que o acompanharam, sendo eles: Pedro, Tiago filho de Zebedeu, João, André, Filipe, Bartolomeu, Mateus, Tomé, Tiago filho de Alfeu, Tadeu, Simão e Judas, tinham de dar seguimento à filosofia cristã com a aplicação de todos os ensinamentos que tinham aprendidos. Doze exceto um dos integrantes, que traiu a experiência e a amizade com Cristo por trinta moedas de prata. Mas o desfalque no time não foi sentido, já que eles ganharam um reforço de peso, que se chamava, até então, Saulo. Ele recebeu esse nome com a circuncisão e foi instruído por Gamaliel, um rabino prestigiado da época. Ele ocupava um cargo de grande influência, com vasto conhecimento do Antigo Testamento. Também era pertencente à seita dos fariseus, além de ser reconhecido pela sua habilidade em fazer tendas. Esse mesmo Saulo recebeu a incumbência dos sumos sacerdotes para perseguir os

cristãos. Ele presidiu o primeiro apedrejamento de Estevão, um cristão que, pelo sofrimento vivenciado, foi denominado o primeiro mártir. Saulo, na época, odiava a nova seita, não só desprezando o crucificado Messias, como considerando os seus discípulos um elemento perigoso, tanto para a religião como para o Estado. Este seu ódio mortal contra os discípulos de Jesus durou até o momento da sua conversão. (SÃO PAULO, c2002 - 2010)

Segundo relatos bíblicos, Saulo solicitou cartas ao sumo sacerdote para ir trabalhar em Damasco, trabalho esse que consistia em procurar membros da até então seita dos cristãos, tanto homens como mulheres, para que os conduzisse à prisão em Jerusalém. “E, indo no caminho, aconteceu que, chegando perto de Damasco, subitamente o cercou um resplendor de luz do céu. E, caindo em terra, ouviu uma voz que lhe dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues?” (BÍBLIA SAGRADA. N. T., p. 146)

A partir daí o que se delineou foi um diálogo entre o ilustre e recente morador desse planeta com aquele que seria lembrado para sempre pelas sociedades e civilizações. A história conta que, depois de cair em terra, com o resplendor da presença de Jesus, Saulo, assombrado com a ocasião, foi instruído por Cristo a ir até a cidade, onde receberia novas instruções. Ele foi e ali se hospedou, ficando três dias e três noites sem ver, sem comer e sem beber.

Em Damasco, Ananias, discípulo de Cristo, foi comunicado em visão pelo Senhor para que fosse encontrar com Saulo de Tarso. Na visão ele colocou a mão sobre os olhos do perseguidor da Igreja para que ele tornasse a enxergar. Porém, a relutância óbvia de Ananias foi externada, já que a fama de Saulo não era das melhores entre os cristãos, mas, de forma encorajadora, Cristo deliberou que ele fosse cumprir a missão que lhe tinha sido confiada.

“Disse-lhe, porém, o Senhor: Vai, porque este é para mim um vaso escolhido para levar o meu nome diante dos gentios⁵ e dos reis, e dos filhos de Israel” (BÍBLIA SAGRADA. N. T., p. 146). Dessa decisão divina e desse ponto histórico há uma fronteira que separa a antiga mentalidade dos judeus, que detinham todo o poder da salvação. O povo escolhido, separado, exclusivo e isolado, que caminhou com Moisés para a terra prometida e desfrutou do amparo e da proteção de Deus nas campanhas militares que enfrentou, tendo um grande aliado nas guerras com

⁵ Outras gentes, outras nações, outros povos.

inimigos militares e espirituais, agora se via diante de uma adoção incomensurável de irmãos.

A partir dessa data, a salvação também era para os gentios. Paulo começou a sua trajetória sem tanta pompa, mas se configurou como o maior homem depois de Jesus Cristo, no que se refere às Escrituras, atuando na região de Jerusalém, Macedônia, Ásia Menor e na Grécia. Depois de redigir 14 cartas aos seus companheiros de missão, às igrejas que visitava e às comunidades que frequentava, Paulo foi ganhando notoriedade ao ponto de despertar ciúmes de judeus helenistas⁶, que não conseguiam a mesma consagração e fama no ministério.

Paulo, que depois de um tempo de rivalidade se tornou uma egrégia figura da história cristã, passou por sofrimentos e lamúrias da mesma proporção que Jesus Cristo, contudo, na sua morte, em 64 d.C. não lhe coube a mesma morte por crucificação. Por ser cidadão romano Paulo não foi crucificado, mas decapitado.

Nesse ínterim, Roma foi incendiada pelo Imperador Nero, que implementou uma perseguição cruel aos que se diziam cristãos, em um terrível período de seis dias e sete noites. Com a óbvia repercussão, Nero culpou os próprios seguidores de Jesus Cristo pelo ocorrido, rotulando-os como inimigos do gênero humano. Tochas vivas para divertir o povo, com o ofício de emitir luz aos dias de celebração: essas foram as últimas ações dos cristãos queimados nos jardins do próprio imperador, propiciando uma lúdica forma de entretenimento. Sobre isso, disse Tácito (s.n.d *apud* ROLAND, 1987, p.10):

Nenhum meio humano, nem os gestos de generosidade do imperador, nem os ritos destinados a aplacar os deuses, faziam cessar o boato infame que queria que o incêndio tivesse sido decidido nas altas esferas. Por isso, para tentar sufocar esse boato, Nero acusou, culpou e entregou às torturas mais requintadas um grupo de pessoas que eram detestadas por sua imoralidade e que a multidão chamava cristãos.

Inspirados e valorizados por aquela nova missão, os apóstolos, a partir do trabalho de Paulo, se viram diante de uma cruzada em favor da fé. De grão em grão,

⁶ “Judaísmo Helenista é o termo oficial para as crenças e costumes de judeus que adotaram o idioma grego e a filosofia e pensamento de sua cultura helenista. A palavra Helenista é dada ao período da história que começou com a morte de Alexandre o Grande em 323 a.C. e terminou com a conquista romana em 30 d.C. do maior vestígio do império de Alexandre, o Egito de Cleópatra. Eventualmente, o termo passou a ser aplicado à cultura do Império Romano também. Embora Roma tenha alcançado a supremacia militar e política em todo o mundo Mediterrâneo, ela adotou a cultura do mundo helenista que precedeu sua ascensão ao poder”. (NASH, 2009).

ou melhor, de conversão em conversão, os responsáveis por publicar a vida e o propósito de Jesus aumentaram as estatísticas de cristãos da época, fortaleceram a mensagem da salvação e, sem armas e recursos militares, enfrentaram a sociedade, a tendência cultural e toda a maioria religiosa da época. Sendo na sua maior parte iletrados, os adeptos do que viria ser uma das maiores forças religiosas de todos os tempos sabiam não apenas expor aqueles novos ensinamentos. Eles viviam aquela fé mais do que tudo. A Bíblia não é composta de estudos aprofundados, temas complexos e sistêmicas conexões científicas. Como mesmo disse Jesus e, logo depois seus fiéis apóstolos, a essência de toda a explicação espiritual cultuada e disseminada pelos cristãos está no amor.

Por amor aos homens, Deus enviou Jesus à terra. Por amor aos homens, Jesus morreu. Por amor aos homens, os apóstolos foram ensinar e difundir aquela mensagem que modificou e deu alento aos seguidores primitivos. A Igreja que se consolida é baseada nesse amor e na experiência de vida, com a ajuda daquele que é chamado de *O Consolador*, ou, o *Espírito Santo*.

Antes de ser crucificado, Jesus, fazendo mais um dos seus discursos aos discípulos, ensinando-os o caminho que ele chamava de a verdade e a vida, lembrou: “Todavia, digo-vos a verdade: que vos convém que eu vá, porque, se eu não for, o Consolador não virá a vós; mas, se eu for. Enviar-vos-lo-ei” (BÍBLIA SAGRADA. N. T., p. 128) No mesmo capítulo, um pouco mais adiante, reforçou Jesus: “Mas, quando vier aquele Espírito da verdade, ele vos guiará em toda a verdade, porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará o que há de vir”. Segundo estudos, o *Espírito Santo* não apenas permitirá que os pecadores (homens assim chamados por não seguirem a doutrina espiritual vigente) compreendam e aceitem as novas concepções cristãs, mas também que os seguidores que já se converteram venham a corrigir eventuais ações e comportamentos que não condizem com os princípios fomentados por Jesus.

“De posse” dessa privilegiada situação, ou diga-se, benção, os discípulos deram origem a um trabalho no campo mais eficiente já visto. Sem estratégias mercadológicas, planejamento financeiro, palestras motivacionais e encontros para aferir resultados, os apóstolos, sem patrocínio e apoio cultural, foram em busca de atingir seus objetivos espirituais. Eles não tinham metas financeiras, prêmios, comissões e estímulos para a carreira, mas apenas inebriados com a possibilidade de prestar um serviço espiritual eficiente para aquele a quem admiravam e amavam.

Com isso, houve uma expansão meteórica das convicções cristãs, atingindo uma amplitude considerável.

Depois do episódio lamentável protagonizado por Nero e mencionado linhas atrás, as décadas se passaram, mas a perseguição só mudou de endereço e de nome. Nos primórdios, o contexto geográfico e histórico no que diz respeito à infraestrutura propiciou que as mensagens de Cristo se propagassem com mais facilidade. Os viajantes, mercadores, escravos e transportadores aproveitavam das relações humanas, da acessibilidade aos portos e da segurança das estradas para anunciar as *Boas Novas*. A questão é que os dias se passavam e a crueldade dos homens parecia que se aperfeiçoava. Apesar de Jerusalém ter sido aniquilada por Tito no período de 70 d.C., os cristãos contavam com Roma como o berço e centro cristão da época, e com as missões e os serviços espirituais dos apóstolos para atrair novos adeptos de língua grega, do Oriente e da Ásia. Luiz Cechinato (1996, p. 46) escreveu sobre o avanço surpreendente do Cristianismo:

A vida dos pagãos⁷ assentava-se sobre a mentira das fábulas, enquanto a vida dos cristãos apoiava-se na verdade do Evangelho; os pagãos viviam o egoísmo, ao passo que os cristãos se amavam uns aos outros; os deuses dos pagãos não mereciam crédito, porque eram deuses mortos, nascidos da mitologia; enquanto os cristãos punham sua fé em Cristo Ressuscitado, Deus vivo e verdadeiro.

Segundo o autor, os pagãos notaram outro aspecto, que se referia à moral. O evangelho tinha um 'código' diferente e valorizava a mulher, a pessoa humana, o pobre e o escravo, o que era considerado elevado para a época. A postura dos cristãos no que tange ao respeito e ao modo de vida, num relacionamento que prezava pelo apoio mútuo, pela contribuição um com o outro, pela compreensão e altruísmo, foram os fatores que propiciaram o crescimento do Cristianismo, e, com isso, a sua valorização.

Na época de Domiciano, que vai de 81 d.C. a 96 d.C., as hostilidades e maus-tratos aos cristãos continuaram. A religião cristã registrou um crescimento na última década do século I, mas, mesmo atraindo simpatizantes que faziam parte do círculo pessoal do imperador, foram espoliados e golpeados. Logo após Domiciano, Trajano assumiu o império e articulou maiores poderes ao estadista, agregando a si poder e

⁷ Em português, pagãos são politeístas ou idólatras. O Antigo Testamento não possui um termo especial para designá-los e diz: "às nações", "os gentios" (*goim*, em grego: *ethne*). Os autores do Novo Testamento continuam chamando *ethne* os não-judeus, mesmo que tenham aderido a Cristo pelo batismo (At 15,5 etc.). (MONLOUBOU, L.; DU BUIT, F. M, 1996 p. 577-8).

autoridade até antes não vistas. Trajano alterou uma diretriz política da época e deliberou que os cristãos para, norma de conduta, são ateus, e que, se forem convictos devem castigá-los, mas não se deve procurá-los. Logo após o governo de Trajano, vieram “Adriano (117-138), Antonio Pio (138-161) e Marco Aurélio (161-180) que, segundo dados históricos, não fizeram nada para agravar a legislação anticristã” (PIERRARD, 1982, p. 28). Essa situação não foi reflexo de um momento confortável e animador para os seguidores de Cristo, já que havia muita inveja, patriotismo exagerado, antagonismo e maledicência no período e, por essa ocasião, os cristãos foram julgados e condenados em tribunais, sendo minorias injustiçadas. Os cristãos sofreram novamente pela falta de respeito e o preconceito existente, e mais uma vez provaram de um tempo de agravos à própria dignidade.

Após essa época, o imperador a sentar no trono, vestir a roupa real, pegar no cajado reluzente e amaldiçoar o grupo cristão foi Setímio Severo. Na África e no Egito, o Cristianismo estava progredindo de maneira considerável e a nova deliberação do imperador foi de que os cristãos tinham que ser procurados. Para quê? Agora podemos dizer claramente que eram para maltratá-los e vitimá-los. Segundo Severo, que fez jus ao próprio nome, os homens da lei não deveriam esperar as denúncias, mas sim ir atrás dos cristãos. As perseguições não eram os únicos motivos pelo qual o cristão devia se preocupar. Havia também uma nova mentalidade daqueles ensinamentos religiosos, que era chamada de gnose⁸. Os mais afamados defensores da doutrina gnóstica foram Valentino e Cerdom.

Segundo Cechinato (1996), os princípios do Gnosticismo estavam presentes e borbulhantes depois da morte do menino de Nazaré. Quando Paulo escreveu, na Carta aos Colossenses, no capítulo 2, versículo 8, para que os cristãos tomassem cuidado para ninguém se seduzisse por vãs e enganosas filosofias, segundo as tradições dos homens e a sabedoria deste mundo, e não segundo Cristo, o maior disseminador das ideias cristã estava se referindo à Gnose, uma pedra no sapato para os fiéis da época.

A constituição da gnose como adversária e empecilho para a Igreja que estava no período da sua infância é que o fator que abrange a transcendência divina é negado, deturpando, por conseguinte, um dos aspectos triunfantes lançado por

⁸ Segundo a Etimologia Grega quer dizer conhecimento. Pode ser qualificada de gnose toda doutrina segundo a qual o homem só consegue a salvação através do conhecimento. (MONLOUBOU, L.; DU BUIT, F. M, 1996).

Jesus, crido por seus apóstolos, disseminado por seus discípulos e vivenciado pelas gerações seguintes. Mas, mesmo diante de todos os obstáculos, a tocha cristã foi passando de mãos em mãos, sendo que a maioria dessas mãos eram ambiciosas, persistentes e crédulas, que se dedicavam por completo às doutrinas de Cristo, não só verbalizando, discursando e vivendo de maneira organizada em comunidades, como uma formal instituição, mas se doando em busca de uma causa que tinha como único ganho a salvação da alma, sem mais nenhuma honraria social.

Durante o século II, a Igreja progride por toda a parte. Na Ásia, onde as comunidades se multiplicam [...]. Alcança a Mesopotâmia. No Ocidente, da Ilíria à Espanha, implanta-se uma centena de igrejas: a Itália central, o sul da Gália e a costa da Mediterrânea são as zonas mais favorecidas. A (grande) Bretanha e a Sicília conhecem Cristo; encontram-se cristãos nas cidades-fronteiras, face aos bárbaros, na margem esquerda do Reno e na margem direita do Danúbio. O norte da África abre-se amplamente para o Evangelho: por volta de 235, um concílio reúne uma centena de bispos em torno do bispo de Cartago. (PIERRARD, 1982, p. 26).

No terceiro século depois de Cristo, o Cristianismo já tinha avançado e conquistado seu espaço, adentrando até as classes mais nobres. Como mesmo disse Cechinato (1996), os imperadores romanos perceberam que o poder das armas não conseguia extinguir o poder da fé.

Desde o ano 306, eram dois imperadores: Maxêncio e Constantino. O primeiro havia-se intitulado imperador; o segundo tinha sido aclamado tal pelos soldados. Tanto um como outro ambicionavam tornar-se senhor absoluto (CECHINATO, 1996). Um pouco antes, no reinado do imperador Galério, houve um aceno de que aquele pensamento e ideal cristãos estavam se fortalecendo. É que ele publicou um edital quando estava diante de uma doença incurável, solicitando aos cristãos que o apresentassem na oração. Galério, que no início do seu 'governo' seguiu os mesmos passos de Diocleciano, imperador anterior que perseguia os cristãos, teve um comportamento que, até então, nenhum imperador pagão tinha tido. "Um trecho do edital dizia o seguinte: Em reconhecimento de nossa benignidade, os cristãos devem pedir a Deus pela nossa saúde e para que a República usufrua de plena prosperidade e eles possam viver em segurança completa" (CECHINATO, 1996, p. 73).

Maxêncio e Constantino travaram uma guerra pessoal para ficarem com o poder total do império, e foi nessa rivalidade que o Cristianismo viu seu maior triunfo

ocorrer. A história conta que, junto à Ponte Mílvia, no dia 28 de outubro do ano 312, encerrou-se a luta pelo poder, e relatos da época contam que Constantino viu no céu uma cruz com a inscrição: “*In hoc signo vinces*”, que quer dizer: com este sinal vencerás. O homem culto e erudito havia vencido, adquirido fama, fazendo um bom governo e acumulando honrosas vitórias.

Mas (Constantino) ficou na história, sobretudo pela sua conversão e pela liberdade definitiva que deu aos cristãos. Essa liberdade veio com o edito de Milão, no ano 313, no qual Constantino dizia: “Havemos por bem anular por completo todas as restrições contidas em decretos anteriores, acerca dos cristãos – restrições odiosas e indignas de nossa clemência – e dar total liberdade aos que quiserem praticar a religião cristã. (CECHINATO, 1996, p. 75).

O paraíso pregado por Jesus Cristo e esperado pelos fiéis era o maior estímulo para que aquela mensagem continuasse florescendo, produzindo frutos, isto é, crescendo a ponto de aumentar em taxa exponencial o número de convertidos cristãos. Todavia, esse paraíso foi sentido um pouco no próprio Império Romano pelos cristãos primitivos, que ficaram extremamente aliviados pela mitigação da perseguição que sofriam.

2.2 O Concílio de Nicéia

Independentemente das necessidades financeiras, políticas e sociais, o abrandamento do poder instituído na relação com a doutrina do menino de Nazaré deu fôlego aos renitentes e perseverantes homens da época, permitindo que, por um período curto, tivessem um pouco mais de liberdade para professarem a fé que tanto os faziam sonhar. Mas esse paraíso foi um pouco maculado por um vento discordante. Dessa vez, o que se difundiu no final da segunda década do terceiro século foi uma heresia⁹ criada por Ário, sacerdote de Alexandria. A interpretação dele era a de que Cristo era o mais perfeito de todos os seres humanos, adornado de todas as virtudes, mas não era um Deus. Para Cechinato (1996), o arianismo era pior que um cisma, pois negava a divindade da fé, o que, segundo ele, é uma verdade da fé.

⁹ (Gr. *Haeresis*. Essa palavra era usada essencialmente no sentido de “tomar”, i.e., “escolher”). (MACKENZIE, 1983).

Ário baseava-se em algumas frases do Evangelho que falavam que Jesus era inferior ao Pai. Por exemplo, Cristo disse: “O Pai é maior que eu (Jô 14,28). Daí Ário tirou essa conclusão: se Jesus é inferior ao pai, Ele não é Deus, como o Pai, mas uma criatura. (CECHINATO, 1996, p. 83).

O primeiro Concílio de Nicéia foi mais que um divisor de águas. Ele delimitou fronteiras, mudou conceitos, alterou o processo geopolítico da época e abriu uma nova perspectiva aos religiosos. Esse ajuntamento serviu como processo de unificação, processo de paz e processo de mudança, que criou uma nova extensão religiosa da história. É óbvio: para se defender contra o Arianismo. Pensado e implementado por Constantino, que exercia autoridade na Bretanha, Gália e Espanha, essa assembleia teve a intenção de unificar o império em torno de uma religião, impedindo vozes discordantes e promovendo um poder político equilibrado e pacífico (ROBERTO C.P. JUNIOR, 1997).

Constantino, que aos poucos foi tomando o poder entre todo o Império Romano, sabia que, apesar de representar apenas 10% da população, o espírito aguerrido e persistente dos cristãos era importante para minar a força adversária, possibilitando que seu reinado fosse mais equânime. A estratégia não era espiritual, mas sim política, e tinha como foco apenas o seu domínio.

Sobre essa questão, (ROBERTO C.P. JUNIOR, 1997, p. 6) escreveu:

As Igrejas Cristãs hoje em dia dizem que Constantino foi o primeiro Imperador Cristão, mas seu "cristianismo" tinha motivação apenas política. É altamente duvidoso que ele realmente aceitasse a Doutrina Cristã. Ele mandou matar um de seus filhos, além de um sobrinho, seu cunhado e possivelmente uma de suas esposas. Ele manteve seu título de alto sacerdote de uma religião pagã até o fim da vida e só foi batizado em seu leito de morte.

No Concílio, foram convocados 300 bispos, sendo que o local antigo atualmente fica na província de Anatólia, na Turquia Asiática, que se chama hoje Iznik. Constantino era um estadista, adepto do culto pagão ao “Sol Invictus”. Esse ajuntamento levou em consideração duas correntes de interpretação do período: primeira era a doutrina de Arius, que dizia que Jesus Cristo era um ser criado, e a segunda se baseava na forma de pensamento de Atanásio, que tinha na sua concepção que Jesus Cristo era igual e eterno como Deus. Venceu a segunda opção, que fez com que a mentalidade, os pensamentos e a base dessa crença fossem mudados para toda a história.

Ao rejeitar a ideia ariana e escolher a segunda, mais de 300 evangelhos foram deliberadamente destituídos, derrubados, suplantados, ou seja, simplesmente jogados no lixo. Não serviram mais. Tomé e Felipe não suportariam tamanha indiferença e humilhação se estivessem vivos. Estima-se que ao todo eram cerca de 315 Evangelhos no início do Cristianismo e essa edição reflete a ecleticidade de pensamento e leitura da realidade religiosa da época. Falando-se de seleção, houve uma completa reformulação da Bíblia tal como ela é hoje. Os livros de Macabeus, Enoque, entre outros, também não faziam mais parte daquele que seria a maior fonte de padrão e referência de valores da humanidade.

O argumento utilizado pela maioria dos bispos na decisão de permanecer com os quatro evangelhos que pertencem à Bíblia (Mateus, Marcos, Lucas e João), foi classificado de frágil por Roberto (1997). Ele faz uso da declaração do bispo Irineu, de Lyon, na explicação do ocorrido:

O evangelho é a coluna da Igreja, a Igreja está espalhada por todo o mundo, o mundo tem quatro regiões, e convém, portanto, que haja também quatro evangelhos. O evangelho é o sopro do vento divino da vida para os homens, e, pois, como há quatro ventos cardiais, daí a necessidade de quatro evangelhos. [...] O Verbo criador do Universo reina e brilha sobre os querubins, os querubins têm quatro formas, eis porque o Verbo nos obsequiou com quatro evangelhos. (ROBERTO C.P. JUNIOR, 1997).

A estratégia tinha dado certo e foi realizada com sucesso no princípio. Constantino conseguiu manter seu poder e impedir revoltas em massa, mas os problemas não cessaram de vez. Os bispos que não votaram a favor do Cristianismo como religião oficial do Império foram exilados, mas, passado um tempo, voltaram e se juntaram ao grupo de Arius, que articulou uma manobra para influenciar a população. Atanásio, que representava a concepção espiritual e divina de Cristo, foi excluído com a restauração dos arianistas (facção formada pelos seguidores de Arius) e, depois da morte de Constantino, os adeptos dessas ideias foram condenados.

Chegando a uma situação pouco sustentável, foi necessária a autoridade de Teodósio (379-395) para que, num edital assinado em Tessalônica (28 de fevereiro de 380), todos os povos submetidos ao Império fossem chamados a aderir à fé transmitida aos romanos pelo apóstolo Pedro, à fé professada pelo pontífice Damaso e pelo bispo de Alexandria, ou seja, o reconhecimento da santa trindade do Pai, do Filho e do Espírito Santo. (PIERRARD, 1982, p. 43).

Essa questão foi levantada por um herege chamado Macedônio, que espalhou que o *Espírito Santo* não era Deus, mas sim uma criatura de Deus. É aí que surge o Concílio de Constantinopla, o segundo concílio ecumênico realizado. Além de reestruturar e reforçar as deliberações do Concílio de Nicéia e de abranger a divindade do *Espírito Santo*, o catolicismo moderno foi privilegiado, já que se tornou a religião oficial de todo o universo romano, cimentando o caminho da Igreja Católica. Dessa forma, ela poderia embasar toda a sua política e o seu poder como referência em Jesus Cristo como Deus. A intenção, concretizada e alcançada logo após o Concílio, era a de vincular todo o prestígio, autoridade e credibilidade da pessoa de Jesus com o poder, autoridade e a credibilidade da Igreja.

No concílio, ficou declarado que Deus dava a vida e que, com Deus, Jesus Cristo era para ser adorado e glorificado. Também ficou 'ratificado' que Deus falou pelos profetas. Essa decisão influencia as sociedades até o dia de hoje. O concílio não parou por aí no que se refere às adequações que foram feitas a favor do cristão:

O velho politeísmo romano foi atacado e os benefícios em privilégios fiscais e judiciários foram concedidos aos cristãos. Ademais, os bens confiscados por templos pagãos foram entregues às igrejas que, ajudadas pelos benefícios imperiais tornaram-se ricas. (PIERRARD, 1982, p. 43).

Depois disso, o século IV foi um tempo em que os padres que faziam parte da classe mais rica da sociedade governaram à Igreja e tiveram um tempo de bonança e respeito. Nesse século surgem grandes homens, que até hoje são normas fortes para o 'segmento espiritual'. Ambrósio, por exemplo, foi um dos grandes personagens que fizeram parte da história. Grande orador, ele lutou contra o paganismo, pretendendo desvinculá-lo do Estado.

Além dele, surgiu em 357, do outro lado do Mediterrâneo, no Norte da África, um homem que construiu um patrimônio suntuoso, literalmente falando, e seus pensamentos foram um legado que inspira, ensina e serve de fonte para estudiosos do mundo todo. Ele foi o Santo Agostinho. Antes de aderir à fé cristã, Agostinho foi para Cartago com o intuito de se aprimorar nos estudos, e teve uma vida moral degradante. Antes dos vinte anos já tinha um filho com uma concubina, e foi em Milão e Roma que ele se tornou um ilustre professor de oratória. Praticante do maniqueísmo, que atribuía realidade substancial tanto ao bem como ao mal, julgando achar neste dualismo maniqueu a solução do problema do mal e, por

consequência, uma justificação da sua vida, Agostinho mudou seus pensamentos e repensou seus comportamentos depois de um evento sobrenatural.

Certo dia, Agostinho estava à beira de uma figueira e ouviu um voz que lhe dizia: “Toma e lê”. Então ele pegou o primeiro livro que encontrou e começou a ler. Era uma carta de São Paulo. Estava escrito: “Caminhe como de dia, honestamente. Nada de orgia e bebedeira. Nada de desonestidade e dissoluções. Nada de contendas e ciúmes. Ao contrário: revesti-vos do Senhor Jesus Cristo, e não vos entreguei aos prazeres da carne e aos seus desejos” (CECHINATO, 1996, p. 98).

A história irradia a informação que, depois de presenciar a homilia de Santo Ambrósio, Agostinho refletiu sobre a sua existência e se sentiu pequeno diante do universo religioso pregado, dizendo que de nada valia a sua sabedoria. Ele desenvolveu uma forma de filosofia cristã, e seus sermões, *a priori*, tinham a intenção de esclarecer e instruir apenas os fiéis da época, mas se tornaram uma rica e célebre fonte de conhecimento e meditação para as gerações futuras. Quatro anos depois do batismo, Agostinho foi ordenado bispo e foi considerado o grande Bispo de Hipona. O imortal Doutor da Igreja deixou um legado profundo e reflexivo para a humanidade. Sobre sua relação com Deus, há uma declaração forte, que pela colocação das palavras demonstra um sentimento de gratidão vivo e fumegante por Deus.

Tarde te amei, Beleza sempre antiga e sempre nova! Tarde te amei!
Tu estavas em mim, e eu te procurava fora de mim. Naquelas mesmas coisas que criaste para que eu te achasse, meu coração maluco encontrava motivo para desviar-me de ti. Estavas comigo sem eu estar contigo. (CECHINATO, 1996, p. 99).

A declaração de amor emitida por Agostinho, que reconheceu sua ignorância antes do batismo e entendeu que seus comportamentos eram extremamente degradantes, engendrou um arrependimento profundo, o que implicou, depois dessa data, uma reflexão diferente. Emergia outra compreensão de Agostinho, e a sua leitura da realidade era referenciada pela vida de um homem que não escreveu nenhum livro, mas deixou o legado mais forte que a humanidade já recebeu. Esse homem foi Cristo.

Agostinho foi um homem com opiniões fortes. Foi dele uma interpretação muito discutida, desde aquela época até os dias de hoje. Segundo ele, Deus criava as pessoas e dava a elas um destino certo e premeditado. Era a predestinação. A possibilidade de os homens alcançarem a salvação e as características que os

diferenciavam dependiam única e exclusivamente de Deus. Essa teoria causou celeuma intelectual, e o caráter agudo das asserções de Paulo dividiam os bispos.

A predestinação, como explicavam por sua vez os marselheses (monges de Marselha), não se baseia somente na predileção de Deus, mas também na sua presciência divina, enquanto elegera para a beatitude os que prevê se tornarão dignos de eleição; predestinação, portanto, condicionada (*praevisionem meritum*), não absoluta, enquanto que a vontade salvífica de Deus permanece geral e se estende a todos. Contudo, e aqui os marselheses erravam (como também Agostinho antes de 396, bem como certo Vitalis de Cartago, segundo refere Agostinho, Ep. 217), o *initium fidei*, isto é, o primeiro desejo de salvação, pode vir também do homem, embora a obra não possa depois cumprir-se sem a graça. (BIHLMEYER, 1963, p. 291).

A posição da Igreja no século IV foi a de prestar serviço espiritual e participar ativamente da vida de pessoas pouco favorecidas, sendo aliada da civilização no que diz respeito ao contexto social, porém, de maneira rasa. Sempre convivendo com a corrupção, a seca e outras correntes adversárias, os cristãos agiam de maneira mais organizada, mas tiveram várias frustrações com os objetivos que não conseguiram atingir. Incluídas nessas lutas estão: o terror, a tirania, a crueldade, a generalização da tortura e do regime pré-feudal e o abandono de crianças.

Desde o Pelagianismo, pensamento instituído por um monge chamado Pelágio, que tinha uma valorização excessiva pelas obras em detrimento do poder da graça de Deus, passando pelos Concílios e chegando até a evangelização da Irlanda, o século IV foi bem movimentado, mas com discussões baseadas na divergência entre o pensamento original oriundo dos elementos 'institucionalizados' no Concílio de Nicéia e as heresias, assim chamadas por lançarem outras interpretações da mensagem aderida e valorizada até então.

Pelágio, que tinha um ex-monge Celéstio como 'colaborador', viu sua ideia ruir no Sínodo de Cartago e no Concílio de Éfeso e, suas reflexões sobre o potencial da criatura humana em atingir à perfeição, posteriormente à salvação, não vingaram. Para ele, o homem não possuía pecado original e, se tivesse apenas o desejo de alcançar o estado da pureza, mesmo sem a ajuda de Deus, ele alcançaria.

No Concílio de Éfeso, além do pelagianismo, foi tratada a questão que envolvia o nestorianismo. Mais uma vez surgia uma interpretação diferente daquela mais velha, mais antiga, mais aceita, e, com todas essas características, claramente a mais forte. Nestorianismo teve origem a partir de Nestório, Patriarca de Constantinopla, no período de 422 a 432. Ele entendeu, lendo os textos sagrados e

diante do conceito de que Jesus tinha duas naturezas, tanto espiritual como humana, que Jesus era, na verdade, duas pessoas, a Pessoa divina e a Pessoa humana. O corolário desse pensamento foi afirmar que Maria não era mãe de Deus.

Uma manifestação importante desse fato foi que, ao lado de fora do local onde se fazia o concílio, muitas pessoas aguardavam para ter a ciência de qual conhecimento era verdadeiro. Ou seja: a implicação disso é a dependência de uma Igreja e de uma organização hierárquica para se chegar a ‘uma verdade’. As pessoas que estavam na praça não buscaram nos arquivos da memória a relação que Deus tinha com o homem, que era uma relação bem próxima.

Segundo a Bíblia, Deus falou com pequenos, com grandes, com camponeses, com reis, com crianças, com mulheres, ou seja, a comunicação com Deus existia. O que impressiona nessa questão são o poder e o prestígio da Igreja, que é mais do que uma organização, uma instituição. O que ficou gravado como um episódio único foi a reação das pessoas que aguardavam o pronunciamento sobre o concílio. Ao ficar sabendo da caracterização de Maria como mãe de Jesus, quem ali estava foi às ruas comemorar o veredicto, participando de maneira singular do acontecimento.

Mas este concílio não foi o único. Em 451, 20 anos depois do Concílio de Éfeso, mais uma decisão era tomada acerca de um pensamento novo que surgia. Era mais uma heresia, mais uma ideia diferente daquela pregada e vivida pelos cristãos. Tudo começou com Êutiques, monge de Constantinopla, que desenvolveu o “monofisismo”, que significa “uma só natureza”, e discordou com incisividade do caráter autêntico do lado humano de Cristo. Segundo ele, em Jesus, a natureza divina absorvia a humana.

Diante disso, em 448, o Patriarca Flaviano fez um sínodo em Constantinopla e mostrou a Êutiques o seu erro. Este, porém, reagiu e intensificou a difusão do monofisismo. Então Flaviano expôs o problema ao papa, pedindo uma palavra oficial. Leão Magno escreveu a famosa Carta Dogmática, na qual afirmou que Jesus é o verdadeiro deus e verdadeiro Homem. Êutiques rejeitou a Carta do papa e fez um sínodo em Éfeso no ano de 449, com o apoio do imperador Teodósio II do terrível Patriarca de Alexandria, que presidiu o sínodo. Os representantes do papa foram impedidos de falar, e a “Carta Dogmática” não pôde ser lida. Dióscoro até “excomungou” o Papa. E o imperador mandou para o exílio os bispos fiéis à Roma. Flaviano faleceu no caminho do exílio, devido aos maus tratos. Esse sínodo ficou chamado “Latrocínio de Éfeso”. (CECHINATO, 1996, p. 107).

Foi aí que o imperador caiu do cavalo. Não é um sentido figurado. Não é uma conotação. É que, literalmente, ele caiu do cavalo. E morreu. Com isso, voltaram do exílio os papas favoráveis à interpretação que tinha a Igreja. Foi realizado um Concílio para se chegar a uma conclusão. Esse concílio foi o de Calcedônia e, a decisão? É óbvia: ganhou a Igreja. Em Cristo, segundo a resolução da Igreja, há uma só Pessoa, sendo que existem nela duas naturezas. Diante dessa deliberação, eles eliminaram qualquer entendimento dúbio, condenaram o monofisismo e apagaram qualquer confusão causada por Êutiques.

Só que os problemas da Igreja no século IV não foram apenas no campo das ideias. Mesmo tendo de defender a doutrina, a interpretação, os pensamentos e os conceitos cristãos, eles também tinham de se articular para se defender de um inimigo que, além de pensar diferente, trazia danos físicos. Esse inimigo tinha nome: os bárbaros. Naquela época os romanos chamavam de bárbaros os povos que não faziam parte dos domínios do império. Os bárbaros habitavam a região chamada Germânia, que fica atualmente na Alemanha e algumas regiões vizinhas. Eram tribos guerreiras, fortes e algumas até nômades, e se aboletavam até a extensão depois do Reno e do Danúbio.

As invasões começaram pela África, Espanha, Grécia e França, sob o comando de Alarico. Em 405, Radagásio (general de Alarico) marchou contra Roma, com 200 mil soldados. Houve resistência. Estilício (general do imperador Honório) derrotou o invasor. Em 452, o terrível Átila estava para invadir Roma: contudo desistiu, a pedido do Papa Leão, como já vimos. Átila, rei dos hunos, era o terror universal. Foi até chamado “Flagelo de Deus”. Os hunos eram guerreiros, de cor amarelada. Moravam entre o Mar Negro e o Báltico. Eram cruéis. Por onde passavam com suas tropas, devastavam e saqueavam tudo. Após invadir muitas cidades da França, Átila morreu num banquete, em 453. (CECHINATO, 1996, p. 111).

Os sangrentos confrontos acenaram com a revelação da vulnerabilidade do Império Romano, e uma marca profunda e de separação começou a se apresentar. Estava chegando a Idade Média. Passaram-se alguns anos, algumas batalhas, algumas hostilidades e, mais uma vez, a fé dos cristãos triunfou. O começo da derrocada foi possível através da conversão de Clóvis, rei dos francos, que por sua vez eram nômades, cosmopolitas, com comportamentos agressivos, que são lembrados pela crueldade que agiam e pelo lado desumano que transpareciam.

Clóvis liderou uma campanha para defender seu território dos alanos, um grupo que queria tomar o seu reinado. Com a necessidade da vitória, ele procurou refúgio no “inimigo”. Esse inimigo eram os cristãos e, conseqüentemente, podemos considerar também que ele tinha como adversário o Deus dos cristãos. Se ele perseguia era por que não cria, mas essa incredulidade foi água abaixo após a primeira necessidade sentida por Clóvis. Ele simplesmente teve a ousadia de pedir proteção e ajuda ao Deus pelo qual discordava, ao Deus que ele não amava. Mas, coincidência ou não, o êxito foi alcançado, e essa sua conversão iniciou o processo de paz entre os bárbaros e os cristãos.

Muitas alterações foram sentidas no âmbito religioso e político da sociedade da época. Apesar de surgir um princípio de aceitação das mensagens de Cristo, a verdade é que os bárbaros já tinham invadido Roma a partir de 455, data apontada pelos historiadores como ponto de partida da Idade Média. Os muros que dividem a época, e que fizeram despedaçar o Mundo Antigo, receberam as primeiras marteladas desde que Teodósio morreu, em 395. A partir disso, houve duas vertentes no modo de comportamentos, tanto do Oriente quanto do Ocidente. Os germânicos simplesmente foram maiorais nas forças armadas e a presença deles deu outra face à época.

Desde o tempo de Teodósio (378 - 395), a pressão germânica sobre o Ocidente não parou de crescer. Naturalmente, para fazer frente às ameaças externas, Roma viu-se na contingência de assegurar a arrecadação de impostos. Porém, a sua base econômica debilitada suportava cada vez menos o ônus da defesa. Como conseqüência, o peso da situação foi minando gradualmente a parte ocidental, acarretando um grave processo de decomposição. Assim, Roma viu-se num terrível círculo vicioso: as incursões germânicas desorganizavam a economia, reduzindo a capacidade dos romanos de pagar impostos e, em conseqüência, enfraqueciam o poder militar do Estado. Paralelamente, outro fator, não menos importante, atuava contra a parte ocidental: à medida que o Estado se enfraquecia, a nobreza latifundiária, muitas vezes aliada aos chefes militares, reforçava a sua autonomia, aprofundando a debilidade do governo imperial. Tudo isso ocorria no exato momento em que as ameaças germânicas requeriam, mais do que nunca, uma ação coesa e coordenada do Estado. Essa desintegração interna do Império Romano do Ocidente contribuiu decisivamente para o êxito dos ataques germânicos. (HISTÓRIA..., [200-?])

Para falarmos da Idade Média, não podemos deixar de falar sobre a Igreja e para falar de Igreja, não devemos desassociá-la da Idade Média. Elas estão intrinsecamente ligadas. Em todas as características medievais aparece um traço

católico, já que a sua influência e o seu papel foram determinantes para a construção de pensamentos, ideias e organizações. A desintegração do Império Romano do Ocidente abriu espaço para o surgimento de novas formas de interpretação do mundo, de novas maneiras de vivência e também de trabalho. Com a delimitação daquele período que se estenderia até o século XV, que ficou conhecido como Renascentista, houve uma nova caracterização de sociedade, com tendências que contribuíram para o surgimento do feudalismo, o desenvolvimento dos reinos dos bárbaros, a economia com alicerce no setor rural, o aparecimento dos árabes, a formação do Império Bizantino e a hegemonia da Igreja Católica.

O colapso do Império Romano sentiu um de seus maiores golpes quando, em 395, o imperador Teodósio dividiu os territórios em Império Romano do Ocidente e do Oriente. Em 330, o imperador Constantino criou a cidade de Constantinopla no local onde anteriormente localizava-se a colônia grega de Bizâncio. Não sentindo os reflexos da desintegração do Império Romano, a cidade de Constantinopla aproveitou de sua posição estratégica para transformar-se em um importante centro comercial. Cercada por águas e uma imponente fortificação, a cidade de Constantinopla tornou-se uma salvaguarda aos conflitos que marcaram o início da Idade Média. Com o passar do tempo, o Império Bizantino alcançou seu esplendor graças à sua prosperidade econômica e seu governo centralizado. No governo de Justiniano (527 – 565), o império implementou um projeto de expansão territorial que visava recuperar o antigo esplendor vivido pelo Antigo Império Romano. (IMPÉRIO..., c2002 – 2010).

A riqueza política e cultural mudou de rumo e encaminhou-se para o Oriente. Nesse tempo surgiram homens como Maomé, que deu origem a um império gigantesco, com uma 'proposta' monoteísta, fundando a religião que se tornou a grande inimiga dos poderes ocidentais no mundo contemporâneo. A Idade Média, considerada a Idade das Trevas por alguns, não é assim entendida por muitos historiadores e estudiosos. Não houve um 'apagão da cultura'. Houve o desenvolvimento de um mundo repleto de fusões culturais entre germânicos e romanos. O Islamismo teve grande aceitação e as tradições árabes permitiram a continuidade dos valores históricos para a posteridade, com efeitos que desenharam uma nova estrutura à Europa.

O império árabe-islâmico não resistiu ao seu próprio crescimento. As grandes extensões e a pequena densidade populacional não conseguiu coordenar a imensidão do império, que se viu sem uma unidade administrativa e econômica. A descentralização do Islão, concentrando-se em Califados independentes, contribuiu para que

outros povos assaltassem o poder, depondo os árabes. Os cristãos conseguiram reagir e a derrocada árabe estava definitivamente iniciada. Segundo o historiador Henry Pirenne, o fechamento do Mediterrâneo foi o fator determinante para o surgimento do Feudalismo. (BARBEIRO, 1976, p. 103).

A economia entrava em outra dimensão, ou melhor, ganhava uma nova compreensão e proporção. O Feudalismo foi um modo de produção que tinha como característica uma ordem estamental, ou seja, sem mobilidade social. Existiam os vassallos, que eram os camponeses servis que prestavam serviços aos donos das terras. No sistema, baseado principalmente na agricultura, a ascensão era praticamente nula, sendo que o respeito e a posição do indivíduo na comunidade eram vinculados às suas posses. Havia uma grande conexão entre as propriedades privadas com as autoridades, além, é claro, de a Igreja Católica exercer um poder influente por ser responsável de ofertar refúgio espiritual à sociedade. Igreja essa que também tinha seus privilégios, já que possuía grandes porções de terra sem o ônus de ter de contribuir com o dízimo, além de ser isenta de impostos.

A Igreja também enfrentava seus dissabores no campo da interpretação dos escritos sagrados. Depois de conviver com muitas correntes contrárias à sua linha de discurso, os cristãos da época se viram diante de uma nova ideia, por assim dizer: era o monotelismo, ou monotelitismo. Segundo Sérgio, Patriarca de Constantinopla, em Cristo havia somente a vontade divina, e a vontade humana seria absorvida pela divina. Depois de muitas discussões e decretos, que impunham ao povo e às autoridades que reconhecessem o valor do novo pensamento, um Concílio foi mais uma vez a saída para a sinalização de um esclarecimento da verdade.

O 3º Concílio de Constantinopla, como ficou conhecido, concluiu que o monotelitismo era uma heresia, definindo que, em Cristo, havia duas vontades, como também havia duas naturezas. Depois desse concílio, o próximo realizado foi o de Nicéia, o 7º ecumênico, que veio tratar de um ritual e/ou costume que está em voga até os dias de hoje: a adoração das imagens. Tudo começou em 726, quando Leão III, imperador bizantino, um homem que destruiu uma imagem de Jesus na época, em um fato que soou infame, vil e ignominioso, assinou um decreto proibindo o culto às imagens. Leão, além de perseguir muitos cristãos, impôs um decreto em que proibia imagens, símbolos sagrados, pinturas de paredes e figuras desenhadas

em vestimentas. Ele queria extirpar essa forma de veneração. Essa ação tinha base nas influências de judeus e muçulmanos que, referenciados no Antigo Testamento, rechaçavam essa forma de adoração, porquanto as nações adversárias da época eram todas prestadoras de honras às imagens. Ou seja: essas imagens, segundo os judeus e muçulmanos, eram os deuses dos inimigos.

Em 741, morreu Leão III. Subiu ao trono seu filho, Constantino V, que reinou até 775. Mas, para a Igreja, nada melhorou. Ficou até pior. No ano de 754, Constantino convocou um Sínodo em Hieréia, perto de Constantinopla, o qual reuniu 338 bispos (não houve, porém, a participação de Alexandria, Antioquia, Jerusalém e Roma). Esse Sínodo particular condenou como idolatria o culto às imagens. E suas decisões foram postas em prática com rigor e violência. Mosteiros foram fechados, monges e freiras foram perseguidos por ordem do governo. Constantino V chegou até proibir a oração dos santos, inclusive à Virgem Maria. Em 775, faleceu Constantino V. Assumiu o governo seu filho Leão IV, que reinou até 780. Apesar de ser também iconoclasta, como opai e o avô, Leão IV começou dando liberdade ao culto às imagens. Mas não durou muito. Logo voltou a proibi-lo, mesmo contrariando sua esposa Irene. A Liberdade total veio em 780, com a morte de Leão IV, quando sua esposa assumiu o governo em lugar do filho menor, Constantino VI. (CECHINATO, 1996, p. 137).

A cidade de Nicéia, que foi palco de um marco no Cristianismo, abrigava e estrelava mais uma reunião importante da história da igreja. A decisão, apesar de alguns reveses posteriores, foi importante e deu fôlego àqueles que conservavam a essência tradicional do pensar bíblico. As imagens foram aceitas e o Sínodo de Constantino V foi rejeitado. As imagens foram tidas como 'auxiliares' na relação entre Deus e o homem, propiciando a legitimação das pinturas, das figuras e símbolos. Não obstante, a guerra ainda não estava terminada, e posições contrárias à adoração de imagens irromperam no caminho da Igreja Católica. Segundo Cechinato (1996), os imperadores Leão V, Miguel II e Teófilo não aceitaram a ideia de venerar símbolos e imagens, e voltaram a agir para que essa prática fosse abolida, o que teve efeito até o aparecimento de uma imperatriz chamada Teodora, que permitiu o costume.

No final do primeiro milênio depois de Cristo, surgiu um homem de grande importância para a história da Europa e da Igreja. Ele foi o responsável por promover um significativo poderio baseado na intenção de cristianizar todos os povos. Conhecido como Império Carolíngio, esse período foi marcante porque reformou a estrutura política com um novo sistema monetário, preservou e transmitiu

conhecimentos das culturas romanas e gregas, fundou escolas, criou um conjunto de leis escritas que ficaram conhecidas como capitulares e organizou administrativamente toda a região conquistada, que abarcava Itália, Catalunha, França, Alemanha, Países-Baixos, Aragão e Navarra. O nome dele era Carlos Magno. Ele foi coroado papa em 800, data em que marcou o início do Sacro império romano.

Segundo Matos (1987), Carlos Magno tinha inspiração e criatividade, além daquilo que ele chamou de alma, qualidade que fez considerá-lo acima dos sucessores. Ainda de acordo com Matos, a reconstrução europeia será totalmente moldada e influenciada com os atos dos seus imperadores, desde os bons exemplos até os mais reprováveis. Ainda com doces elogios, o autor conceitua o governo de Carlos Magno como o ideal para os governos posteriores.

É lamentável como submeteu e converteu os Saxões, mas inegavelmente este fato foi o início da Alemanha cristã, sem a qual a Idade Média é impensável. Os próprios medievais se conscientizaram do aspecto extraordinário do seu governo e nenhum rei da Europa sobrevive, como ele, no mundo lendário. Seu aspecto carismático, inspirado, é fruto de toda uma visão cristã [...] Somente com Carlos Magno [...] a utopia de uma verdadeira sociedade cristã encontrou força para realizar-se. (MATOS, 1987, p. 68).

Na coroação de Carlos Magno, iniciou-se um período que ficou conhecido como Sacro Império romano, em que o papa e o imperador contribuíam e ajudavam um para o outro. Segundo Cechinato (1996), o Sacro Império passou chamar-se “Sacro Império Romano Germânico”, que abarcava a Itália e os povos de língua germânica, sendo considerado uma utopia que deu certo. Ele teve seu ápice no século XI e só foi eliminado na época de Napoleão, que obrigou Francisco II a renunciar à coroa imperial da Alemanha. O Sacro Império provocou rugas entre o Estado e a Igreja, pelo o que era chamado de Investiduras. Essas rugas influenciaram o Cisma de 1054.

“Investidura” era o seguinte: os bispos recebiam dos nobres uma fatia de terra ou outro benefício, e os nobres ficavam com o direito de se intrometerem na escolha dos bispos e nos assuntos da Igreja. Isso era ruim. Os bens espirituais ficavam devendo obrigações aos políticos. Então o Papa quis separar uma coisa da outra. Tirou os bispos da vida política, e tirou a vida política da Igreja. (CECHINATO, 1996, p. 165).

Depois de um milênio de muitas lutas a Igreja alcançava uma consolidação respeitável. O menino de Nazaré ainda mexia com a cabeça de muitos, o que não impediu que surgissem diferenças nas interpretações e aplicações dos escritos considerados sagrados. Desde cedo já havia disparidade de entendimento entre a igreja controlada pelo Ocidente (Roma) e pelo Oriente (Constantinopla). Com um desenvolvimento à custa não só de suor, mas de sangue, a fé cristã sobreviveu aos seus vários concílios e aos mais bravos adversários. As duas frentes, por assim dizer, assumiam características divergentes em relação a diversas questões. No Oriente, a Igreja tinha mais estrutura pela vantajosa situação econômica e sólida posição política. O cisma foi apenas um corolário para um problema de ordem política e religiosa que vinha se desenvolvendo há séculos. Com a separação, foram fundadas a Igreja Católica Apostólica Romana, no Ocidente, e a Igreja Ortodoxa, no Oriente.

Depois disso, surgiram as expedições militares, expansionistas, de caráter e cunho cristãos, com o intuito de reaverem os direitos de acesso à Jerusalém e combater os inimigos. Os turcos exerciam supremacia naquele território, impedindo os cristãos de circularem pelos lugares considerados santos, principalmente aqueles que são grandes símbolos do Cristianismo, como, por exemplo, o sepulcro de Jerusalém. Os participantes dessas tropas ficaram conhecidos também como soldados de Cristo, e tinham como característica uma cruz bordada nas suas indumentárias. O estímulo para o espírito guerreiro que predominava na época também era oriundo da crença em recompensas divinas, espirituais, mantidas por fortes e frequentes discursos católicos.

A ocorrência das Cruzadas Medievais deve ser analisada também como uma tentativa de superação da crise que se instalava na sociedade feudal durante a Baixa Idade Média. Por esta razão outros fatores contribuíram para sua realização. Muitos nobres passam a encarar as expedições à Terra Santa como uma real possibilidade de ampliar seus domínios territoriais. Aliada a esta questão deve-se lembrar ainda de que a sucessão da propriedade feudal estava fundamentada no direito de primogenitura. Esta norma estabelecia que, com a morte do proprietário, a terra deveria ser transmitida, por meio de herança, ao seu filho primogênito. Aos demais filhos só restavam servir ao seu irmão mais velho, formando uma camada de "nobres despossuídos" -- a pequena nobreza -- interessada em conquistar territórios no Oriente por meio das Cruzadas. (CRUZADAS, c2002 – 2010).

Os resultados não foram muito favoráveis, já que os participantes passaram por privações, sofreram com falta de recursos e computaram muitas baixas. Muitas crianças morreram, e, mesmo recuperando o acesso ao sepulcro considerado santo, os cristãos enfrentaram várias resistências.

2. 3 A Inquisição

Marcou-se nesse instante uma acentuação da rivalidade com o Islamismo e a criação de ordens militares com atributos religiosos. Com destaque para a conhecida Ordem dos Templários, essa iniciativa tinha como objetivo proteger os cristãos peregrinos de ataques provenientes dos muçulmanos. Os ‘militantes’ tinham de fazer votos de castidade e pobreza. Depois de alguns impasses e de algumas questões que precisavam de decisões. Depois da realização de alguns concílios e do surgimento de homens espirituais e notáveis na área social. Depois de heresias, do surgimento de novas seitas, dos cátaros¹⁰, dos albigenses¹¹ e dos valdenses¹², a Igreja enegreceu um período da história. Independentemente de qual a intenção e a real motivação, é perceptível que a criação do Tribunal do Santo Ofício, conhecido como Inquisição, foi uma barbárie em nome da fé.

Escrever qualquer livro que relate a história da Idade Média sem mencionar as pessoas iluminando as noites com o fogo nos seus corpos é ser parcial e tendencioso. Elencar tópicos de períodos e acontecimentos da Idade Média e omitir uma perseguição cruel e desumana se torna tão indiferente quanto à frieza dos

¹⁰ É uma palavra de origem grega (Kátaroi) que significa “puros”. Foi inspirada na doutrina dos maniqueus e espalhou-se na França. Era um espiritualismo desencarnado e negativista que negava o valor dos sacramentos, a posse de bens terrenos, a santidade do matrimônio e a dignidade da mulher, pois, segundo eles, ela representava o mal. Eles se afastaram da comunhão com a Igreja e do contato com as coisas do mundo. Isolaram-se no puritanismo. (CECHINATO, 1996).

¹¹ Receberam esse nome porque o centro da difusão da seita foi a cidade de Albi, na França. Sua doutrina era a mesma dos cátaros e eles viviam uma espiritualidade moralista e negativista, vendo pecado em tudo. Dentro da seita existiam os “perfeitos” que formavam uma elite espiritual, como se fossem apóstolos. Só os “perfeitos” podiam impor as mãos sobre os outros para dar-lhes o “batismo do espírito”. Para receber o batismo do espírito a pessoa precisava passar por longo estágio e ser aprovada. Esse “batismo” era o único sacramento da seita. (CECHINATO, 1996)

¹² Surgida através de Pedro Valdo, que se lançou à pregação de um banqueiro que enfatizava o desapego material. No início foram autorizados pelo clero a dar continuidade aos seus movimentos, mas depois que defenderam a ideia de que a subordinação a Deus não necessariamente incluía a aprovação humana, começaram a serem vistos com reservas, e os entreveros se intensificaram com o repúdio ao valor dos sacramentos dos padres. Não pararam por aí: eles disseram que alguns membros da Igreja estavam mais preocupados em fortalecer o poder material da Igreja do que em prestar auxílio aos fieis, o que acabou culminando na perseguição e na expulsão dos participantes do movimento, tendo o seu desfecho na excomunhão definitiva no IV concílio de Latrão (1215). (SOUSA, c2010a)

encarregados de “procurar” vozes dissidentes. A situação funcionava da seguinte maneira: a Igreja considerava, ou melhor, ainda considera, que possui suas verdades, mas naquele período elas eram mais do que verdades e dogmas. Elas eram verdades incontestáveis. Com a publicação de um documento pelo Papa Inocêncio IV, estabeleceu-se a época de inquirir, verbo que significa interrogar e fazer inquéritos. Mas a motivação para essas investigações era puramente religiosa, e tinham como objetivo descobrir quais eram aqueles que não compactuavam com os mesmos princípios da igreja Católica. Com essas descobertas eram aplicadas determinadas punições, que iniciavam com simples marcas nas indumentárias, passando por peregrinações, confiscos de bens e prisões, até chegar no ponto de atear fogo àquele que, simplesmente, discordava das normas preservadas pela igreja.

Cechinato (1996) é contra julgar a Inquisição com severidade, e o argumento dele se baseia de que é anacronismo ver o passado primitivo à luz de critérios contemporâneos. Ele defende a Igreja mencionando que a fogueira já existia não só para os que digladiavam contra a fé, mas também para os que praticavam crimes comuns contra a sociedade civil.

O Estado queimava os hereges porque representavam um perigo, não só para a fé, mas também para a nação, pois especialmente os cátaros e albigenses eram contra o casamento e outros valores da sociedade. Às vezes, o povo mesmo jogava o herege na fogueira, por conta própria, sem julgamento. É o que aconteceu em Cambrai em 1077: a multidão fechou um herege numa cabana e ateou fogo. (CECHINATO, 1996, p. 165).

As mulheres que tinham conhecimentos em confecção de remédios de forma natural foram estigmatizadas como bruxas, alguns livros foram restringidos e queimados e o acusado só era liberto da condenação se renunciasse à sua posição e/ou ideia. Todavia, caso fosse reincidente, sofreria a pena de iluminar a praça pública com as chamas flamejantes do próprio corpo. Grandes homens se viram diante de uma inimiga do conhecimento, da pluralidade de opiniões, da democracia das ideias e das livres escolhas. Alguns dos hereges mais famosos foram: Galileu Galilei, Giordano Bruno e Joana D’arc. Essa era um mulher diferente, que se vestia com trajes masculinos e dizia ouvir vozes de santos. Com sua ambição e sua suposta missão a cumprir, ela conseguiu, depois de alguma insistência fazer parte do exército francês, participando das campanhas militares contra os ingleses.

Depois do fracasso em querer eliminá-los, Joana foi vendida e condenada com acusações de cunho religioso.

Galileu foi até mais ilustre que Joana, porém, não se destacou pelas bravuras da guerra física e militar, e sim pelos desafios da mente. Esse notável astrônomo refletiu sobre o movimento da Terra em volta do sol, descartando a hipótese de que era o sol que dava voltas ao redor do planeta azul. A bordo do seu pensamento que ficou conhecido como heliocentrismo, o astrônomo teve de engatar marcha à ré para não enfrentar a Igreja. Eles estava inerme, sem meios de defesa, sem constituição e amparo legal. O notável filósofo Giordano Bruno, respeitado como um dos pais da filosofia moderna, não teve um fim idêntico ao do famoso astrônomo. Mas foi por escolha pessoal. No início, o filósofo que acreditava em um Deus imanente e transcendente, além de 'pregar' um universo infinito, chegou a receber o diploma de teólogo, mas, depois de suas ideias provocarem celeuma em Veneza, Bruno foi punido com a morte, em 1600. Ele já tinha ficado encarcerado sete anos. Ele não fez que nem Galileu, ou seja: não renunciou aos seus pensamentos. Porém, pagou com a própria vida.

2.4 Protestantismo: um concorrente de peso para a Igreja Católica

Décadas antes de Giordano Bruno nascer, uma linha já havia sido riscada na história, linha essa que dividiu as épocas, dando origem a mais um período: o Renascimento. Mas uma transição dessa envergadura não se faz ao pôr do sol ou no alvorecer de mais uma manhã. Aos poucos as pessoas foram mudando, suas relações foram se alterando e a maneira como lidavam com os bens também modificou. A ideia do lucro e não apenas do preço justo começou a prevalecer, e o velho feudalismo deu um espaço para o modelo capitalista. Em um processo que envolve expansões marítimas europeias, Portugal e Espanha queriam saber quem iria atingir mais êxito nos descobrimentos de novos terrenos além do oceano. Além deles, a França, a Holanda e a Inglaterra iniciaram suas conquistas, e juntos deram uma nova cara à humanidade. Onde eles entravam enxertavam sua cultura peculiar, impondo seus trejeitos e seus costumes, colonizando civilizações e buscando riquezas longe dos próprios territórios, dando ênfase ao que ficou conhecido como protecionismo, ou seja, prática de valorizar e proteger os produtos nacionais,

articulando restrições à importação de nações rivais. Além dessa prática, o conceito de monopólio deu o ar da graça ao permitir que um só grupo controlasse toda a oferta na economia.

Enquanto a Igreja continuava com sua missão de evangelizar a terra, catequizar os pobres e fazer prevalecer sua doutrina, uma penetrante e aguda forma de pensar foi tomando conta das sociedades, em uma mudança que ficou conhecida como o novo nascimento do homem para a vida, um nascimento em que ele se preocupava mais com o olhar da razão do que a referência mística, se atentando para os seus problemas diários em vez de fazer da sua vida uma preparação para uma vida eterna. O nome que se deu a isso é simplesmente o Renascimento, em que figuraram egrégios homens como: Leonardo Da Vinci, Sandro Botticelli e Torquato Tasso. Esse processo é longo e também tem a contribuição de João Gutenberg, que criou a imprensa com a técnica da tipografia, fazendo as palavras serem lidas por mais pessoas, que através das ferramentas da língua tinham mais condições de construir pensamentos, articular críticas e promover debates. As universidades foram abertas aos leigos e uma sede insaciável arrebanhou o anseio da humanidade. As investidas dos turcos derrubaram Constantinopla, sendo que essa data é aceita por muitos estudiosos como sendo a delimitação do fim da Idade Média, cedendo a passagem para uma forma de pensar inquietante e diferente, cedendo lugar ao que ficou conhecido como Antropocentrismo (movimento que colocou o homem como o centro das ciências), a um novo modelo sócio-econômico, ao desenvolvimento científico, às novas criações no âmbito da arte e, entre muitas outras questões, cedendo lugar para maior liberdade de pensar, liberdade de crescer e, liberdade, simplesmente, de viver. (BARBEIRO, 1976)

Enquanto isso, a Igreja mantinha seus dogmas e procedimentos, realizando concílios, mudando suas lideranças e empregando forças para calar aquele que tentava calar a fé.

Com a chegada da Renascença, a Igreja viu-se dentro de um mundo paganizado, com uma sociedade inspirada na velha Grécia e na Velha Roma, com seu naturalismo. O *humanismo* trazido pelo Renascimento supervalorizou o homem em si mesmo, no seu sentido natural: a saúde, a força, a sabedoria e a sua capacidade de realização. A fé e o mistério sofreram forte influência da cultura e dos valores naturais. Foi uma espécie de triunfo do ser humano e do mundo. Não se tratava de um sistema ou organização contra a fé e a Igreja. Nada disso. O Renascimento era um “gosto”, um modo de pensar e de viver, uma nova mentalidade que foi entrando na

sociedade e formou uma concepção de vida. Virou moda sem que ninguém estranhasse. Esse humanismo entrou pela classe alta. Foi uma evolução do pensamento. Por isso começou pelos estudiosos e pelos cabeças da sociedade. Está aí a razão por que a indisciplina e a vida mundana afetaram mais os nobres e o clero. Estes se entregaram a uma vida de luxo e de prazeres, muito a gosto do velho mundo pagão. (CECHINATO, 1996, p. 220).

Mas esse não era o único problema da Igreja. As comunidades, as pessoas, estavam propícias às mudanças e, com todas as revoluções eclodidas na Europa, a Reforma Religiosa foi apenas uma consequência. As revoluções nas esferas social, política e econômica foram amadurecendo o senso crítico e contestador das pessoas. A Igreja Católica viu seu império começar a enfraquecer e sua influência reduzir-se substancialmente, ao ponto que a sua supremacia e o seu controle sobre a oportunidade e a benção da salvação eterna, se é que se pode chamar assim, ganhou concorrência ferrenha a partir de homens corajosos e libertários.

Os motivos para essa decadência são muitos, mas nos atentaremos a quatro fatores (PROTESTANTISMO, [200-?]). O primeiro diz respeito à deterioração da imagem do clero, que começou a agir de maneira que colocavam em dúvida a sua honestidade e idoneidade moral. Alguns membros mudaram suas concepções acerca do casamento e, com as novas experiências maritais, se viram diante da necessidade de fornecer uma vida mais folgada aos seus descendentes, o que recrudescer o interesse pelos triunfos, ocupações e desejos seculares. Com uma ambição intensificada para o acúmulo de bens materiais, os representantes do sacerdócio também iniciaram um comércio, um pouco diferente, é verdade. Cargos religiosos e objetos sagrados estavam 'disponíveis nas prateleiras', e o público-alvo eram os senhores feudais que tinham como principal meta o crescimento financeiro.

O segundo aspecto que propiciou, ensejou e abriu espaço para o surgimento da reforma foram as práticas de regulação econômica da Igreja. Como a ideia do lucro simplesmente 'pegou', os dogmas católicos que rechaçavam o empréstimo visando o lucro e os juros perderam o brilho e, digamos, o respeito. Ao ver essas duas situações, é possível verificar que esses dois fatores são erigidos de maneira coerente, já que, verdadeiramente, as diretrizes católicas não eram condizente com os propósitos que acabavam de brotar daquela mentalidade. Não havia harmonia entre os interesses católicos e os anseios que estavam sendo concebidos no meio do povo. A identificação com a Igreja tinha sofrido grandes atritos. No terceiro aspecto, o que se caracteriza é um embate igual, de rivais com poderes similares. A

Igreja Católica, que tinha vencido muitas batalhas contra os inimigos da fé e que se manifestavam de formas diferentes, mas com o único propósito de discordar do Cristianismo, se via num ringue em que o opositor se configura na monarquia e que tinha muitas condições de vencer a disputa. A ascensão real, com o objetivo de expandir seu poder e sua influência, empregou esforços para que formas de fé como o da Igreja Católica ficassem subordinadas à autoridade do rei. E, por último, mas não menos importante, com o Renascimento veio a nova maneira de pensar, que era mais aberta, mais livre, mais desafiadora e mais crítica, que ficaram caracterizadas pelo individualismo e o racionalismo. Dessa maneira, brotou um conjunto de comportamentos e olhares diferentes do povo que, a partir dessa época, lidavam com a Igreja “carregando” um pequeno filtro, que permitia analisar com alguns critérios as posições dogmáticas do império católico e a representação do seu clero (PROTESTANTISMO, [200-?]).

Quando se fala em Reforma, em Protestantismo e em decadência da Igreja Católica, o primeiro nome associado a esses movimentos é o de Martinho Lutero. Mas ele não foi o primeiro a contestar as práticas da Igreja. Conforme Barbeiro (1976), John Wycliff e Johan Huss deram origem às primeiras críticas ao modelo religioso que imperava na época. Wycliff foi um professor que dava aula em Oxford, na Inglaterra e, entre suas atividades e posições, criticou a hegemonia e influência dos membros do clero entre os ingleses, fez a tradução da Bíblia para o inglês e já deu os primeiros sinais de insatisfação com as indulgências, que se resumia na cobrança de títulos que “libertavam” os fiéis, ou melhor, que os livravam de certo pecado. Em outras palavras, quem desse dinheiro era perdoado. Absurdo para o momento, mas nem tanto diante de uma escuridão intelectual que reinava no período. Barbeiro (1976) discordou de que a expressão Idade das Trevas seja pertinente, argumentando que as artes e as ciências não haviam desaparecido, mas que elas subsistiram no próprio ambiente, tendo seus próprios fins. Com isso, ele afirmou que a palavra Renascimento deveria ser acatada pela tradição consignada, ou seja, sendo aceita parcialmente.

Wycliff, Huss e Lutero não eram homens especiais, bem dotados de intelectualidade e detentores de um *insight* sobrenatural e raro. Eles devem ser honrados pela coragem e pela ousadia de não temerem a Inquisição e verbalizarem suas refutações em um momento de muita intransigência religiosa. Esses homens devem ser considerados, porque, em um ambiente de pouco senso crítico e

oportunidade de conhecimento, foram capazes de formular uma opinião contrária à que predominava na época. Mas, é evidente que os procedimentos da Igreja eram absurdos e mereciam terem sido rechaçados anteriormente, pois não é necessário muito preparo cognitivo para assimilar que o pecado e o dinheiro não possuem muita afinidade. Barbeiro (1976) também fez um breve histórico de Huss, dizendo que ele se inclinou a contribuir para o pensamento divergente, estimulando o povo theco a se rebelar contra os representantes da Igreja, o que o levou, é óbvio, a ser condenado pelo clero e, mais uma vez, a noite foi intercalada com a claridade diante de um corpo humano queimando vivo por causa das ideias.

Além desses reformadores, Cechinato (1996) inclui Marsílio de Pádua, que antes de Wycliff e Huss tinha a intenção de dar um ar democrático à instituição cristã, tratando o povo com mais respeito e arrefecendo o poder e a influência do clero. “Segundo sua teoria, o concílio ecumênico deveria ter poder até para depor o papa. A decisão da maioria dos bispos deveria ter força de lei, mesmo que fosse contra o papa; e a voz da maioria dos leigos deveria pesar sobre a decisão, mesmo que fosse contra os bispos” (CECHINATO, 1996, p. 238.).

Jean Comby (1989) oferece aos leitores um breve resumo e uma tímida contextualização da vida de Lutero. Ao tentar desenhar a sua personalidade, o autor evidencia um homem cheio de desejos e de muitas vontades carnisais, com muitos medos (entre eles, a morte e a condenação eterna da alma) citando os escritos que o grande reformador deixou como legado para a humanidade no fim da vida. Mencionando a data de nascimento, que foi em 1483, Comby fala da procura de Lutero por um convento, motivado pela paz na alma, e da sua “libertação” das angústias, que se deu na leitura de um versículo que está escrito na Carta do apóstolo São Paulo enviada a Roma, no capítulo 3, versículo 28. Nesse versículo se diz: “O homem é justificado pela fé sem as obras da lei”. As indulgências são a grande oportunidade de Lutero se motivar a agir.

As teses de Lutero eram uma tentativa de purificar a religião. Opôs-se ao liberalismo intelectual dos humanistas uma mística medieval, afirmando que só a fé assegurava a salvação e negando o livre arbítrio. Em 1520, o Papa Leão X exige uma retratação. Lutero responde, queimando a bula papal, sendo excomungado. O imperador convocou, no ano seguinte, a Dieta de Worms, que o desterrou. [...] A rejeição de Lutero do universalismo da Igreja em nome dos direitos da nação alemã despertou o entusiasmo da pequena nobreza. A revolução social e mística atingiu os campos sob o pretexto de expulsar o clero católico. Diante das terríveis

perspectivas que se abriam, Lutero aliou-se à nobreza. A revolta tomou conta das cidades, arruinando-lhes a economia. [...] O movimento de Lutero vinha de encontro à evolução do Estado Moderno. A submissão da Igreja ao Estado era uma característica que interessava aos monarcas europeus. (BARBEIRO, 1976, p. 196-7).

Cechinato (1996) não concorda com a doutrina de Lutero e afirma no seu livro que o homem precisa se empenhar para praticar boas obras, necessitando fazer de sua vida um esforço diário para encontrar a paz com Deus e posteriormente alcançar o bem mais precioso para os cristãos, a vida eterna. Como os pensamentos de Lutero se convergiram para uma salvação exclusivamente da fé, ou seja, vindo exclusivamente de Deus, em que os humanos seriam beneficiados pela misericórdia de Cristo e sem méritos pessoais, Cechinato (1996) entende que o grande reformador pregou um homem passivo na busca da salvação, priorizando a fé e a crença, mas sem desenvolver pessoalmente atitudes que reflitam sua posição cristã. Ele entende que a palavra escrita é tão importante quanto a palavra falada, e, tanto a fé, como as obras, são necessárias para a salvação.

A questão não é a legitimidade do discurso de Lutero e nem da Igreja Católica. São justas as alegações de Cechinato (1996) quando faz suas interpretações acerca do fundamento dos ideais do grande reformador, opinando a favor da essência católica no que diz respeito à pregação. Não se deve criticar a posição da Igreja Católica sobre suas posições doutrinárias e nem endeusar Lutero pela sua reação intrépida e audaz. Mas o que vale enfatizar é que, se Cechinato (1996) está certo ou está errado, não se pode justificar a barbárie de atear fogo em pessoas vivas em nome da fé, evitando assim um pensamento contrário às mensagens até então difundidas. Não há razão equânime e considerável que seja capaz de fundamentar a matança de muitos inocentes que, com o intuito de provar as verdades da ciência, foram queimados pelos os 'donos da verdade'. Não importa onde a verdade habite. O que realmente importa é a aceitação da pluralidade de versões, entendimentos e pareceres.

95 disparos contra a Igreja. 95 atitudes de coragem. 95 teses que abalaram o império católico. 95 críticas à organização suntuosa da época. 95 contestações à hegemonia de um clero que praticava indulgências com o argumento de que elas cobriam o pecado foram colocadas na porta da catedral de Wittenberg.

É simultaneamente, um protesto e um convite a um debate com os professores da universidade. Lutero rejeita a falsa segurança que as

indulgências dão. O cristão não pode comprar a graça que Deus gratuitamente dá. Lutero é muito comedido no seu ataque ao papado e não tenciona romper com Roma. As suas teses conhecem um enorme êxito na Alemanha e em toda a Europa. [...] Lutero é acusado no Supremo Tribunal de Roma. Durante três anos, os membros da sua ordem e enviados de Roma tentam levá-lo a retractar-se das suas afirmações. Mas a querela despertou o nacionalismo alemão. Lutero aparece como o campeão de um povo assoberbado pelos processos fiscais do Tribunal romano e pela acumulação dos bens eclesiásticos na Alemanha. Lutero precisa o seu pensamento nos três grandes escritos reformadores de 1520: *Apelo à pobreza cristã da nação alemã*, *O Cativoiro babilônico da Igreja* e *A Liberdade do cristão*. (COMBY, 1989, p. 72).

Apoiado nesses livros, Lutero fez um apelo para a realização de um concílio, chamando o papa de Anticristo. O que aconteceu, como mesmo relatou Comby (1989), foi a rejeição de 41 proposições de Lutero, a sua reprovação e sua posterior expulsão do Império, o que fez com que ele se escondesse e traduzisse a Bíblia para o alemão. A recusa e posição de Lutero foi contra o primado da Escritura e da fé, as indulgências, o culto dos santos, os votos religiosos e tudo aquilo que não esteja colocado explicitamente na Escrituras, mantendo o batismo e a eucaristia. Lutero, portanto, critica o poder do clero e prioriza a influência dos príncipes sobre a Igreja. A postura de Lutero encontrou seus reflexos em João Calvino que, desde seus estudos (ele fazia direito), ficou conhecido pela acidez das críticas que fazia à Igreja.

João Calvino foi um homem que consolidou os valores protestantes que já tinha incrustados suas raízes entre as comunidades da época. Com conhecimento do latim, de filosofia e dialética, ele foi o responsável pelo movimento chamado calvinismo, e difundiu na Suíça argumentos e questões aventadas por Lutero. Lembrado sempre pela sua obra "Instituições da Religião Cristã" que, obviamente foi repudiada pelo clero da Igreja Católica, Calvino defendeu a predestinação, que é o pensamento que atribui a Deus o nosso destino, sendo que e a salvação eterna só pode ser alcançada se, previamente, Deus traçar o futuro do homem. Mesmo indo parar no exílio por causa de seus pensamentos e ações, Calvino lançou "Ordenanças Eclesiásticas" e disseminou seus ideais para os centros europeus. Com ele vieram as premissas básicas de trabalho e uma condição financeira em que era possível galgar lugares mais altos. Segundo muitos letrados, o verdadeiro embrião do capitalismo foi concebido. O sociólogo Max Webber escreveu que essa

atenção ao trabalho e à economia foi o que ensejou uma aceitação grande de parte da burguesia que habitava a Europa, criando uma identificação com esses ideais, dando, por conseguinte, um novo rumo à situação social. Barbeiro afirmou que houve uma importante ligação da ética protestante com o capitalismo, já que a admissão da acumulação de capitais, a prática da usura e o trabalho no comércio oxigenaram as práticas econômicas. (JOÃO..., c1996-2010).

A Europa perdeu, com a Reforma, sua unidade religiosa. O luteranismo facilitou a evolução do absolutismo estatal em detrimento da liberdade local. O calvinismo, baseado na predestinação dos homens por Deus, subtraiu o indivíduo ao poder temporal. O calvinismo opôs-se ao absolutismo, concorrendo para a formação de regimes oligárquicos, parlamentares e republicanos. O catolicismo preservou suas antigas tradições. Recusando-se a negar o livre-arbítrio, respeitou a personalidade de cada um, sem considerá-la ligada à predestinação, mas julgou necessária dirigi-la pela autoridade [...] O Cristianismo estava dividido mais uma vez. Ao lado do Catolicismo e do Ortodoxismo, o Protestantismo subdividia a religião em inúmeras seitas. (BARBEIRO, 1976, p. 202).

Independentemente da viabilização total das intenções dos reformadores, o que se nota é a adesão das pessoas e a força que elas ganharam. A Igreja Católica não era mais a mesma. As sociedades tinham mudado. Uma nova abertura tinha sido conquistada. Quando se fala em Reforma é importante citar também o anglicanismo, fundado por Henrique VIII, que estava preocupado com a sua dinastia. A reclamação dele é a de que a esposa não tinha como lhe dar um filho, já que, segundo a história, dos cinco filhos que eles tiveram, apenas um sobreviveu. A se ver diante de uma rusga com a Igreja Católica, que não aprovava a anulação do seu casamento, o rei criou maneiras para que os nobres e a burguesia tivessem mais poder, expropriando os bens do clero. O anglicanismo manteve muitos valores de Lutero e foi originado na monarquia britânica, que buscava os seus anseios. Esses anseios tinham o intuito de obter a supremacia nas escolhas e poder frente aos católicos. O Ato da Supremacia possibilitou a criação da Igreja Anglicana. (SOUSA, c2010b).

2.5 Os Pentecostais

Quando se fala em Reforma também se fala em Protestantismo. Desse movimento surgiu os evangélicos, os grandes 'rivais' dos católicos, que apresentam uma nova forma de culto, com semelhanças doutrinárias, mas muitas diferenças no

formato litúrgico, na interpretação bíblica e nas práticas adotadas. Os evangélicos são descendentes do protestantismo, que quer dizer o seguinte:

Após quatro séculos, a palavra *protestantismo* tornou-se, pura e simplesmente, oposta à palavra catolicismo, e isto, as mais das vezes, parece suficiente. Acrescenta-lhe, ocasionalmente, um sabor de protesto, de oposição, de contestação; por vezes também um certo quê de liberdade, de ausência, de constrangimento, e até mesmo de anarquia. Em todo caso, o protestantismo surge, quase sempre, como uma organização cultural, como um conjunto de doutrinas, como uma Igreja revestida amiúde de aspectos múltiplos e indistintos: [...] o protestantismo é algo diferente; é sobretudo uma atitude de interioridade, um movimento da mente, um jato de consciência, uma resposta à indagação inquieta do homem a respeito de suas relações com Deus: é uma atitude de pensamento e de vida no seio do Cristianismo que pretende fiel ao Evangelho. (BOISSET, 1971, p. 9).

Catolicismo e Protestantismo podem ser considerados hoje como vertentes do Cristianismo e, conforme o site Brasil Escola (PROTESTANTISMO, c2002 – 2010) destaca, os protestantes têm o nome substituído por evangélicos. O site explica a aceção e a origem do nome protestante de maneira parecida com a explicação de Boisset (1971). Citando de forma mais simples, a página na internet coloca que os protestantes têm origens no protesto dos cristãos, o que é verdade. Mas uma situação que é relevante e curiosa, é que eles afirmam que o termo evangélico foi assim escolhido para suavizar a conotação da palavra, retirando-lhe o ar polêmico e agregando um valor positivo e universal.

Outro site, História do Mundo (PROTESTANTISMO, [200-?]), diz que o termo protestantismo tem um sentido estrito e diz respeito ao Édito de Worms, que proibia ensinamentos luteranos no sacro império romano, e foi assinado por um grupo de príncipes e cidades imperiais. Ainda segundo o texto, as características do Protestantismo são alicerçadas nas ações de Lutero, que suspendeu o celibato, rechaçou as imagens de santos, manteve o batismo e a eucaristia e “legalizou” como única fonte de fé, a Bíblia. Além dessas colocações, o texto aborda a questão dos pentecostais que, junto com os neo-pentecostais, representam a ideia dos protestantes modernos, por assim dizer. Siepierski (2001, p. 13-4) aborda essas definições em seu trabalho de uma maneira mais ampla. Ele reforça a questão de que os evangélicos no Brasil representam todos os protestantes e, por que não, são as ‘gerações modernas’ dos conceitos revolucionários de Lutero. Ele menciona os gigantes do protestantismo, que são igrejas históricas e fortes que ajudaram a

consolidar um pensamento contrário ao império católico. *Presbiteriana, Anglicana, Luterana, Batista, Luterana, Congregacional* são nomes que contribuíram para formação de novas formas de culto à Deus e, no Brasil, soma-se a elas as pentecostais brasileiras, *Assembleia de Deus, Brasil para Cristo, Congregação Cristã no Brasil, Deus é amor, Universal do Reino de Deus* etc. Esse olhar e direcionamento que ficou cunhado como pentecostal que, segundo o autor, foram possíveis através de reavivamentos religiosos eclodidos no início do século XX.

Siepierski (2001) contextualizou a sua explicação explorando a raiz histórica da situação, buscando as diferenças e motivos que levam os evangélicos atuais a terem comportamentos e interpretações díspares dos movimentos antigos. Além da consideração e a grande aplicação dos dons do espírito santo na vida cotidiana, Siepierski (2001, p. 34) menciona o forte teor emocional, a espontaneidade e o êxtase. O autor buscou a gênese do movimento pentecostal, chegando até ao seu desenvolvimento no maior país católico no mundo, ou seja: o Brasil. Os reavivamentos, grandes responsáveis pela passagem para o ‘universo’ pentecostal encontra, segundo o autor, seus primeiros ramos no século XVIII e XIX, com grande influência em igrejas de idioma inglês que, por sua vez receberam a influência do movimento metodista, criando um movimento conhecido como *holiness* (santidade).

A ênfase era que a vida cristã ideal deveria ser marcada por duas etapas. A primeira delas seria a conversão, experimentada por todos os “nascidos” de novo, mas insuficientes para uma vida plena. A segunda seria a santificação, um processo contínuo em que o converso desenvolveria, no curso da vida, sua semelhança com Cristo. A ênfase adotada nessas igrejas claramente se contrapunha à forma como o protestantismo era vivenciado nas igrejas tradicionais, onde a vida religiosa tinha um caráter mais nominal. As igrejas pertencentes ao movimento *holiness* formaram a rede pela qual o movimento pentecostal surgido no início do século XX se alastraria. A gênese do movimento pentecostal é geralmente identificada como sendo na passagem do ano de 1900 para 1901, durante uma reunião de oração, dirigida por um pastor chamado Charles Parhan, fundador do Colégio Bíblico Betel, na cidade de Topeka, Kansas. Ele, com seus alunos, após estudo e interpretação de certos trechos da bíblia, chegaram à conclusão de que o batismo do Espírito Santo era uma outra coisa diferente do ensinado nas igrejas, e que sua evidência, ainda de acordo com a Bíblia, era a glossolália, e durante essa reunião uma das alunas teve essa experiência, o que passou a ser considerado o nascimento do pentecostalismo. (SIEPIERSKI, 2001, p. 35).

Esse pentecostalismo historicizado por Siepierski (2001) e potente no seu crescimento é entendido e explicado por Rolim (1985) como um fenômeno que atingiu seu êxito devido à urbanização, que abrange o crescimento da população aglomerada, com espaços delimitados, como cidades e vilas, e que favoreceu a expansão e a consolidação dos protestantes, mormente dos pentecostais. Esses pentecostais ganharam seu espaço e, como se diz no jargão, vieram para ficar, em uma 'campanha' que começou com o trabalho de missionários empenhados em disseminar novos valores cristãos ao país. O autor elencou algumas principais igrejas brasileiras, começando pela Congregação Cristã no Brasil, que recebeu esse nome de seu fundador, Louis Francescon, que, vindo dos Estados Unidos para o Brasil, teve a ajuda de um pentecostal italiano chamado Lombardi para compartilhar suas crenças. Francescon trouxe uma novidade: o batismo no Espírito Santo. Após a adesão dos ouvintes, que creram e confiaram no seu discurso, o Brás, reduto das primeiras pregações do missionário, cresceu e se agigantou, se tornando sede mundial de uma igreja com rígidos ensinamentos, que acredita fielmente no poder do Espírito Santo. A *Congregação Cristã no Brasil* mantém uma política que é a de não cobrar o dízimo. Os responsáveis por atenderem o povo tanto espiritual como socialmente não recebem ganhos financeiros e, nos atos litúrgicos, há a separação de homens e mulheres nos assentos. A política é homogênea em todas as unidades do mundo, tanto em diretrizes doutrinárias quanto administrativas. Mas essa igreja não foi a única a ser ponto de referência para a nova tendência religiosa que estava atendendo aos anseios espirituais dos brasileiros. *Assembleia de Deus* é hoje a outra potência que foi fundada por missionários na mesma época em que foi concebida a *Congregação* e, segundo Siepierski (2001), é a maior igreja pentecostal do mundo, citando como grandes inspiradores e co-fundadores os suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren. Eles conviviam no país de origem com certa 'tradição' luterana, que sofreu dissidência protestante, e viu entre os batistas o sol pentecostal nascer, causando cisões, e, conseqüentemente, provocando o surgimento de pequenas igrejas pentecostais. Segundo explica Rolim (1985), a *Assembleia* se instalou no extremo Norte e entrou no Nordeste, atingindo a camada pobre da população, que via possibilidades de manifestações espontâneas e liberdade religiosa. O autor menciona a glossolalia e às orações coletivas como oportunidades de a instituição se destacar, oferecendo aos menos favorecidos uma postura mais ativa.

Egressos em grande maioria do catolicismo popular, abundante em rezas e devoção os santos, pedidos de proteção e promessas, os novos adeptos criaram um espaço religioso, onde reinavam maior convivência e participação coletiva. Sentiam reviver a liberdade de que desfrutaram em outros tempos nas salas dos ex-votos. Podiam falar, pregar, orar com suas palavras e gestos, dar depoimentos e aclamar o poder de Deus. [...] O povo simples, que na época não tinha ocasião de escutar em sua cultura oral as narrações bíblicas, tinha diante dos olhos o fato novo: gente simples lendo ou contando para ele episódios da Bíblia [...] Nas pessoas pobres, que geralmente pedem ajuda de outros, nascia aos poucos a consciência de trazer sua parcela de recursos para o grupo que elas mesmos formavam (ROLIM, 1985, p. 42-3).

Não está explicitada a real intenção do autor em trazer essa questão para esse debate, mas fica claro que, ao fazer menção dessas situações, ele enfatiza que os pobres se depararam com uma maneira de serem honrados e respeitados. A ausência de êxito secular e a insatisfação pela falta de sucesso na vida social proporcionaram aos pobres uma recepção favorável e uma propensão mais fácil de dar continuidade às práticas evangélicas, já que, as privações e restrições que sentiam, davam lugar a uma maneira de terem condições mais dignas, de serem amados e de poderem manifestar suas emoções. Não que fosse uma válvula de escape e nem uma fuga, mas sim uma forma de se sentirem atores e participantes da sociedade. Diante das duas gigantes do pentecostalismo brasileiro, era óbvio que surgiriam novas formas de interpretação bíblica e, certamente, vertentes dos pentecostais seriam originadas.

Não foi com o mesmo espírito protestante, mas evidentemente houve novas formas de leitura e compreensão bíblicas. Rolim (1985) falou que até a década de 1950 a *Assembleia* e a *Congregação* eram os únicos ramos que realmente representavam expressivamente os pentecostais do Brasil, sendo que a primeira já tinha uma presença em todos os estados. Depois disso o autor menciona a chegada de novos grupos, como, *Evangelho Quadrangular* e *Brasil para Cristo*, contextualizando com a situação social e o momento político vivenciados na época, em que predominavam o populismo, a urbanização crescente, novas organizações de partidos políticos e o advento da industrialização. Essas igrejas chegam com novidades, trazendo em suas características uma postura mais flexível. Mais adiante, em 1970, Rolim (1985) menciona a criação da *Igreja Pentecostal de Nova Vida* que, entre as diferenças concebidas, cita a organização episcopal, em que só os bispos e pastores pregam, com vestes distintas que simbolizam a diferença deles

e de outros membros. Há também dessemelhanças nos gestos feitos no decorrer dos cultos, em que, segundo o autor, os exageros nas maneiras de se manifestarem, tanto em gestos, expressões e palavras, são mais comedidos.

Com relação ao uso da palavra igreja, é importante citar uma definição dada por Siepierski (2001), que aborda a questão dizendo que o termo igreja é um pouco dúbio, porque mantém vários significados. Esse termo é aplicado para caracterizar unidades religiosas locais, para designar um conjunto de igrejas que têm princípios peculiares e são chamadas também de denominações. Mas, além dessas colocações, é importante mencionar que igreja pode ser caracterizada como todos os adeptos do Cristianismo que vivem em todo o planeta, independentemente de sociedade e de grupo religioso que pertençam, já que a Bíblia não faz menção de que Deus estaria contribuindo com denominações e organizações específicas. Essa questão suscita uma pergunta pertinente e importante: será que é possível alguma instituição religiosa tomar para si o direito de dizer que Deus é sua propriedade exclusiva? É democrático expor opiniões e ter liberdade de pensamento e, com isso, é justo ter a oportunidade de dizer que as organizações são todas prestadoras de serviço, oferecendo seus trabalhos espirituais às comunidades. Os combates ideológicos e doutrinários, por assim dizer, não devem ser encarados como motivo de discórdia e de ódio, mas de aplicação de conceitos tão fortes e primordiais no Cristianismo, como tolerância, amor, paciência e bondade. Portanto, se uma denominação evangélica critica outra organização, estimulando os seus membros a manter rugas pessoais e espirituais, essa igreja não está compactuando com os princípios e valores disseminados por Cristo que, simplesmente, é o fundador delas, já que todas se inspiram nos seus conselhos e nas suas práticas de vida. Travar uma disputa pelos fiéis de maneira caluniosa e difamatória não é um comportamento que a Bíblia dá sinal de que Jesus teria. A busca da verdade é quase que inerente ao ser humano, mas não são necessárias atitudes hostis e intransigentes com quem pensa de forma diferente. Rolim (1985) considera o pentecostalismo como um produto social, conceito que, segundo ele, provoca mal-estar na sensibilidade religiosa, se apoiando no argumento de que essa sua afirmação não tem nenhuma associação com determinismos.

Não se trata aqui de reconhecer apenas que à experiência religiosa vinda de fora se incorporaram traços culturais, religiosos ou não, das classes populares. Isso de fato ocorreu, sobretudo quanto à religiosidade popular preexistente. Houve mais do que isso. Trata-se,

sim, de enxergar além desses aspectos e de identificar os traços culturais vinculadores da religião pentecostal com nossa sociedade capitalista, desde os anos em que surgiram as primeiras igrejas pentecostais até os nossos dias. [...] os comportamentos de crentes que, isolados ou em grupos, se posicionam contra injustiças e desigualdades sociais, não nasceram nem da doutrina religiosa ou das crenças, mas de uma série de práticas sociais gradativamente reveladoras dessas desigualdades. Práticas sociais que aos poucos foram abrindo os olhos de pentecostais toda vez que estes participavam ora de mobilização social ora de contatos diretos com a vida concreta dos moradores de bairros pobres. Tais práticas foram sem dúvida um passo para a percepção das contradições sociais e, conseqüentemente, para desfazer o abismo imaginário criado entre o mundo do sagrado e do profano. Mais precisamente, para enfrentar a dominação exercida pela sociedade profana sobre o mundo religioso pentecostal. (ROLIM, 1985, p. 253-4).

Segundo Antoniazzi et al (1994, p. 207), ao fazer uma análise de discurso de pentecostais que se recuperaram do alcoolismo, disse que:

[...] o discurso pentecostal não define o indivíduo como ser autônomo e autodeterminado, mas sim que, quando o indivíduo está isolado do poder de Deus não tem autonomia e se torna presa fácil das forças malignas. [...] O conceito de liberdade assim se reporta a uma submissão a Deus, ou seja, a sua regra e a seu plano. Ser livre não é seguir os desejos individuais, mas seguir a ética e a palavra de Deus. O pentecostalismo, no entanto, será individualista no sentido de pressupor que qualquer transformação da sociedade dependerá dessas libertações individuais.

Além dessas ponderações a autora analisou os pentecostais e a sociedade, colocando que, ao estudar o discurso dos que venceram o alcoolismo, foi verificado que a sociedade é vista por eles como opressora, sendo opositora no que diz respeito à liberdade e autonomia do indivíduo.

Na visão de mundo pentecostal, a sociedade externa à igreja, ou seja, aquela dos não-crentes, que “não aceitaram Jesus”, é um dos maiores responsáveis pelo alcoolismo. Para os pentecostais, beber-se nesse sociedade, porque o álcool é um meio de lazer e convivência entre os colegas de trabalho ou amigos, é um dos instrumentos, ou o único instrumento oferecido pelo “mundo” para enfrentar os conflitos, frustrações e dificuldades da vida. (ANTONIAZZI et al, 1994, p. 215-6).

Expondo essas questões Antoniazzi et al (1994) também enfatizou o poder crítico que reside no pentecostal, que se posiciona de maneira adversa ao mundo que os cerca. Antes de mencionar as ideias da autora é importante buscar a raiz pela qual os evangélicos agem dessa maneira, com essa carga de contestação e discordância. Jesus Cristo e seus discípulos, no tempo em que viveram nessa terra,

desenvolveram ideais e sonhos de pureza, de transformação e de bondade, que repudiavam não os recursos da natureza, mas as obras humanas que se mostravam cada vez mais dignas de serem rechaçadas. Lembremo-nos da frase: “Não ameis o mundo, nem o que o mundo há. Se alguém ama o mundo, o amor do pai não está nele. (BÍBLIA SAGRADA. N. T., p. 275). Ou ainda: “Adúlteros e adúlteras, não sabeis vós que a amizade do mundo é inimizade contra Deus? Portanto, qualquer que quiser ser amigo do mundo constitui-se inimigo de Deus”. (BÍBLIA SAGRADA. N. T., p. 265). Mais do que isso, Jesus ensinou tudo o que fosse proveitoso moralmente para o ser humano, dizendo que o mundo também o aborreceu e, por isso, também aborreceria os seus discípulos (BÍBLIA SAGRADA, 1998). Mas até essa questão não há erro. É legítimo desenvolver senso crítico ao sistema e à cultura. Todos nós gostamos de algumas coisas e nos aborrecemos por outras. A crítica de Antoniazzi et al (1994) é válida e importante, mas devemos entender que essa crítica se baseia em outra crítica, que é a dos pentecostais, que também deve ser respeitada. Tudo começou com um homem que viveu há dois mil anos atrás e que, independentemente do propósito divino, que muitos não creem, devemos aceitar que ele mudou a concepção de vida das sociedades. Se hoje existem guerras e barbáries por causa do nome dele, temos certeza que ele não tem culpa. Talvez possamos refletir e entender que o ser humano tem uma tendência tão forte para a intolerância que, quando chega um homem pregando amor, ele desse amor um motivo para semear ódio.

A literatura tem subestimado o potencial crítico e transformador do pentecostalismo, porque a crítica pentecostal não é o sistema econômico ou político, mas à moral e/ou à cultura, e ainda porque o pentecostalismo propõe primordialmente mudar o indivíduo e o mundo privado. [...] A sociologia tradicionalmente, tanto na vertente positivista inspirada por Durkheim como na materialista histórica, tem enfatizado o poder da sociedade sobre o indivíduo. Desta forma, tem negligenciado o poder dos indivíduos enquanto atores sociais. (ANTONIAZZI et al, 1994, p. 217).

A ponderação de Antoniazzi et al (1994) é importante para vermos que, apesar de estudos dizerem que a sociedade é mesmo a responsável por formar os indivíduos e determinar as suas condições, pensamentos e cultura, devemos respeitar o poder da fé, que atua de maneira contundente no indivíduo. As experiências espirituais e, por que não, emocionais, alteram a interpretação da realidade por parte das pessoas, mudando suas concepções e olhares, fazendo com

elas tenham comportamentos diferentes nos grupos sociais, alterando pouco a pouco a realidade em que vive, por meio da crença. O nome de Jesus é forte, influenciador e modificador. Esse nome transforma muitos seres humanos, suas atitudes, comportamentos e até hábitos e, por isso, é importante respeitar e considerar que, ao alterar costumes, padrões de vivência e estilos de vida, contribui para transformar famílias e comunidades.

Para os pentecostais a sociedade não é a única nem a principal causa do alcoolismo e do aprisionamento do homem ao mal. Por trás da sociedade estaria o “inimigo oculto”, uma força mágica e sobrenatural que seria a origem de todo o mal. Para vencer esta força mágica e sem ética (não justa), o homem necessita de um poder de um Deus absoluto e ético (justo). (ANTONIAZZI et al,1994, p. 217).

Aqui podemos ter a dimensão do senso crítico dos pentecostais, que não pode ser convertido em ódio às outras pessoas que não partilham das mesmas crenças que eles. Na página anterior foi feita uma defesa acerca da validade do senso crítico dos cristãos. Mas cabe aqui também uma menção à dimensão e proporção desse senso crítico que, se não for controlado e equilibrado, pode se tornar uma fonte de discórdia e de inimizade. Lembremo-nos que foram colocadas algumas passagens que enfatizam a amizade e a inimizade do mundo. Mas foi esse mesmo mundo que João, aquele mesmo que escreveu sobre o aborrecimento do mundo, abriu espaço em sua mente e em suas escritas para declarar que: “Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (BÍBLIA SAGRADA. N. T., p. 108). Ou seja, os cristãos têm a liberdade de ter uma crença e de passar adiante essa crença, com toda a liberdade permitida pela Constituição do nosso país, o que faz de nós um território livre, democrático, permitindo que se ajuntem numa mesa judeus e muçulmanos, que estudem na mesma escola cristãos e budistas, e que convivam no mesmo trabalho, católicos e espíritas. Essa diversidade é uma marca do povo brasileiro, conhecido por suas múltiplas cores, etnias e culturas, o que dá a esse assunto uma aura de responsabilidade, ensejando uma conscientização por parte de qualquer que, movido pela fé, não venha a impedir o bem-estar social com seus credos particulares. Liberdade para conversar e pregar todos têm, mas é de imensa pertinência dizer que, caso determinada pessoa não aceite determinados princípios como finalidade de vida, o respeito e a consideração devem ser as

mesmas. Isso não é retrato apenas de amadurecimento pessoal, mas reflete o amadurecimento da cultura, das leis, da democracia e da nação.

2.6 O fenômeno Neopentecostal

Como vimos, os pentecostais cresceram de forma avassaladora no Brasil, ganhando espaço e terreno frente à igreja Católica, que também se preocupa com esse crescimento. Antoniazzi et al. (1994) se dedica à reação por parte dos católicos frente a essa mudança no cenário religioso do país. Ele afirma que o pentecostalismo é sociologicamente fruto de uma conjuntura sócio-cultural que afeta toda a sociedade brasileira e, nela, a própria igreja católica. A explicação, segundo Antoniazzi et al (1994) é que a migração das pessoas do catolicismo para o pentecostalismo se deve ao papel da *Igreja Católica*, que veio dando menos atenção às ações pastorais e religiosas, enquanto trabalhou com maior ênfase no papel político e na área social. Logo após ele aborda essa situação com um pouco mais de profundidade, mencionando a distância da instituição ao lidar com os problemas graves das pessoas mais pobres, não dando assistência aos que sofrem problemas de saúde, de alimentação e de intrigas familiares. Antoniazzi et al (1994) também toca na questão da secularização da igreja, com menos apelo popular, destacando depois a clericalização do catolicismo oficial, que segundo ele, é a burocratização, em linguagem sociológica, que, como a igreja tem pouca atenção à vida em comunidade, não fomenta relações humanas próximas e diretas.

O que é inequívoco afirmar são as grandes manifestações de poder dos evangélicos, que lotam igrejas, assumem publicamente suas convicções e demonstram ser um grupo emergente que está disposto a lutar pelos seus ideais. Segundo Ari Pedro Oro (1996, p. 9), em Porto Alegre, Edir Macedo era mais conhecido que a maioria dos ministros da União e do vice-presidente da República. Macedo é líder da *Universal do Reino de Deus*, denominação que pertence à classificação de neopentecostais. Mas como diferenciar os neopentecostais de pentecostais? Nesse trabalho foram mencionadas várias igrejas, que na época do nascimento lançaram uma “linha de conduta”, ou melhor, mantiveram uma política com determinados costumes e interpretações que deram a elas o nome de pentecostais.

Mas a novidade estava por vir. A elaboração de um novo discurso pentecostal, centrado na *teologia da prosperidade e na guerra espiritual*, articulando-se com uma forma de organização eclesial do tipo empresarial, começa a se evidenciar no final da década de 70, com o surgimento da Igreja Universal do Reino de Deus. Várias outras igrejas surgem na década seguinte, guardando notável semelhança quanto ao núcleo do discurso e também, apesar de ligeiras variações, semelhanças na conformação institucional. Assemelham-se também pelo uso agressivo dos meios de comunicação, principalmente os eletrônicos e não são o resultado de elementos proselitistas vindo do exterior, ao contrário, são igrejas nacionais, com liderança nacional. Transitam pelo universo político-partidário com desenvoltura. O crescimento dessas novas igrejas é espantoso e a disputa pelos fiéis é caracterizada por uma ação proselitista agressiva, provocando forte reação de outras religiões, principalmente da Igreja Católica e dos grupos afro-brasileiros. Elas têm sido chamadas de neopentecostais, evidenciando uma transformação importante em relação às igrejas pentecostais predecessoras. (SIEPIERSKI, 2001, p. 60-1).

O autor explicou as características que fizeram o neopentecostalismo ganhar visibilidade e detalhou as características mencionadas acima. Com relação à *teologia da prosperidade*, ele disse que é a doutrina na qual todos os fiéis são filhos de rei. Até aí tudo bem. Mas a questão é que Deus os tornou seus filhos para que eles também tenham sucesso em seus empreendimentos, conforme esclareceu Siepierski (2001). Essa questão implica em uma maior aproximação de Deus com os fiéis, que são tratados como filhos e que, para tomarem posse do que já é deles, precisam apenas lutar com o inimigo da alma, que é o responsável por colocar entraves e problemas. Já a questão da guerra espiritual é o entendimento de que as aflições humanas e as suas agruras são decorrentes de forças e potências metafísicas, que só podem ser vencidos através do emprego de forças espirituais. Esse embate, conforme mesmo menciona o autor, é travado nas dependências da igreja, através dos cultos. Siepierski (2001) também toca num assunto polêmico, que é uma das grandes críticas para esse modelo de denominação, que é a arrecadação de dinheiro. Ele diz que a ênfase da teologia da prosperidade se dá através da doação de dinheiro e que a arrecadação é feita de maneira agressiva. Continuando a explicação do autor com outras palavras, significaria dizer que, ao doar dinheiro, Deus estaria sendo obrigado a fazer alguma coisa pelos fiéis.

A *Universal* surgiu quando Edir Macedo, até então funcionário público da Casa de Loterias do Rio de Janeiro, na época com 33 anos, saiu da *Nova Vida*, que já vinha frequentando desde a adolescência, e resolveu iniciar sua própria igreja. Macedo contou

inicialmente com a participação de seu cunhado, Romildo R. Soares, que também frequentava a *Nova Vida*. Iniciaram as reuniões no edifício de uma antiga funerária no bairro da Abolição, na cidade do Rio de Janeiro, em 1976. No ano seguinte, em julho, foi feito o registro oficial da igreja. Algum tempo depois os dois tiveram uma divergência, separando-se, e Romildo fundou então, em 1980, a *Igreja Internacional da Graça*, dando prosseguimento ao seu empreendimento sozinho. A década de 80 seria de forte crescimento para a *Universal*, através de uma atividade proselitista muito agressiva [...] A quantidade de dinheiro solicitada é o que mais chama a atenção, sobretudo da mídia. (SIEPIERSKI, 2001, p. 63-4).

Depois desse breve resumo sobre o desenvolvimento da *Igreja Universal* é importante continuar nas características que diferenciam os neopentecostais dos pentecostais. É evidente que, quando falamos em conceitos, as igrejas são assim reconhecidas e classificadas pelo fato de existirem critérios e parâmetros já definidos, mas mesmo entre elas é possível ver alguma dessemelhança, sejam em interpretação doutrinárias, nos usos e costumes e/ou ensinamentos e procedimentos litúrgicos. Em outras palavras, não significa que, por uma igreja ser neopentecostal, ela tenha em si todos os apanágios de outra denominação caracterizada da mesma maneira. Mas o certo é que, como elas têm a mesma proposta, as características delas de convergirão para que, pelo menos na maioria do conjunto de diretrizes e 'estilo', elas se assemelhem. Oro (1996, p. 53-4) faz a definição das características dos neopentecostais mencionando, além das já explicadas nas linhas anteriores, que esse 'grupo' detém líderes fortes, que podem ser entendidos como pessoas de alto carisma e prestígio, fazendo viagens para consolidar o nome das igrejas que lideram, multiplicando os seus templos. Eles são responsáveis por controlar a denominação de maneira contundente, tanto nos aspectos financeiros, administrativos e doutrinários.

Outro item que faz parte do pacote dos neopentecostais é o fato de que eles são mais flexíveis, ou seja, como mesmo o autor chama, é um pentecostalismo "liberal". Isso significa que o estereótipo do cristão antigo foi transformado e os usos e costumes tradicionais que diferenciavam os cristãos não foram mais seguidos à risca, dando a oportunidade para a membresia seguir determinados gostos mantidos pela sociedade. Oro (1996) continuou a explicação dizendo que as tradicionais provas e sinais de santificação foram as que mais sofreram a flexibilização, forçando as tradicionais igrejas pentecostais a refletirem sobre suas posições devido à crescente tendência de não-proibições. Tudo isso deu lugar também à novas

denominações que não impõem críticas a determinados grupos musicais, fazendo, ao contrário disso, a inserção dos ritmos nos locais de ajuntamento. O autor pensa ser importante essa adequação, já que traz para dentro das igrejas pessoas que se identificarão com aqueles ritmos, vendo um estilo que faz parte da vida deles. Isso os levará a frequentar as igrejas, não tendo que renunciar aos gostos pessoais, atitude que não teriam se olhassem para as denominações e enxergassem apenas proibições e estilos diferentes dos praticados. Porém, Oro (1996, p. 56) faz uma crítica ao sistema:

Observo, porém, que se, por um lado, o neopentecostalismo se apresenta como liberal nos usos e costumes, bem como na utilização de recursos tecnológicos modernos [...], por outro lado, ele constitui um movimento religioso fundamentalista pelo fato de nutrir a certeza da verdade divina inquestionável do texto escriturístico, sem qualquer possibilidade de interpretação.

Essa questão é importante porque indica como as pessoas precisam ter senso crítico quando frequentam qualquer forma de comunidade. As organizações se estruturam sobre princípios, que podem ser ensinados de maneira equilibrada ou pode ser feito com exagero. Esse abuso, caso ocorra, levará os membros a defenderem de maneira imatura e inconveniente as suas ideias. Formar organizações com valores e regras é uma atitude com seus pontos negativos, porém, fazer lavagem cerebral a favor de determinadas doutrinas ou pensamentos pode provocar ações preconceituosas e levianas.

2.7 Um pequeno recorte do Catolicismo no século dos Neopentecostais

Com relação aos meios eletrônicos, os pentecostais já estavam presentes na mídia impressa, sendo que, Assembleia de Deus, Igreja Metodista Brasileira, Igreja Presbiteriana do Brasil, entre outras, já possuíam, de alguma forma, uma maneira de comunicar através de editoras e jornais. Com o uso expressivo dos meios de comunicação de massa, as igrejas encontraram uma grande oportunidade para se fortalecerem, como é o caso da *Universal* que, conforme menciona Siepierski (2001, p. 67), saltou de 260 mil fiéis em 1991 para 1,5 milhão de fiéis nove anos depois. Oro (1996) discorre a partir de significados, para esclarecer o uso dos meios de comunicação da massa pelas igrejas, sendo que um deles é o econômico, que permite coletar as quantias necessárias para manter o programa no ar e promover o

crescimento das igrejas, além de contribuírem no próprio funcionamento e despesas. Outra questão abordada pelo autor é o proselitismo, que pode ser definido como uma forma de fazer propaganda da própria igreja, atraindo novos fiéis através de manifestações, depoimentos, pregações e curas, sobrando aos cultos a responsabilidade para segurar as pessoas com um discurso forte, emocionante e envolvente. Além desses significados, Oro (1996) cita o significado legitimador, em que os meios de comunicação, ao serem utilizados, servem não apenas para fortificar essas igrejas, mas sim validá-las. Daí vem o termo legitimador. Segundo o próprio autor, ao estarem usufruindo dos meios de comunicação, elas acabam se legitimando no cenário, na sociedade, adquirindo respeito e se posicionando como igrejas importantes, atingindo status perante as comunidades em geral. Por último Oro (1996) fala do significado dinamizador, que pode ser explicado da seguinte maneira: é a prática dos líderes, pastores, de dar sempre um caráter revigorante nos cultos, através de campanhas, discursos românticos, expressões e gestos, evitando a rotina e criando uma atmosfera capaz de preparar o fiel para a semana. Óbvio que isso serve para reforçar a conquista desses membros.

Além dessas faces do neopentecostalismo, é interessante mencionar a característica explicada por Oro (1996), em que se refere ao lado empresarial dessas igrejas. Como elas estão numa sociedade capitalista, a estrutura e organização seguem diretivas e estratégias que dizem respeito aos aspectos mercadológicos.

As igrejas são estruturadas segundo o modelo empresarial: possuem uma organização administrativa hierárquica, esperam aumentar sempre mais o seu patrimônio, mantêm uma divisão social do trabalho religioso e administrativo, colocam no mercado serviços e bens simbólicos que são adquiridos mediante pagamento, e sustentam uma relação concorrencial com as outras “empresas de salvação” atuantes no mercado religioso nacional. Se, de alguma forma, todas as organizações religiosas põem em prática uma maior ou menor organização empresarial, o neopentecostalismo se destaca nesse setor manifestando seus fundadores e líderes competências em lidar com as questões administrativas e financeiras e domínio das técnicas de marketing (ORO, 1996, p. 70).

Cechinato (1996) se mostrou totalmente contra as práticas da *Igreja Universal do Reino de Deus*, a mais forte neopentecostal existente, dizendo que ela pratica o mercado da fé. O autor disse que a igreja explora o povo simples, explora os doentes que buscam cura e que, sob a pressão moral feita pela igreja, “as pessoas

humildes enfiam a mão no bolso e dão tudo o que tem” (CECHINATO, 1996, p. 456). Entre vários argumentos e posições, Cechinato (1996) confere à *Universal* o título de multinacional, que compra prédios caríssimos em outras partes do mundo para fazê-los templos. O autor chega a fazer uma ironia no texto, dizendo que a igreja faz esses investimentos para oferecer curas às pessoas. A questão é que ele colocou entre aspas e, pelo tom mordaz adotado na escrita, é patente que ele tem uma postura ácida contra a igreja do bispo Edir Macedo. Por fim, o autor descreve os chutes que o pastor Sergio Von Helder deu na imagem de Nossa Senhora Aparecida, santa padroeira do Brasil, em 1995, ato que polemizou e exacerbou a rivalidade entre católicos e neopentecostais que. Inacreditavelmente, criam todas essas celeumas em nome de Deus, entidade que todos dizem ser a tradução do amor.

O catolicismo no Brasil chegou no dia do descobrimento, por assim dizer. É que, conforme Cechinato (1996) conta, na esquadra de Pedro Álvares Cabral havia oito frades, que ajudaram a construir o edifício da fé no país. Ele menciona que, naquele tempo, Pero Vaz de Caminha pediu que Portugal enviasse missionários para que os índios fossem educados na fé. Passando pelas primeiras manifestações de orientação religiosa no país, chegaram os jesuítas. Segundo o autor, a primeira missa foi realizada em Coimbra, dia 26 de abril de 1500, sendo que o primeiro grupo chegou com o Governador Geral, Tomé de Souza. Com o título de Companhia de Jesus, esse grupo tinha como alternativa pleitear com o protestantismo a conquista da fé. Antes da primeira missa, os padres que aqui estavam ajudaram a construir igrejas e colaboraram com outros trabalhos. Cechinato (1996) defende que os jesuítas não eram mercenários da fé, mas se arriscavam entre os índios, com penitências e orações, sendo que, às vezes, eram ameaçados e insultados.

Ainda segundo Cechinato (1996), o D. Carlos Duarte Costa, bispo de Botucatu, entre a segunda e a terceira década do século passado provocou uma crise ao divergir de outros bispos, ter problemas com a espiritualidade e fazer uma má administração da diocese. Ele foi afastado do cargo e, depois disso, decidiu apoiar o comunismo, travando uma batalha contra a *Igreja Católica* até ser excomungado. No mesmo dia ele fundou a *Igreja Católica Brasileira* (IACB).

Em seguida, ordenou bispo a D. Salomão Ferraz. Logo depois, D. Salomão separou-se de D. Carlos e organizou a Igreja Católica Livre. [...] Seu objetivo era formar igrejas nacionais na América Latina. [...] Como era de se supor, a ICAB caiu no relaxo. Tornou-se fonte de

renda. Faz casamento de casados, vende “óleo santo”, plagia missas e bênção da Igreja Católica. A ICAB não consegue se impor pela sua mensagem nem pelo prestígio de seus pastores, mas faz muito mal à Igreja Católica, explorando devotos e escandalizando o público mal informado com notícias de padres imorais da ICAB. [...] A ICAB não conseguiu manter sua unidade. A divergência entre seus pastores criou outras denominações. (CECHINATO, 1996, 417-18).

Em 1952, no Brasil, era criada a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que tem como objetivos as seguintes questões, segundo Cechinato (1996, p. 420):

- A) aprofundar cada vez mais a comunhão dos bispos;
- B) estudar assuntos de interesse comum da Igreja no país para promover melhor a ação pastoral orgânica;
- C) deliberar em matéria de sua competência, segundo as normas do direito comum ou de mandato especial da Santa Sé;
- D) manifestar solicitude pela Igreja Universal, através da comunhão e elaboração com a Sé Apostólica e com as outras Conferências Episcopais;
- E) cuidar do relacionamento com os poderes públicos a serviço do bem comum, ressaltando o conveniente entendimento com a Nunciatura Apostólica no âmbito de sua competência.

Depois de abordarmos o nascimento da fé em Jesus Cristo, com seus fundamentos, formatos e propriedades, pudemos ver o seu desenvolvimento em várias regiões do mundo, até aterrissarmos no Brasil com os pentecostais e neopentecostais. O catolicismo também foi visto desde os seus primórdios, tempo em que gozava de mais supremacia e ‘conforto’. Hoje as civilizações avançaram no que se refere à Constituição e às conquistas democráticas. Não vemos mais homens sendo feitos tochas vivas por causa de um homem que veio para trazer amor à terra. O ambiente é de rivalidade e a disputa pelos membros está aberta. Com isso, cada denominação e/ou instituição emprega seus esforços para atrair para si mais pessoas, preenchendo os lugares vazios, ocupando novas regiões e, mais do que isso, fortalecendo o próprio valor organizacional. Mas, em face de tantas disputas e interpretações díspares, quem estará com a verdade? Existe a verdade? Como essas igrejas se comunicam? Quem elas procuram atender? O que buscam? Qual o discurso e a linguagem utilizados? Como elas se posicionam? Essas questões serão abordadas no decorrer desse trabalho.

3. O DISCURSO E SUAS CARACTERÍSTICAS

Um discurso abrange muito mais do que uma explanação verbal, uma apresentação pública ou uma pregação religiosa. Um discurso é carregado de significados e também de interpretações. Um discurso possui muito mais do que imagens, palavras e sons. Um discurso é o retrato de contextos sociais, culturais, religiosos e pessoais que implica em dimensões e aprofundamentos. Maingueneau e Charaudeau (2004) escreveram que os discursos estão submetidos a regras de organização em vigor em uma determinada comunidade. Essas regras, segundo os autores, são as dos múltiplos gêneros do discurso. Ademais, essas regras que recaem sobre o plano de texto e sobre a dimensão do enunciado. Ao fazer uma análise do discurso é necessário mergulhar na construção de todos os argumentos que estão sendo formados e verificar o contexto sócio-histórico da linguagem utilizada. Como o próprio nome diz, é analisar friamente as palavras que estão sendo ditas, já que elas escondem ideologias, representações e simbolismos e têm raízes profundas na sociedade. O discurso sempre vai ser relativo, ou seja, sempre vai depender de onde o indivíduo estiver inserido. As suas experiências em determinados grupos e as suas interações com as crenças, ritos, costumes e ideais ali defendidos farão com que determinadas formas de pensamento e ideologia estejam presentes.

Os meios de comunicação exercem um papel super importante na construção dos discursos, já que, a cada conjunto de dados que é recebido e tratado como informação jornalística, há uma seleção que visa manter certa orientação e direção. Quando a televisão é ligada e as imagens explodem na tela; quando o rádio mesmo com seus chiados difunde informações; quando as páginas de um jornal ou uma revista são folhadas; quando um ser humano se depara com conteúdo de comunicação, ele está diante da vontade de um veículo, de um repórter, de um editor. Antes de aquela notícia ser publicada, ela foi escrita, reescrita, corrigida, escolhida, ou seja, ela já sofreu influências, intervenções e mediações.

A consciência dessas mediações, no entanto, parece não estar presente naqueles que ouvem, veem ou leem o relato e, sobretudo, naqueles que emitem. Isso se dá porque as pessoas, em geral, consideram ter uma visão “objetiva”, isenta, imparcial do mundo e as

mediações presentes no processo de construção do relato, que podem desviá-lo, parecem ter sido absorvidas como normais. Essa visão “objetiva” nada mais é, na verdade, que a visão que se difundiu em uma dada sociedade, sendo considerada, por isso, “natural”. Em outras palavras: o condicionamento social, a visão monológica do mundo, que interessa à permanência do *status quo*, é tão forte que qualquer possibilidade de crítica, qualquer desvio causa estranheza e é repudiado. (BACCEGA, 1998, p. 53).

A mediação é muito mais do que o papel de jornalista que coleta, apura, seleciona e divulga informações. É muito mais do que servir de árbitro ou de gestor de determinada informação. Como mesmo disse Koch (1984), a mediação aparece entre o homem e a natureza e também no relacionamento do homem com seus semelhantes. Esse relacionamento entre o homem e a linguagem como representação do mundo é à luz da Semântica, sendo que, a interação social do homem na e pela linguagem constitui objeto de estudo da Pragmática. Entra nessa questão, conforme mesmo diz o autor, a argumentatividade, que ocorre por intermédio da língua e existe pelo fato de o homem possuir a capacidade de formar seus juízos de valor e de tentar influir outrem. Além de afirmar que a neutralidade é um mito, já que essa pretensão está pautada na objetividade e contém uma ideologia, Koch (1984) diz que o ato de argumentar orienta o discurso no sentido de certas conclusões, porque, na expressão ampla do termo, todo o discurso possui uma ideologia.

Com relação ao argumento, Maingueneau e Charaudeau (2004) escreveram que a palavra argumento é utilizada em três domínios. Em lógica, corresponde a um termo designativo. Já no âmbito da literatura, o argumento remete a um discurso que resume a outro discurso e, em retórica argumentativa, o argumento fica caracterizado como um enunciado que legitima uma conclusão. Mas o que é argumentação?

É uma atividade que visa a intervir sobre a opinião, a atitude, e mesmo sobre o comportamento de qualquer indivíduo, por intermédio do discurso. Tal como a compreendo, a argumentação considera o interlocutor não como um objeto a manipular, mas como um objeto a manipular, mas como um alter ego que se quer levar a fazer partilhar sua visão. Agir sobre ele é procurar modificar as diversas representações que lhe atribuímos, evidenciando certos aspectos das coisas, ocultando outros, propondo novidades, tudo isso com a ajuda de uma esquematização apropriada. [...] Argumentar equivale a enunciar algumas proposições que decidimos encadear. Reciprocamente, enunciar equivale a argumentar, pelo simples fato de que decidimos falar e desenvolver um determinado sentido em

detrimento de outros. (MAINGUENEAU; CHARAUDEAU, 2004, p. 52-3).

Fica claro que o discurso não se dá apenas em um palanque, em um púlpito ou mesmo em um tablado. O discurso está presente em mais situações que se imagina e o reconhecimento da sua composição não é tão simples como parece. A sua análise implica em conhecimentos de conceitos e teorias. A linguagem é um componente vital que permite o alicerce de todo o universo simbólico, fomentando a construção das realidades culturais que vivemos. Além disso, toda a interação entre os diversos setores da sociedade civil, bem como as transmissões de conhecimentos, folclores e tradições, se dão através do elemento linguístico, formando as representações sociais. Mas quando se fala em linguagem, não se pode reduzi-la para apenas as verbalizações feitas pelas pessoas. Linguagem ultrapassa essa fronteira. Ela ocupa também mais espaço do que aquele restrito à linguagem não-verbal, representado por meio de esgares, sinais faciais, expressões corporais e trejeitos. Santaella (1996) diz que tudo é linguagem, até mesmo os processos perceptivos, como, por exemplo, quando cheiramos e saboreamos. Segundo a autora, a mais esquemática definição de linguagem, num sentido lato, seria a de que é qualquer coisa que seja capaz de tornar presente um ausente para alguém, ou seja, quando há resultados de elaborações e concepções cognitivas. Ela continua dizendo que a linguagem não é um privilégio humano, e que a linguagem haverá onde houver ordem, codificação, transmissão de informação e processo de comunicação. Ela menciona, portanto, sistemas de língua e linguagens simbólicas da matemática, lógica, química, física, entre outros.

Ora, sem alguma espécie de linguagem, por mais tenra e singela que seja, não há transmissão de mensagens, quer dizer, não há comunicação; o que nos leva a concluir que os processos de linguagem aparecem em todos os processos vivos. (SANTAELLA, 1996, p. 315-6).

Com o avanço da tecnologia, o conhecimento se difundiu, os meios se multiplicaram e a linguagem não se restringe mais à oral. O progresso melhorou as relações sociais, aproximou as pessoas, diminuiu as dificuldades de codificação e trouxe benefícios inimagináveis. Santaella (1996) não ignorou essa questão, e fez referência aos meios técnicos mecânicos, que, como ela mencionou, foram originados com a Revolução Industrial. Além disso, ela lembrou a importante Revolução da Informática e de produção de linguagem.

Falando de linguagem, é importante trazer a citação de Medina (1996 apud BACCEGA, 1998, p. 64) que diz que, se os jornalistas montassem um projeto de pesquisa de linguagem e estudassem os escritores contemporâneos (bem como os clássicos), seriam narradores mais eficientes e expressivos.

Tanto o discurso da história como o discurso literário servem ao comunicador como resultados de caminhos percorridos por indivíduos/sujeitos que, de modo diverso, souberam acercar-se da realidade. Se o primeiro lhe dá a condição de perceber o processo histórico presente no cotidiano, onde está a gestar-se no futuro, o discurso da literatura lhe permite conhecer novos modos de manifestação verbal, que assinalarão com maior "rigor" a captação dos seres, enquanto indivíduos, que possibilitarão ao comunicador acercar-se da realidade imediata com a percepção de quem consegue transfigurá-la no tempo, vendo nela o presente e o futuro. (BACCEGA, 1998 p. 65).

Como mesmo foi possível notar, a autora falou de discurso da história, discurso da literatura, e não paramos por aí. Como mesmo escreveu Silva (2002), a Análise de Discurso pressupõe o estudo da estrutura de um texto que vai além de características semânticas e linguísticas.

Propõe uma reflexão sobre sua exterioridade e condições de produção sócio-históricas. Por texto entende-se uma unidade complexa de significação. Cada texto pode ter vários discursos, vários efeitos de sentidos construídos no processo de interlocução, isto é, no processo de interação entre indivíduos através da linguagem verbal ou não-verbal. Nesse processo, a emissão de conjuntos de signos recebe o nome de enunciação. Nela, a figura que representa a pessoa cujo ponto de vista é apresentado é o enunciador. O enunciador é a perspectiva que o locutor constrói e de cujo ponto e vista narra, identificando-se ou não com ele. O locutor é, assim, uma função enunciativa que o sujeito falante exerce e pelo qual se representa como o eu no discurso. A Análise de Discurso procura refletir sobre a relação que se dá entre locutores, enunciados e o mundo, procura estudar a posição sócio-histórica dos enunciados. As instituições nos quais os discursos são produzidos, fator muito importante na enunciação, e os embates históricos, sociais etc. que formam discursos, também são alvo de uma Análise de Discurso, bem como as várias relações entre os discursos. O estudo dessas relações primeiro separa as formações discursivas, ou seja, conjunto de enunciados marcados pela mesma regularidade. O passo seguinte é procurar as interações entre formações discursivas diferentes, já que os discursos se constituem também por isso, pela interdiscursividade, a relação de um discurso com outros. Todo o discurso nasce de um trabalho sobre outros discursos. (SILVA, 2002, p. 28).

É consenso que o discurso contém não apenas aspectos explícitos, mas muitos significados velados. Através da persuasão o discurso coopta, emociona,

chama a atenção, muda comportamentos e cria novas formas de pensar. O argumento é feito de escolha de palavras e assuntos. “Dentro” do argumento existem ideologias, experiências, direções, propostas, ideias, subjetividades e pareceres que foram arraigados pela trajetória sócio-cultural do indivíduo. Com isso há a intenção do convencimento, de querer que as pessoas se interessem e concordem com suas afirmações e justificativas. Mas esse convencimento não é tão simples de definir. Ou melhor. Não existe apenas o convencimento. Existe a persuasão. Koch (1984, p. 20) expõe as diferenças entre o ato de convencer e o ato de persuadir:

Enquanto o ato de convencer se dirige unicamente à razão, através de um raciocínio estritamente lógico e por meio de provas objetivas, sendo, assim, capaz de atingir um “auditório universal”, possuindo caráter puramente demonstrativo e atemporal (as conclusões decorrem naturalmente das premissas, como ocorre no raciocínio matemático), o ato de persuadir, por sua vez, procura atingir a vontade, o sentimento do(s) interlocutor (es), por meio de argumentos plausíveis ou verossímeis e tem caráter ideológico, subjetivo, temporal, dirigindo-se, pois, a um “auditório particular”: o primeiro conduz a certezas, ao passo que o segundo leva a inferências que podem levar esse auditório – ou parte dele – à adesão aos argumentos apresentados.

Maingueneau e Charaudeau (2004) falam sobre a Retórica, e explica o significado de orador e auditório, este último objeto de menção por Koch (1984) na citação anterior. Na Retórica antiga, os autores mencionam que as noções sobre esses conceitos são correlatas. Orador e auditório servem para designar respectivamente os pólos de produção e de recepção do quadro participativo específico da retórica clássica. O auditório abordado por Koch (1984) é um público ao qual se destina o discurso, composto por um grupo de pessoas. Dessa forma o orador configura o texto e confecciona seus argumentos com base em estereótipos, tendo o intuito amparado em estratégias enunciativas para manobrar a plateia, ‘implantar’ a sua ideia e conseguir a adesão dos ouvintes.

Quando se fala em discurso estamos acostumados a lembrar de formas de comunicação que se iniciaram há milênios atrás através de caretas e verbalizações precárias. Com mímicas e gestos os homens primitivos estabeleceram as primeiras formas de transmitir uma informação, um dado. Eram bem rudimentares no início, mas logo a evolução para a escrita tirou o peso e a dificuldade de memorização. Desse modo, as mais antigas maneiras de comunicação começaram a serem

concebidas com a contribuição de inventos e o auxílio de descobertas que favoreceram a humanidade, criando grandes fontes de aprendizado. Desde os mais ininteligíveis desenhos em cavernas, passando pelas prensas, pelo cinema, pelos jornais, pelo rádio, pelo gramofone, pelo telégrafo, atingindo as televisões e a internet, o homem foi alterando sua forma de dizer e para quem dizer. Mas o que não muda é a intenção de comunicar. O que acontece atualmente é uma maior potencialização do ser humano e uma capacidade cada vez mais aprimorada de produzir ideias, transmitir informações em suas interações sociais e estabelecer determinados tipos de discursos. Uma explicação simples, antiga, mas coerente sobre a comunicação, é que ela é estabelecida através de um emissor, que é a pessoa que envia as mensagens, podendo não ser apenas um indivíduo só, mas um grupo de pessoas. O receptor, a quem se destina a mensagem, recebe através de um canal, que vem ser o meio através do qual a mensagem foi transmitida. Essa mensagem só é possível através do código, que nada mais é do que o conjunto de signos utilizado para preparar e elaborar essa mensagem. Essa tão mencionada mensagem é simplesmente aquilo que se quer comunicar. Existe também o contexto, que vem a ser a situação que a mensagem se refere.

Essa comunicação e, obviamente, o discurso, é feito por todas as pessoas, uns com maior preparo, outros não, sendo utilizada com profissionalismo e às vezes com leviandade. Essa comunicação pode ser perniciosa ou benéfica e, inequivocamente, os discursos podem ser nocivos ou saudáveis. Todos discursam, baseado em representações e signos, mas alguns discursos são mais sentidos, ou melhor, dependendo do cargo que o orador ocupa e da função que ele exerce, suas estratégias de enunciação e de comunicação podem influenciar mais pessoas, positivamente ou negativamente. Mas esse trabalho não visa fazer uma Análise de Discurso com base no que é bom ou ruim. Não há a intenção de buscar juízos de valores ou de afirmar verdades difíceis de confirmarem, porque, o que é interessante e benéfico para alguém pode ser de má qualidade para outro.

3.1 A análise das pregações Católica e Neopentecostal

A proposta desse trabalho é a de explicar um fenômeno religioso que se desenha no Brasil. A *Igreja Católica*, com um histórico de hegemonia e de prestígio na sociedade, com respeito e nível de credibilidade notáveis, começou a perder

espaço. Mas as pessoas, diante de tantas injustiças sociais, aflições e com ingentes dificuldades para lidar com doenças incuráveis e com a morte, ainda buscam explicações na religião. A questão é que essa busca, em décadas passadas, era feita na esmagadora maioria através de participações em paróquias e igrejas católicas. Só que essa tradicional e costumeira ida às missas não ocorre como antigamente. Os anseios por respostas espirituais estão sendo feitos menos nos pátios católicos e mais nas marquises evangélicas.

Esse trabalho fará uma Análise de Discurso para aferir se o discurso utilizado pela *Igreja Católica* é um dos responsáveis por esse decréscimo no número de fiéis. Consolidada no Brasil como a grande detentora da pregação cristã, a instituição sempre usufruiu de poder, credibilidade e notoriedade entre as pessoas, desfrutando da supremacia quando se fala em *serviços divinos*. Porém, esse posto de primeiro lugar está sendo ameaçado por organizações evangélicas que agregam em suas fileiras fiéis imigrantes do catolicismo. Atualmente há várias denominações que professam a mesma fé, pregam o mesmo Jesus Cristo, anunciam a mesma salvação, falam do mesmo paraíso, pautam o discurso utilizando a mesma Bíblia e, mesmo assim, têm obtidos resultados diferentes.

Esses cenários distintos mostram que o problema que o Catolicismo enfrenta, não é apenas de natureza religiosa, já que, se assim fosse, as pessoas não estariam à procura de um conforto e um alento espiritual. O cerne dessa enredada questão é que, o catolicismo, em comparação com algumas entidades evangélicas, tem uma maneira diferente de comunicar, de argumentar, de narrar os acontecimentos bíblicos, de provocar a adesão dos ouvintes e de fazer o uso da retórica. Com diversos estudos sobre o assunto, é pertinente destacar Aristóteles (19--) “A retórica é a faculdade de ver teoricamente o que, em cada caso, pode ser capaz de gerar a persuasão. [...] A retórica parece ser capaz de [...] descobrir o que é próprio para persuadir”. A persuasão, com seus gêneros, elementos e provas, permite que, com um mesmo livro (Bíblia), duas instituições experimentem situações totalmente díspares. Por conseguinte, com esse cenário se delineando, a Igreja Católica, conceituada por muitos como uma organização que mantém uma forma litúrgica com um estilo arcaico e um discurso desatualizado, perde espaço com a evolução de linguagens e inéditas formas de concepção social e educacional.

Assim, compreender se o discurso é uma das principais causas de a *Igreja Católica* perder espaço entre os fiéis é a intenção dessa análise, bem como

identificar as características do discurso religioso que a *Igreja Católica* utiliza, aferindo o motivo do distanciamento dos fiéis.

Através desse olhar, a partir de agora, traçaremos um paralelo com base em uma pregação realizada em uma missa católica e em um culto evangélico, em que foram escolhidas uma homilia do Padre Fábio de Melo e uma exortação do Pastor Romildo Ribeiro Soares, conhecido como R R Soares. A análise vai ser dirigida para descobrir para quem os pastores pregam e para quem os padres pregam. Qual o universo de representações e significados do discurso dos pastores e qual o conjunto de enunciados dos padres? Quais as formações discursivas e os fenômenos ideológicos que estão incrustados nas estratégias dos pastores e dos padres? Quais os reflexos sociais e culturais das pregações de ambos? Fábio de Melo foi escolhido porque é uma das vozes expoentes e respeitadas da *Igreja Católica*, tendo uma grande popularidade entre os católicos. A opção pela pregação de Soares ocorreu pelo mesmo critério, ou seja, pela influência e popularidade dele na sociedade brasileira, sendo reconhecido popularmente como um grande líder evangélico. Em suma, a escolha dos dois foi concretizada porque eles representam o que há de moderno e atual nas duas “correntes”, sendo dois grandes ‘rivais’ na disseminação da fé cristã. Ao analisar o discurso, será possível identificar as intenções das instituições e entender se essa realidade pregada nos cultos e missas corresponde à realidade cultural da plateia, ou melhor, se é o retrato do povo brasileiro. Dessa maneira será possível apresentar resultados técnicos e coerentes sobre as correlações entre o discurso de ambos, vendo as diferenças e conectando-as às mudanças no contexto sócio-religioso do país.

3.1.1 A Homilia do Padre Fábio de Melo

Quando se fala em padres a imagem que vem à cabeça é a de um homem com faixa etária avançada, cabelos grisalhos, batina comprida, olhar agradável, postura comedida e voz mansa. Diante desse estereótipo, não é difícil dizer que os sermões na igreja sempre serão comedidos, sem eloquência, com um estilo pouco expansivo, postura sóbria e um linguajar mais sério. Mas, quem assiste à televisão ou vai a determinadas missas se depara diante de um novo perfil de padres, que são mais jovens, com vigor físico e postura flexível, além de manterem um discurso mais

acalorado e loquaz. O padre Fábio de Melo pode ser visto como um representante dessa classe. Jovem, bem apessoado e simpático, o clérigo destoa do estereótipo de que padre é sisudo, chato, ranzinza, que gosta de repreender e corrigir as pessoas.

Famoso não só entre os católicos, mas em toda a sociedade pela participação ativa e constante nos meios de comunicação de massa, o padre é também compositor, escritor e cantor, usando suas habilidades para disseminar o evangelho às pessoas. Para conquistar todo esse carinho das pessoas que se interessam pelos seus discursos, o padre tem um estilo que, inegavelmente, agrada às pessoas. Mas o que ele faz? Como ele discursa? Quais as características da linguagem por ele utilizada? O objetivo da análise é verificar qual o discurso elaborado pelo padre para ensinar, instruir e 'alimentar espiritualmente' os fiéis, identificando a linguagem utilizada e as condições de produção do sermão. Com isso será possível enxergar a posição da *Igreja Católica* diante da sociedade, diante da cultura e dos movimentos contemporâneos.

A pregação feita por Fábio de Melo já demonstra uma grande diferença de interpretação católica da evangélica. O padre faz a explicação bíblica enaltecendo Maria, que, conforme diz a Bíblia, foi a mãe de Jesus. Segundo os católicos, Maria era mais do que a genitora de um dos homens mais influentes da humanidade. Ela era capaz de fazer prodígios e maravilhas, tendo prerrogativas do céu para curar, libertar, sarar e agir em favor dos homens. Já para os evangélicos há um outro entendimento: Maria foi uma mulher que deve ser respeitada pelo padrão moral que teve, pelo respeito do próprio corpo quando moça (ela casou virgem), mas não é uma pessoa a ser venerada. Padre Fábio faz o seu discurso com alicerce na vida de Maria e a sua assunção ao céu.

No início da explicação o padre fala sobre os atributos e qualidades da mãe de Jesus, colocando-a como mulher de família, mulher de carne e osso, enaltecendo-a acima dos homens. Ele diz que as mulheres são mais aprimoradas do que os homens e que um homem só pode ser verdadeiro e inteiro se tiver uma mulher na sua vida. Ele completou dizendo que não estava abordando a experiência carnal, mas sim da presença forte da mulher que sensibiliza e fornece ao homem o entendimento de quem esse homem é. Fábio diz que as mulheres têm o poder de ser como Deus em pequenas medidas, porque costumam a criação divina, ou seja, cuidam de uma criação inacabada que, segundo o padre, é o homem. Seguindo

adiante, Fábio evoca o poder de uma mãe e fala sobre o olhar carinhoso que ela pode demonstrar. Fábio diz que “nada pode ser mais íntimo do que morar durante 9 meses dentro de uma mulher; nada pode ser mais profundo, nada pode ser mais significativo”.

Observando o início da pregação do padre, é possível encontrar os elementos que ele trabalha. As palavras usadas pelo padre são muito mais do que uma posição pessoal. Na verdade é um posicionamento histórico e cultural da igreja, porquanto o padre representa uma organização e mantém um vínculo que permite aprender e entender a realidade de acordo com a ótica católica. As escolhas das suas palavras são reflexo da política da entidade e todas as suas explanações são feitas com base em sua experiência como padre católico e suas práticas pessoais alicerçadas nos ritos aprendidos. Seria insólito e pouco pensável ocorrer de um padre emitir um ponto de vista ou analisar os contextos religiosos e espirituais de maneira que fosse contrária aos princípios e ideais erigidos durante séculos pela *Igreja Católica*. Suas palavras não são folhas ao vento. Elas têm concepção, desenvolvimento, crescimento, identidade, personalidade e peculiaridades. Palavras não são apenas junção de letras, que o diga os grandes nomes da Análise de Discurso.

Para Bakhtin, a palavra é o signo ideológico por excelência, pois, produto da interação social, ela se caracteriza pela pluralidade. Por isso é o lugar privilegiado para a manifestação da ideologia; retrata as diferentes formas de significar a realidade, segundo vozes, pontos de vista daqueles que a empregam. Dialógica por natureza, a palavra se transforma em arena de luta de vozes que, situadas em diferentes posições, querem ser ouvidas por outras vozes. Consequentemente, a linguagem não pode ser encarada como uma entidade abstrata, mas como o lugar em que a ideologia se manifesta concretamente, em que o ideológico, para se objetivar, precisa de uma materialidade [...] (BRANDÃO, 2002, p. 10).

Como vimos, as palavras são parte de um processo de comunicação que abriga diversos contextos e situações. A autora menciona Bakhtin porque ele, a partir de seus estudos, acrescenta outros entendimentos às teorias de Saussure, que estabeleceu uma dualidade entre língua e fala. Brandão (2002) diz que Bakhtin assimila a língua como um fato social, que existe pelas necessidades de comunicação. Discorrendo ainda sobre linguagem, a autora dá uma contribuição importante sobre as suas faces e manifestações:

A linguagem enquanto discurso não constitui um universo de signos que serve apenas como instrumento de comunicação, ou suporte de pensamento: a linguagem enquanto discurso é interação, e um modo de produção social; ela não é neutra, inocente (na medida em que está engajada numa intencionalidade) e nem natural, por isso o lugar privilegiado de manifestação da ideologia. Ela é o sistema suporte das representações ideológicas [...]. (BRANDÃO, 2002, p. 11).

Mas o que é ideologia? Essa palavra é muito utilizada no campo da política, e é associada a um conjunto de ideias que se manifestam em determinados grupos e comunidades. É tida como uma maneira de ver de certos partidos e organizações. Todavia, essa ideologia tem um contexto histórico e é fruto de um processo cultural e político. Essa palavra tem causado tanta ambiguidade e estranheza no seu uso que Brandão (2002) mesmo diz que o termo ideologia tem uma noção confusa e controversa. Charaudeau e Maingueneau (2004) escreveram que nos anos 1960 e 1970 houve um consenso com relação ao uso da palavra ideologia, que é um sistema global de interpretação do mundo social. Os autores complementaram a explicação dizendo que esse sistema é dotado de uma existência e de um papel históricos no seio de uma sociedade determinada. Eles ainda acrescentaram informações explicando que a ideologia como sistema de representações se diferencia da ciência pelo fato de que nela a função prático-social predomina sobre a função teórica, ou seja, de conhecimento. Brandão (2002) disse que Marx e Engels conceituaram ideologia com a separação que se faz entre a produção de ideias e as condições sociais e históricas em que são produzidas. Conforme escreveu a autora, Marx via a ideologia como uma forma de mascarar a realidade social, caracterização identificada porque, na concepção marxista, a ideologia é um instrumento de dominação de classe pois a classe dominante faz com que as duas ideias sejam seguidas por todos. Entre outras afirmações, Brandão (2002) cita que, de acordo com Marx, a ideologia é ilusão, ou seja, abstração e inversão da realidade social. Orlandi (2001) disse que a ideologia torna possível a relação entre o pensamento, a linguagem e o mundo, reunindo sujeito e sentido. Com isso, segundo a autora, o sujeito se constitui e o mundo se significa pela ideologia.

[...] consideramos que a ideologia se materializa na linguagem. Ela faz parte do funcionamento da linguagem. É assim que a Análise de Discurso permite compreender a ideologia – e o seu funcionamento imaginário e materialmente articulado ao inconsciente – pelo fato mesmo de pensá-la fazendo intervir a noção de discurso. [...] Pelo que pudemos expor, a ideologia se liga inextricavelmente à interpretação enquanto fato fundamental que atesta a relação da

história com a língua, na medida que esta significa. A conjunção língua/história também só pode se dar pelo funcionamento da ideologia. E é isto que podemos observar quando temos o objeto discurso como lugar específico em que se pode aprender como a língua se materializa na ideologia e como esta se manifesta em seus efeitos na própria língua. (ORLANDI, 2001, p. 96).

Mas, tudo isso foi abordado para que o discurso do padre Fábio fosse entendido. Esse embasamento teórico serve como alicerce para compreendermos que, ao pregar sobre padrões de vida, comportamentos, hábitos e ambientes sociais, o padre fez uso da linguagem que, conforme foi visto acima é o lugar onde se materializa a ideologia. Na pregação de Fábio é possível ver uma valorização da mulher amparada na vida de Maria, considerada, pelas entidades católicas, uma mulher santa e digna de ser venerada. Com isso, ao enfatizar a força e a sensibilidade do gênero feminino, o padre não se baseia apenas num fato específico. Sua pregação é feita com observações sociais e históricas. Quando menciona a força e a sensibilidade da mulher, o padre está mantendo a situação cultural que é amplamente divulgada pelos meios de comunicação, com grande influência da publicidade.

É óbvio que desde os primórdios da humanidade, as pessoas se relacionavam de maneira diferente e, ao falar da mulher como uma pessoa de força e sensibilidade, Fábio se amparou em estereótipos atuais do gênero feminino, além de ter como referência as qualidades da mulher como genitora, o que confere a ela um ar mais angelical. O padre explora essa questão colocando-a como superior aos homens, digna de maior deferência e valorização. É evidente que outra abertura para ele pregar com essa profundidade e abrangência foram as conquistas femininas, que permitiram que elas fossem ouvidas e incluídas de maneira diferente na sociedade, sem a submissão e o papel procriador até então vivido. Fábio faz menção à Maria e sua intenção é a de conscientizar para as mulheres que fazem parte da plateia, sigam os mesmos valores e predicados da mãe de Jesus. Ao utilizar Maria como referência, simbolizando toda aquela aura nobre e íntegra de Maria, Fábio faz o link com a imagem contemporânea da mulher, que diante da literatura, da música e da cultura em geral, tem uma posição que remete ao poder. Esse poder significa um poder de participar, de ter direitos e de ter possibilidades. O padre diz que a mulher tem força e sensibilidade, e as condições históricas e culturais que começaram com os movimentos feministas, ganharam a aceitação das

comunidades e foram difundidas de maneira inesgotável, incutindo nas pessoas as qualidades do gênero feminino, algo que seria quase impossível de visualizar e reconhecer em séculos passados.

Diante do início da explicação, Fábio continua abordando sobre as qualidades e diferenciais da mulher e, explicando sobre as possibilidades de uma mãe gerar filhos, ele parafraseia o cantor Caetano Veloso, lembrando de duas músicas no meio da pregação. Mesmo sem citar o nome da música, o padre diz que acha linda a expressão “gestado na água”, que é da composição *Eu e Água*, de Caetano. Ele padre a utiliza como referência junto com outra composição do mesmo cantor, chamada *Matriz*. Ele diz que essas duas músicas estão intimamente ligadas, porque, segundo ele, a segunda canção fala do prazer de viver na água que é a mãe. Tudo isso é utilizado por Fábio para embasar a sua explicação sobre Maria e Jesus. Ele disse que Jesus passou pela experiência de ser gestado no colo de uma mulher e de ser amamentado por uma mãe.

Ele continua explicando que Maria foi beneficiada pela compreensão de José, que teve de admitir a existência de uma operação espiritual naquela que seria a sua esposa. O padre aproveita essa situação para fazer uma associação ao estado contemporâneo das famílias. Ele diz:

Se não fosse a disposição de José de compreender o sentido da encarnação, aquela mulher (Maria) estaria na rua, como tantas vezes fazemos com as mães solteiras que não tem marido. Maria sentiu na carne a mesma humilhação e a mesma discriminação que as mães solteiras de hoje. Veja bem que aquela mulher precisou reorganizar o sentido de tudo o que ela era como mulher, num tempo em que mulher não valia muita coisa, num tempo em que ela precisava reunir dentro dela todas as forças humanas para que ela pudesse suportar.

Depois de concluir essa frase, Fábio iniciou bruscamente no meio da pregação um cântico a favor de Maria, em que pedia que a mãe de Jesus ensinasse à Igreja a viver como escolhidos (de Deus). Nota-se nessa questão que Fábio aplicou a vida de Maria, abarcando, por conseguinte, as dificuldades, o sofrimento e as ‘estratégias’ da mãe de Jesus para conseguir suportar a situação estressante e desafiadora em que estava vivendo. Para isso ele fez menções atuais e respeitáveis, como, por exemplo, as citações das composições de Caetano Veloso, reconhecido internacionalmente por seus trabalhos manuais de qualidade. Essa alusão traz um contexto relevante, atual e nobre à pregação de Fábio de Melo, já que Caetano é um líder, um ídolo, que influencia as pessoas por intermédio de suas canções. Ao

utilizá-lo como referência, o padre se mostra um homem de cultura refinada, com gostos distintos, alicerçando com credibilidade as suas palavras e seus argumentos.

É possível notar nessa pregação de Fábio exatamente o conceito de discurso. Evidentemente já foram dadas várias pistas sobre as características do discurso nesse trabalho, mas para sintetizar esse conceito, lembraremos de Brandão (2002, p. 89):

É o efeito de sentido construído no processo de interlocução (opõe-se a uma concepção de língua como mera transmissão de informação). O discurso não é fechado em si mesmo e nem é do domínio exclusivo do locutor: aquilo que se diz significa em relação ao que não se diz, ao lugar social do qual se diz, para quem se diz, em relação a outros discursos.

A autora colocou essa definição no glossário e, de maneira objetiva, afirmou que o discurso não é uma fala isolada. O padre só pregou sobre a mulher dessa maneira porque ele vive em um contexto histórico e faz parte de uma identidade cultural e religiosa. Quando Brandão (2002) usa a palavra locutor, ela se refere à pessoa que está responsável por dizer, ou seja, nessa análise, o locutor é o representante da Igreja. Com isso, identificamos na pregação do padre o discurso que foi aquele feito com base nos padrões morais da época de Cristo, diante de leis que eram severas no tratamento de questões relativas ao comportamento e a linha de conduta. Naquela época existia um ambiente capaz de prejudicar o nascimento de Jesus, mas a tolerância e a compreensão de José foram capazes de transformar aquela situação constrangedora em oportunidade para o cumprimento da palavra de Deus.

Fábio transportou essa situação para os dias atuais e encontrou não mais restrições legais, mas, segundo ele, hoje se encontra restrições que estão fundadas em preconceitos e na ignorância de algumas pessoas. Ele estava abordando os sentimentos de compreensão e olhar amoroso, de acordo com a atitude de José e incentivou esses mesmos predicados das pessoas que estavam presentes na igreja. O mesmo foco na atenção com as pessoas foi feito tanto na ilustração da vida de José e Maria como na ilustração das mães solteiras. O discurso se concretizou dessa maneira no problema por ele abordado, já que é público e notório que os relacionamentos estão cada vez mais casuais, sem laços fortes e, muito menos, vínculos duradouros.

Essa é uma situação do Brasil nesse tempo, nessa época e tem uma relevância grande sobre onde o padre estava pregando. Um ponto interessante é que ele usa o verbo 'fazemos', no presente do indicativo, admitindo que a classe que ele representa também pode não estar tendo o cuidado necessário para compreender, perdoar e apoiar as mães solteiras. E isso é compreensivo de acordo com os próprios ensinamentos cristãos. Segundo a Bíblia, Jesus, quando foi interpelado acerca do divórcio, deu uma resposta que ainda faz parte das referências do corpo sacerdotal da Igreja. Disse Jesus: "eu vos digo, que qualquer que repudiar sua mulher, não sendo por causa da prostituição, e casar com outra, comete adultério; e o que casar com a repudiada também comete adultério" (BÍBLIA SAGRADA. N.T., p. 25) Além desse ensinamento, muitos religiosos se baseiam num outro versículo bíblico, que apresenta uma decisão que foi ratificada numa assembleia em Jerusalém, em que ficou decidido que os cristãos tinham de se abster das coisas sacrificadas aos ídolos, do sangue, da carne sufocada e da fornicção. Essas palavras estão escritas no capítulo 15 do livro de Atos dos Apóstolos (BIBLIA SAGRADA, 1998). Portanto, com amparo nessas questões, o seu discurso vai se adequando a uma realidade cultural, que é a abertura da sociedade para novas formas de relacionamento.

Já é sabido que a Igreja Católica condena frequentemente o uso de preservativos e de métodos contraceptivos, ensinando com rigidez sobre o que muitos padres chamam de banalização do sexo. Mas, diante dessa questão, que é um problema social e de saúde pública, o padre se mostra flexível, buscando orientar as pessoas que o assistem a ter um comportamento mais cordial e auxiliador. Fábio está dizendo para pessoas que vivem em uma sociedade mais maleável e progressista, que busca novas conquistas a todo instante. Caso ele tivesse uma postura mais enérgica, poderia soar como dogmático e fundamentalista. As pessoas para quem ele diz são o retrato da cultura atual e rechaçar, esses problemas, seria o mesmo que dar as costas para as os fiéis. Portanto, é possível ver que a sua fala foi direcionada com cuidado para a plateia pelo fato de o local onde ele está inserido, que podemos definir como uma enorme comunidade com suas conquistas e desafios, influenciaram o modo como essa questão foi abordada.

É possível notar que o padre fala sobre os valores e atributos de Maria, recordando propositalmente para a plateia que naquela época as mulheres "não valiam muita coisa". Dessa maneira, ele levou em consideração essa negativa

porque na cultura da época a condição feminina era vista com mais restrição, sem a liberdade e a independência dos tempos contemporâneos. Ele enfatizou que, mesmo diante de todos os dissabores, Maria conseguiu reunir forças para vencer aqueles obstáculos, deixando implícito que as mulheres que vivem nos tempos atuais têm mais facilidades para conseguir apoio, respeito e dignidade. A intenção é fomentar no público feminino que frequenta aquela missa a mesma perseverança, os mesmos ideais e a mesma determinação que teve a mãe de Jesus. O discurso leva em consideração a sociedade da época, mais fechada, com menos direitos para as mulheres, que sofriam com a submissão e a ausência de participação em questões de importância vital para o próprio bem-estar. Ele está dizendo que “as mulheres não valem muita coisa” porque está inserido numa sociedade lutou por avanços na sua legislação. Em países fundamentalistas, que vivem numa modelo teocrático de governo com sanções e endurecimentos nos arranjos do povo seria necessário costurar essas palavras de outra maneira. Mais uma vez o local em que está inserido, adicionado à realidade das pessoas para quem está falando, conduziram e deram vários direcionamentos à pregação do padre.

Mas, uma implicação importante a se fazer é o enunciado contido na abordagem do representante católico. Porém, o que é enunciado? Sargentini e Barbosa (2004, p. 33) apresentaram a caracterização amparados em Foucault:

Chamaremos enunciado a modalidade de existência própria desse conjunto de signos: modalidade que lhe permite ser algo diferente de uma série de traços, algo diferente de uma sucessão de marcas em uma substância, algo diferente de um objeto qualquer fabricado por um ser humano; modalidade que lhe permite estar em relação com um domínio de objetos, prescrever uma posição definida a qualquer sujeito possível, estar situado entre outras performances verbais, estar dotado, enfim, de uma materialidade repetível.

A definição de enunciado está ligada à definição de enunciação. Segundo Brandão (2002, p. 89), enunciação “é a emissão de um conjunto de signos que é produto da interação de indivíduos socialmente organizados. A enunciação se dá num aqui e agora, jamais se repetindo. Ela se marca pela singularidade”. Já para Charaudeau e Maingueneau (2004), o termo enunciado se tornou uma ferramenta para as pessoas que procuram uma palavra no lugar de frase, ou que querem fugir do par texto/discurso. Todavia, se baseando também em Foucault o enunciado não é do mesmo gênero da frase, a proposição ou o ato da fala, mas ele é essencial para dizer se há ou não frase, proposição, ato de fala, e para dizer se a frase é correta.

Trata-se de uma função de existência que pertence intrinsecamente aos signos e a partir do qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles “fazem sentido” ou não, segundo qual regra ele se sucedem ou se justapõem, de que eles são signo e qual espécie de ato de fala se efetua por sua formulação oral e escrita. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p.197).

Com isso, percebemos que os enunciados utilizados pelo padre foram construídos de modo a favorecer a sua explicação sobre a vida de Maria, a situação moral da época, o contexto histórico e cultural e as suas concatenações com as condições contemporâneas. Houve consonância nos argumentos do padre, com frases construídas de maneira que favorecessem a sua intenção de valorizar as mulheres com base na biografia de luta da mãe de Jesus. Esses enunciados produzem o alicerce para a formação discursiva. Esse conceito é importantíssimo ao se fazer uma análise de discurso.

Conjunto de enunciados marcados pelas mesmas regularidades, pelas mesmas “regras de formação”. A formação discursiva se define pela sua relação com a formação ideológica, isto é, os textos que fazem parte de uma formação discursiva remetem a uma mesma formação ideológica. A formação discursiva determina “o que pode e deve ser dito” a partir de um lugar social historicamente determinado. Um mesmo texto pode aparecer em formações discursivas diferentes, acarretando, com isso, variações de sentido. (BRANDÃO, 2002, p. 90).

Com um pouco mais de abrangência, Charaudeau e Maingueneau (2004) vão além dessa definição, explicando que esse conjunto de enunciados pode se relacionar a uma identidade enunciativa. Eles continuam a abordagem falando que existe o discurso comunista, dos patrões, dos camponeses etc, mencionando que, “para uma sociedade, um lugar, um momento definidos somente uma parte do dizível é acessível, que esse dizível forma sistema e delimita uma identidade” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 242). Eles concluem:

Tal plasticidade empobrece essa noção. Hoje tende-se a empregá-la, sobretudo, para os posicionamentos de ordem ideológica; também se fala mais facilmente de “formação discursiva” para discursos políticos ou religiosos do que para o discurso administrativo ou publicitário. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 242).

É patente que existem várias interpretações e leituras de cada conceito criado acerca da análise de discurso, mas é possível chegar a um consenso e ponderar que, na pregação do padre Fábio de Melo, a formação discursiva abrangeu o seu posicionamento, a teia construída com o conhecimento buscado na história e o

conhecimento vivido atualmente. Esse conjunto de enunciados trabalhado pelo padre tem como escopo atingir um determinado fim, que é adentrar na salvação da alma com as características e diferenciais da mulher, que possuem um espelho numa das mais conhecidas representantes do gênero feminino conhecidas até hoje: Maria, mãe de Jesus. Com a formação discursiva surgem os sentidos, que aparecem distintamente de acordo com as formações discursivas formadas. Orlandi (1984) diz que o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas que, por sua vez, são colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. Com isso ela diz que as palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam. “Elas tiram seu sentido dessas posições, isto é, em relação às posições ideológicas nas quais essas posições se inscrevem” (ORLANDI, 2001, p. 43).

Com relação ao sentido, é interessante mencionar outra parte da pregação de Fábio que, continuando a explicação sobre a vida de Maria, faz um link do sofrimento e dificuldades enfrentadas por ela com os sofrimentos e as dificuldades de Jesus Cristo, querendo, portanto, divinizá-la e sacralizá-la. Ele diz que as verdades sobre Maria são para reafirmar as verdades sobre Jesus, e lembra que Maria não está fora da dinâmica de Cristo. No decorrer dessa situação, Fábio de Melo faz um julgamento abrangente, colocando a crença em Cristo que a Igreja Católica anuncia não é uma religião, procurando, portanto, se diferenciar dos outros credos e manifestações de fé. O padre disse:

Ser assunto aos céus é você compreender que a vida de Cristo, quando vivida e experimentada na sua verdade, não na força de um discurso hipócrita, de uma religião que não nos transforma, essa religião não nos interessa; fórmulas prontas não salvam ninguém. Mas quando você se descobre, você descobre um jeito de ser gente, de ser humano, de ser mãe, de cuidar do ventre, de cuidar dos seios, de cuidar do corpo, do que você é, e você reconhece essa sacralidade que é você, você começa a galgar os degraus; os degraus da dignidade humana que precisam ser subidos todos os dias.

Dessa maneira, o que se percebe é um discurso baseado no falseamento da palavra religião, com a tentativa de separar o seu discurso e toda a qualidade da fé católica de todos os outros entendimentos de fé existentes. Segundo definiu Brandão (2002), um sentido é construído e deve ser referido às condições de produção, tendo o sentido das suas palavras alteradas de acordo com a formação discursiva a que pertence. Ou seja: é evidente que o padre está buscando novos

sentidos para a sua pregação, está querendo vincular sua fala a algo diferente, que não se associa aos termos comumente conhecidos. Porém, quando ele diz que para ser assunto nos céus é necessário viver e experimentar a vida de Cristo na sua verdade, ele acaba entrando em um campo minado, de difícil coerência e plausibilidade.

O sentido, aqui tratado, pode ser o de que esse ato de fé que ele tenta formular não é religião, o que é pouco plausível. A religião abrange crenças e manifestações dessas crenças, com suas peculiaridades de ritos e, portanto, mesmo que ele tente se esquivar desse conceito para dar uma aura mais sobrenatural e especial à sua pregação, desliza pelo terreno da persuasão. Persuasão porque não age com base no convencimento através de razões e provas objetivas. Koch (1984) escreveu que o ato de persuadir tem caráter ideológico e subjetivo e, por conseguinte, é evidente que Fábio de Melo se baseia na ideologia de suas posições católicas para afirmar com simplicidade um conceito extremamente agigantado.

Isso significa que, mais uma vez, para ganhar o pensamento do seu auditório para a vida em Cristo, o padre se baseia em exemplos de Maria e de Jesus Cristo, com o intuito de suscitar comportamentos e procedimentos adotados por aqueles que sempre foram considerados como almas extremamente puras. Koch (1984) ainda diz que o ato de argumentar é orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões e, na frase analisada, é possível ver a sucessão de argumentos usados pelo padre para que ele reforce a sua ideia central, pavimentando a formação discursiva com um discurso que pode ser dito naquele local. É um discurso de fomento e de estímulo em uma organização que, instaurada na sociedade, permite professar a fé com liberdade e dedicação incondicional. Ao mesmo tempo em que diz que fórmulas prontas não salvam ninguém, Fábio de Melo faz uma crítica a outras formas de interpretação e liturgia religiosas. Sua argumentação consiste nas várias formas de experimentação da vida de Cristo.

Ele diz que seguir Cristo não é apenas professar a fé cristã. Fábio de Melo fala dos benefícios e diferenciais de viver de maneira que agrada a Deus. Ou seja: ele diz que é possível “ser gente”, mas “ser gente diferente”. Ele diz que é possível ser humano, mas com diferenciais. Ele também diz que é possível “cuidar do corpo”, “do ventre e com o reconhecimento da sacralidade”, demonstrando que tenta realçar essas características para discordar das outras formas de vida na sociedade. Formas de vida no sentido de comportamentos, costumes, olhares e

posicionamentos das pessoas, enaltecendo a vida em Cristo acima das outras. Prova disso é que ele disse que, experimentando a vida em Cristo, as pessoas vão “galgar degraus”, e são “os degraus da dignidade humana”. Entende-se, portanto, que o padre faz uma crítica social, com argumentos encadeados de maneira a reforçar sua ideia principal. Há muitos elementos implícitos na argumentação de Fábio de Melo, já que, ao falar de ser “gente diferente”, ele quer dizer que a imagem de gente, ou de ser humano, na sociedade contemporânea, está desgastada pelo fato de que há a exacerbação de costumes imorais. Essa questão fica evidente quando ele diz que existe outra forma de mulher cuidar do corpo, de galgar os degraus da dignidade humana, ou seja, de viver de forma que contrarie as tendências atuais.

Como mesmo escreveram Charaudeau e Maingueneau (2004), a argumentação considera o interlocutor diferente de um objeto que pode ser manipulado, mas sim como um alter ego que se quer fazer partilhar sua visão. Eles continuam:

Argumentar equivale a enunciar algumas proposições que decidimos encadear. Reciprocamente, enunciar equivale a argumentar, pelo simples fato que decidimos falar e desenvolver um determinado sentido em detrimento de outros. (CHARAUDEAU E MAINGUENEAU, 2004, p. 53).

A argumentação do padre consistiu em deixar de lado várias condições e estilos de vida além de diversas opiniões e leituras diferentes para incutir a sua posição, e, evidentemente, a posição da Igreja Católica para a salvação das almas. A adesão das pessoas se dará de acordo com a organização das ideias do padre. A palavra dignidade usada pelo padre é um conceito ‘vital’ para o bem-estar das pessoas. É um conceito perseguido e tido como referência. Ao utilizar esse conceito Fábio de Melo diz que, com Cristo, será possível alcançar essa dignidade, que se torna um enunciado forte numa sociedade como a nossa. Essa palavra mexe com o brio das pessoas e se torna um bem impalpável, tido como primordial para que uma pessoa tenha respeito e consideração perante outros. Dessa forma ele tenta cooptar aqueles que prezam por uma vida honesta e íntegra, demonstrando que é possível, se seguir a Cristo, atingir essa forma de vida. Com relação às críticas veladas feitas pelo padre, existem explicações sérias e coerentes. Koch (1984, p. 29) escreveu uma observação importante sobre a questão:

Para o reconhecimento do implícito, faz-se necessário que o ouvinte tenha condições de ver no enunciado a forma particular sob a qual a proposição vem expressa. Por isso, o falante lhe dá indicações que permitam esse reconhecimento: é o modo do mostrar, do indicar, do implicitar, que constitui a forma do enunciado. A significação se dá, portanto, sob dois modos distintos: o da mostração (implícito) e o da representação (explícito), que correspondem à diferença entre o mostrar e o dizer, a que se fez referência.

Portanto, com o reconhecimento da crítica latente no discurso de Fábio de Melo foi possível identificar a maneira como foi construída a frase, exaltando pontos que, automaticamente, significam criticar a situação atual, já que ele fala em “novo” jeito de ser gente, ou seja, diferente de tudo o que há nos comportamentos vividos pela sociedade contemporânea.

Outrossim, verifica-se na explanação de Fábio de Melo, uma característica que permite desenhar a sua intenção e a estrutura que o cerca. Ou seja, nota-se que ele deixa a entender no discurso as suas opiniões e área de interesse, como também deixa implícito a política da *Igreja Católica*. Em suma, é observável que a entidade que ele representa tem suas motivações e compreensões, e as características da organização são traduzidas no posicionamento do padre e, conseqüentemente, vê-se o posicionamento da instituição católica.

Tomado em uma acepção pouco específica, o termo posicionamento designa apenas o fato de que, por meio do emprego de tal palavra, de tal vocabulário, de tal registro da língua, de tais construções, de tal gênero de discurso etc., um locutor indica como ele se situa num espaço conflituoso: utilizando a lexia “luta de classes” posiciona-se como sendo de esquerda; falando em um tom didático e com um vocabulário técnico, posiciona-se como especialista etc.[...] Mas “posicionamento” se emprega também para identidades de *fraca consistência doutrinal* (um programa de televisão, uma campanha publicitária etc.). Assim sendo, para Charaudeau (1998b), o posicionamento corresponde à posição que um locutor ocupa em um campo de discussão, aos valores que ele defende (consciente ou inconsciente) e que caracterizam reciprocamente sua identidade social e ideológica. Esses valores podem ser organizados em sistemas de pensamento (doutrinas) ou podem ser simplesmente organizados em normas de comportamento social que são então mais ou menos conscientemente adotadas pelos sujeitos sociais e que os caracterizam identitariamente. Pode-se falar, portanto, de “posicionamento” também para discurso político, midiático, escolar [...]. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 392-93).

Conforme foi percebido, o posicionamento ocorreu na pregação de Fábio de Melo porque ele ocupou um espaço de valores, de princípios e de política interna do catolicismo. Quando ele fala em religião que “não interessa e que fórmulas prontas

não salvam ninguém”, ele se coloca como uma alternativa para as religiões formais e tradicionalistas, que são extremamente poderosas em profundidade teórica, não obstante, deixam a desejar nas práticas e nas aplicações de manifestações de fé. Com isso há um posicionamento do catolicismo como uma Igreja de atitude, de incentivo à fé viva, de uma vivência total da graça de Jesus Cristo, e não aquela imagem arraigada na mente das pessoas de que o catolicismo tem sua postura sóbria e austera.

Depois dessa abordagem, o padre volta na questão dos diferenciais femininos. Ele volta a ‘pedir’, ou melhor, recomendar, que a mulher não negligencie os dons da sua própria condição.

A mulher tem o poder de costurar o mundo. Assim como no passado vocês eram especialistas em bordados, vocês eram especialistas em trabalhos artesanais, vocês eram especialistas em trabalhos manuais, que exigiam dedicação, sensibilidade; assim como no passado a mulher foi marcada por ser capaz de entrelaçar linhas e fazer a trama dos teares; assim como no passado vocês eram responsáveis pela manutenção de tudo o que era artesanal no mundo [...], vocês precisam voltar a ser mulheres artesanais na construção da humanidade, porque volto a dizer: vocês são melhores do que nós. Se vocês abandonarem o barco, nós não vamos resistir muito tempo e, o que me assusta é isso, quando a gente percebe que o ministério da assunção não tem mais tocado o coração da gente por causa disso. Nós estamos nivelando muito por baixo. Nós estamos esquecendo da condição de galgar os degraus, de ir além, de ir acima. Gente, isso que eu estou falando não é conversa fiada não.

O padre faz um discurso e não faz uma simples escolha aleatória de palavras. Ele constrói uma ampla concatenação de ideias e representações que dão sustentação à sua posição. Para começar, ele faz uso de metáforas, que de acordo com os dicionários mais simples, são um tropo usado para substituir outra palavra semelhante. Fábio de Melo busca falar da mulher fazendo comparações com os trabalhos que elas exerciam antigamente. Ele usa as atividades que exigiam concentração, esforço e preocupação minuciosa para representar o quão necessário são os esforços das mulheres para tecer uma vida mais digna e positiva à humanidade. Ao falar sobre os trabalhos manuais, ele busca falar da necessidade de se ter cuidados especiais com as relações sociais, as relações familiares, enfim, cuidados especiais no trato com os seres humanos, que são a origem de um modo de conduta que manifesta a vida de Deus na terra, segundo os católicos. O padre

procura, portanto, cooptar o auditório, principalmente o público feminino, com um discurso direcionado às práticas femininas a partir de uma realidade que elas conhecem e que torna possível mais facilmente o entendimento acerca da pregação.

As metáforas são muito mais do que paralelos e comparações. Segundo Charaudeau e Maingueneau (2004), são atribuídas à metáfora três funções principais: a estética, a cognitiva e a persuasiva. A função estética tem como escopo dar corpo concreto a uma impressão difícil de exprimir. A função cognitiva, segundo a explicação dos autores, é aplicada porque “a metáfora tem um forte *rendimento heurístico*, no sentido de que ela permite explicar analogicamente um domínio novo ou pouco definido por um domínio conhecido” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 330). A função persuasiva tem grande força, sendo explicada como:

A força persuasiva da metáfora se deve ao fato de fornecer uma analogia condensada e um julgamento de valor concentrado. Ela adormece a vigilância do espírito, transferindo analogicamente um valor decisivo ligado ao termo metafórico para a proposição que se quer que seja aceita. [...] Quanto mais a metáfora se apóia em um acordo preliminar e mais ela parece ser óbvia, mais seus efeitos manipuladores são importantes. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 330).

É possível ver essas três funções na pregação de Fábio de Melo. Ele faz uso das metáforas acerca do trabalho manual porque se torna uma maneira mais fácil de explicar um fundamento complexo, que envolve a vida de Cristo, a salvação da alma, o comportamento da mulher em uma realidade social complexa e a gênese do trabalho de uma mulher cristã. Ele consegue, com o uso da metáfora, falar de situações intrincadas e novas, já que o tema é rico em detalhes e está sendo direcionado de maneira diferente de outros discursos. O padre não faz um discurso idêntico a outro; um discurso sempre terá peculiaridades e características próprias. Os conhecidos trabalhos artesanais favorecem a compreensão acerca do tema que é, de certa maneira, novo para as pessoas ali presentes. Já a força persuasiva da metáfora se manifesta porque a prática do entrelaçar das linhas se torna um conceito simples e quase óbvio quando se fala em dedicação e esforço, o que contribui para a perpetuação da persuasão por parte de Fábio de Melo.

Mais do que isso, o padre faz a repetição de várias palavras, encadeando o seu conjunto de enunciados de maneira que, muito mais do que dar a ele tempo de organizar as ideias, serve para enfatizar uma questão, incutir o conceito e reforçar a

pregação. Essas características podem ser abordadas pela retórica. Mais do que uma formatação de propósitos associados à eloquência, a retórica tem uma aplicação mais profunda e concreta.

A retórica é a ciência teórica e aplicada do exercício público da fala, proferida diante de um auditório dubitativo, na presença de um contraditor. Por meio de seu discurso, o orador se esforça para impor suas representações, suas formulações e para orientar uma ação. A retórica foi definida pelos teóricos da Antiguidade e foi desenvolvida até a época contemporânea por um paradigma de pesquisa autônomo. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 433).

Antes do discurso 'estar pronto', ou seja, antes de Fábio de Melo fazer suas considerações acerca dos fundamentos cristãos, houve um processo de produção de discurso. Charaudeau e Maingueneau (2004 grifo nosso) descreveram cinco etapas do discurso como: a *invenção*, que é a etapa cognitiva de pesquisa metódica de argumento. Existe a *disposição*, que nada mais é do que a etapa de planificação textual, que organiza a sucessão dos argumentos e das partes do discurso. Logo após vem a *elocução*, que corresponde a colocação do discurso em palavras e frases, vindo depois a *memorização* do discurso, que, como a invenção, segundo os autores, coloca em jogo os fatores cognitivos. Por fim surge a *ação* oratória, que é o momento da performance, da entrega, da espetacularização do discurso. Depois dessas cinco etapas, os autores falam sobre os três tipos de efeitos perlocutórios, que, segundo eles, são perseguidos por um orador:

Agradar (pela imagem de si projetada no discurso, ou ethos); informar e convencer (pela lógica de sua narrativa e de sua argumentação, ou logos); comover (pathos). A terminologia fala de três tipos de provas; trata-se, de fato, de meios de orientação, verbais ou paraverbais. Tradicionalmente, os atos que visam a produzir esses efeitos são concentrados, respectivamente, na introdução (apresentar-se); a narração e a argumentação (informar e argumentar); a conclusão (emudecer). (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 434).

É evidente que os elementos da retórica são visíveis no discurso do padre. Em toda a sua pregação há intenções caracterizadas e definidas pelos grandes autores e estudiosos da retórica. Como pudemos ver nos enunciados analisados, Fábio de Melo, ao reunir um apanhado de funções desenvolvidas e praticadas pelas mulheres, busca convencer pela lógica da sua narrativa, o que se configura no conceito de logos. Mais do que isso, ao falar sobre as mulheres abandonarem o barco e serem capazes de mudar o mundo, o padre busca a comoção da plateia,

orientando a sua fala de maneira que as pessoas se sintam enternecidas e valorizadas. Essa situação se caracteriza o pathos, que recebe a adição do conceito de ethos, que é a intenção de Fábio de Melo de agradar os ouvintes. É perceptível que ele não tece críticas e nem faz observações incisivas ao comportamento das mulheres, inclusive na esfera católica. Desse jeito, o padre procura dizer coisas agradáveis aos ouvidos dos que ali estão. É evidente que as suas explicações doutrinárias, por assim dizer, podem ser feitas com educação, gentileza e sobriedade. Porém o que se viu, nessa frase, foi o encadeamento de elogios e exaltações às características da mulher sem apontar problemas e deficiências. Não que seja negativo assim fazer. Mas é clara a intenção de agradar e fazer bem à plateia, mostrando que a sua formação discursiva, caracterizada pela formação ideológica, demonstra a possibilidade de dizer o que pode e o que deve ser dito.

Fábio de Melo continua a sua pregação enaltecendo as qualidades da mulher, dizendo que, muitos lares que ainda estão edificadas só foram erigidos pela força e pelas características das mulheres. “Se uma mulher quebrar antes do homem, é provável que a humanidade não vá muito longe”, diz o representante da Igreja Católica. Ele confecciona suas explicações:

E se a gente se perguntar por quê? Talvez por um dom específico, por uma condição humana especializada, por ser capaz de suportar mais do que nós? Não sei. Talvez por um processo histórico. Desde menininha vocês já começam a viver as dores das contrações. Vocês começam a viver dores que nós nunca experimentamos. Vocês sofrem ciclos de dores todos os meses, minha gente. Às vezes eu posso contar no mês quantas vezes eu tive uma dor. Vocês sangram de vez em quando. Coisa esquisita meu pai. Tivesse eu que viver com um sangramento todo mês; eu acho que teria que ser internado. Não posso ver sangue. [...] Se eu tivesse que sangrar todo mês eu estaria roubado. – O que isso tem a ver com o mistério que celebramos hoje padre? É a sua condução humana privilegiada. Não abra mão disso. Não olhe com desdém para o seu marido não viu? – Eu sou melhor que você viu bem? Não se trata disso, porque a quem muito foi dado, muito será cobrado. A quem muito foi dado, muito será cobrado. A quem muito foi dado, muito será cobrado. Vontade ficar falando isso o resto do dia.

Com essas expressões usadas pelo padre e a sua contínua busca por explicações, mostra que ele mesmo não tem uma resposta concreta e inequívoca a respeito do assunto. Ele menciona diversas situações que poderia concretizar o motivo pelo qual a mulher tem a capacidade de mudar o mundo, como ele mesmo diz, mas no momento de construir os argumentos, é possível ver indecisão e

insegurança para afirmar com tanta propriedade a condição feminina capaz de conduzir o mundo. Esses fundamentos usados por Fábio de Melo não entram na esfera do ato de argumentar com ideias lúcidas, coerentes e cientificamente plausíveis. Suas posições são formatadas no campo ideológico, sem certeza e embasamento para asseverar tamanha e senhoril verdade.

Os homens também são capazes de mudar o mundo, mas Fábio de Melo, ao jogar toda a responsabilidade nas mulheres, mostra que quer forçar uma situação para consolidar as suas paixões ideológicas. O foco dos seus argumentos foi na questão biológica da mulher e os seus diferenciais definidos pela possibilidade de gestação. Mas isso é um aspecto que realça a mulher como a responsável por mudar a humanidade? Isso lhe dá a condição de salvar o mundo? Não que as mulheres não sejam capazes, já que atualmente a classe feminina vem demonstrando competência em vários setores antes dominados pela classe masculina. Mas a questão é a ênfase dada pelo padre, que não usa de comprovações racionais para afirmar as hipóteses levantadas. Nessa questão entramos no embate histórico e milenar entre ciência e religião. Sabemos que há um impasse quando se trata do assunto que a fé é uma forma de alienação e de desvio da busca pela verdade, enquanto a ciência é aquela que julga com pareceres concretos, experimentados e comprovados, ou seja, mais próximos de serem verdadeiros. Essa questão mostra que, sem embasamento científico, o padre fez declarações profundas e de extrema complexidade. Mas um assunto tão amplo e sugestivo pode ser explicado de maneira tão simples como Fábio de Melo falou? Ou ele tem todo o direito de incentivar e crer em situações que não tenham respaldo técnico e científico? Certo ou errado, propagandístico ou não, real ou irreal, é evidente que existe um imbróglio entre essas duas gigantes forças. Muitos autores tentam conciliar a importância das duas áreas para o desenvolvimento do ser humano, sendo que a ciência é vital para o avanço das atividades e a facilitação dos trabalhos manuais e a fé tem um papel de destaque para proporcionar paz interior e alegria ao homem, dando-lhe condições de aceitar as dificuldades e lidar com mais sensatez e equilíbrio com as injustiças humanas. Já foi citada nesse trabalho¹³ a atuação da Inquisição diante de uma crescente oposição no entendimento do mundo, na valorização da razão, na concepção do antropocentrismo e nos conceitos

¹³ Ver capítulo: 2.1 A explicação através de Cristo

dos iluministas. A *Igreja Católica*, grande disseminadora da fé nos tempos medievais, carrega nas suas vestes algumas máculas, que são o combate santo feito em detrimento da evolução do conhecimento, se refletindo na morte de grandes homens e na obstacularização da produção de ideias e descobertas, como, por exemplo, a proibição de dissecação de cadáveres. Com relação a essa luta histórica, Almeida (2009) fez o seguinte comentário:

Essa visão de que a religião habitualmente se constitui em um entrave ao avanço da ciência é uma ideia que ainda persiste de modo muito forte, principalmente nos meios mais intelectualizados. Tal perspectiva provavelmente explica boa parte da hostilidade algumas vezes vista entre cientistas e religiosos, bem como o debate geralmente acalorado sobre religião e ciência, debate habitualmente repleto de emoções, palavras de efeito e ideologias, mas muitas vezes esvaziado de racionalidade, equilíbrio e evidências empíricas. Entretanto, há vários anos historiadores da ciência vêm demonstrando que os "fatos" supracitados como exemplos do contínuo conflito entre religião e ciência são alguns dos muitos mitos relacionados ao tema. Tem sido percebido que esses relatos são mais propaganda do que história, uma narrativa que surgiu e tomou força no final do século XIX. (ALMEIDA, 2009, p. 256-7)

Por mais que exista coerência em alguns fatores, a observação do autor tem seus pontos frágeis. Evidências empíricas existem e provam que muitos homens tiveram que verter sangue pela luta para possuir o conhecimento. Muitos homens foram dissuadidos por pensarem diferente da *Igreja Católica* e esses fatos não podem ser olvidados e desconsiderados. Mas a questão levantada serve para falar da explicação superficial de Fábio de Melo para fundamentar sua argumentação. É pertinente mencionar uma reportagem da revista *Veja* acerca do filme *Nosso Lar*, que difundiu a doutrina espírita a milhões de salas de cinema. Na reportagem foi feita uma entrevista com o canadense James Randi, ilusionista, que hoje se dedica a pesquisar as crenças sobrenaturais. A revista cita a oferta que ele fez, de 1 milhão de dólares, para quem demonstrar habilidades paranormais. Quando ele foi perguntado sobre ciência e religião, disse que a religião propicia ao indivíduo sentimentos bons e pensamentos otimistas, e não evidências concretas.

É justamente o oposto do que a ciência faz. A ciência busca fatos, que só são aceitos quando sustentados por provas consistentes. [...] As pessoas querem respostas simples, de fácil compreensão, e as religiões dão todas elas. O fato de uma resposta ser simples ou

agradável não a torna verdadeira. (RANDI, [20--?], apud MELO et al, 2010, p.. 137)

É possível ver a formação discursiva do padre sendo revelada nessas questões, já que ele fornece respostas que não possui certeza e evidências concretas, emitindo pareceres simples às questões intrincadas e de profundidade analítica muito grande. Dessa forma ele fala o que pode e o que deve ser dito naquele contexto, ou seja, para quem o procura. Se a sua plateia fosse outra, de pessoas que tivessem com o intuito de criticar e entender literalmente as suas pregações, com certeza Fábio de Melo agiria de maneira diferente. Suas ferramentas ideológicas não estariam em saliência como foi possível identificar. Sua pregação é de caráter ideológico porque tem um auditório em particular e não faz uso de raciocínios matemáticos, mas de posições subjetivas. Outra questão que se nota nos enunciados do padre é que ele faz o uso da interdiscursividade. Mas não que ele estude o conceito e o aplique à sua pregação. Ele simplesmente faz um discurso com caráter de relação a outros discursos. Segue, abaixo, o conceito de Interdiscursividade:

Relação de um discurso com outros discursos. Para Mainguenu a interdiscursividade tem um lugar privilegiado no estudo do discurso: ao tomar o interdiscurso como objeto, procura-se apreender não uma formação discursiva, mas a interação entre formações discursivas diferentes. Nesse sentido, dizer que a interdiscursividade é constituída de todo discurso é dizer que todo discurso nasce de um trabalho sobre outros discursos. (BRANDÃO, 2002, p. 90).

O padre falou de características biológicas, processos históricos e fundamentos religiosos, passeando entre vários discursos, fazendo uma concatenação para reforçar e dar um sentido verossímil e plausível, ao mencionar fatos inequívocos, que dizem respeito às realidades das mulheres que se encontram no auditório. Para contextualizar, segue a definição de auditório:

É empregado, às vezes, em concorrência com o ouvinte, no entanto, ele designa um receptor de comunicação oral obrigatoriamente coletivo: o conjunto dos participantes presentes em uma situação no qual o orador se dirige a um público (conferência, comício político, colóquio, mesa redonda etc.). É preciso destacar, todavia, o uso particular desse termo no quadro da argumentação. O auditório pode, também, ser idealmente imaginado, o que explica seu sentido particular em retórica da argumentação. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p.158).

Portanto, ao dirigir-se ao auditório, Fábio de Melo faz uso das várias formações discursivas, caminhando por diversos discursos, destinando ao receptor uma informação de acordo com a cultura contemporânea. Ele usa dados óbvios, reais (situações vividas pela mulher), para tornar aquela explicação comum aos receptores, que “é, na teoria da informação, o aparelho ou a pessoa que recebe, registra e decodifica a mensagem que lhe é transmitida por um emissor” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 417). As conclusões do padre são formuladas com uma simplicidade capaz de serem aceitas pelas mulheres, alvo principal do discurso, e lógico, pelos homens que ali se encontram.

Outra característica dos enunciados analisados diz respeito à ênfase adotada por Fábio de Melo. Ênfase é muito mais do que dizer em tom mais incisivo em determinadas falas. É muito mais do que falar em voz alta ou sublinhar um texto.

Na tradição retórica retomada pela estilística escolar, a ênfase reúne um certo número de procedimentos (suspensão, perífrase, enumeração, epanortose, hipérbole...) cuja associação provocaria no receptor o sentimento de que a linguagem é incapaz de exprimir determinados conteúdos. [...] A ênfase implica inevitavelmente uma teatralização da atividade discursiva. [...] Em sintaxe, ênfase designa tipos de construção pelos quais o enunciador seleciona um constituinte para colocá-lo em evidência. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p.190).

Fábio de Melo dá sinais claros de que pretende fazer da sua explicação algo mais do que um simples esclarecimento de fé. Ele floreia, adorna e espetaculariza a explanação. Ele repete várias vezes algumas expressões. Nessa última frase analisada é possível ver o uso das palavras “vocês [...] vivem dores”, “vocês começam a viver dores”, “vocês sofrem”, e isso coloca em evidência a sua intenção de comover, de falar de uma luta frequente da mulher, de mostrar, com isso, os dons da mulher de maneira metafórica. Ele faz o uso do pathos, que já foi explicado com a definição da retórica, e exagera nos argumentos com o intuito de trazer para si a atenção, manipulando a emoção do auditório. “A quem muito foi dado, muito será cobrado” foi um dos exemplos da intenção do padre de embelezar seu discurso. A repetição foi feita de maneira a sensibilizar as pessoas, com um tom de voz que ia ficando mais suave, manso, sussurrado. Fábio de Melo fez com que a repetição desse uma tônica de comoção e a sua postura não era a de um homem que tem apenas a intenção de explicar e esclarecer. Ele quis explicar, esclarecer, comover, cooptar e transmitir uma imagem crível de si. A aura da explanação em comunhão

com sua face benévola lembram a imagem de um ser angelical, tanto cultuada nos dias de hoje. O padre continua a pregação.

Quantas vezes a nossa vida não dá certo porque a mãe não está do jeito que precisa ser. Quantas vezes as coisas não dão certo na nossa vida porque as mulheres da nossa vida não estão do nosso lado como deveria ser. Por que vocês esquecem daquilo que é o dom natural de vocês. Por que vocês se perdem em tantas outras ocupações, em tantas consequências naturais do mundo de hoje e, cada vez mais, eu me envergonho do que o mundo tem feito com a condição feminina. Quando vocês são apresentadas nuas para vender qualquer coisa nesse mundo. Quando vocês são apresentadas como se fosse um objeto qualquer. Quando vocês são reduzidas, quando vocês são reduzidas a objetos de prazer. Vocês podem ser compradas em *sites* da internet, vocês podem ser alugadas por alguns instantes, vocês podem ser alugadas por uns dias, vocês podem ser alugadas para viagens, vocês podem ser alugadas por uma noite. Tudo de maneira socializada. Quando você esquece que no seu coração de mulher você é convidada a subir. É pra cima que se vai. Que tiver que entrar na sua vida terá que entrar pra fazer isso. Pra te elevar como mulher. Pra elevar a sua dignidade. Celebrar a festa da assunção é nós nos recordarmos de que nós, humanos, somos convidados a elevar cada vez mais o que a gente é, e não o contrário. E hoje, de maneira muito especial, revestidos do azul que nos recorda a mãe de Deus, lembrar de tudo aquilo que é humano e feminino neste mundo. Lembrar de tudo aquilo que é sensibilidade que preciso ser resgatado. Os destinos da humanidade muitas vezes estão indo para onde estão indo, é porque vocês estão perdendo a força de mudar o mundo, de controlar, não somente o berço que você balança o seu filho. Já dizia o escritor que 'a mão que balança o berço, pode segurar os destinos do mundo'; e é verdade.

O padre veste sua indumentária específica, uma batina azul com detalhes brancos na frente, em formato de cruz, simbolizando a memória de Maria, mãe de Jesus Cristo. Atrás dele se encontram outros representantes católicos que também receberam ordens sacras, sentados em poltronas bem ornadas, com minuciosos desenhos bem talhados. Com o microfone na mão, a simpatia no sorriso e a persuasão na fala, Fábio de Melo desta vez faz mais do que pregar orientações religiosas e cristãs. Ele rasga o verbo numa crítica a sociedade e ao avanço do erotismo. Com exemplos práticos, condena a promiscuidade e a leviandade carnal, manejando conceitos utópicos e fomentando sonhos em uma sociedade movida a inovações e modernizações.

Fábio de Melo, em uma confissão pessoal, diz que se envergonha de determinadas situações que existem atualmente, e destila uma série de argumentos para incutir na mente das mulheres que ali estão que, além do corpo que cobre a

própria vida delas, há sentidos salubres e dignos que precisam ser trilhados. Para analisar essas questões, seria interessante apresentar os gêneros da retórica. Já foram abordados algumas características, mas é pertinente se referir aos gêneros retóricos, para entendermos o gênero que trata do discurso religioso. Segundo Charaudeau e Maingueneau (2004), existe o gênero epidítico, que é o do discurso solene, que trata do elogio e da reprimenda. Existe o gênero deliberativo, que visa determinar o que convém ou não fazer, situando no futuro o que interessa ao conjunto de uma comunidade, sendo que o seu lugar institucional é a assembleia e o conselho. Os autores também mencionam o gênero judiciário, que recobre os discursos proferidos diante do juiz, compostos em função dos interesses de uma ou de outra das partes que se opõem. Esses gêneros foram concebidos e confeccionados por Aristóteles, conforme referenciam os autores. Ademais, depois da Idade Média surgem outros gêneros retóricos, que fazem referências a outros gêneros e os deslocam. Pertinente a esse estudo podemos mencionar o gênero predicator.

Fundado sobre a letra e o espírito de um texto sagrado, a pregação assegura a transmissão pública de uma mensagem religiosa que diz respeito aos costumes quanto à fé. Ela é acompanhada por uma *mensagem político-social* cuja importância permanece primordial no mundo moderno, certamente superior àquela do discurso político no sentido ocidental do termo. A Doutrina Cristã de Santo Agostinho (354-430) constitui um momento essencial no desenvolvimento da pregação cristã, as primeiras obras técnicas, conhecidas sob o nome de artes *praedicandi*, que aparecem mais tarde, no século XIII. O sermão comenta e explica uma passagem tirada da Bíblia ou dos Evangelhos com o auxílio de procedimentos retóricos de divisão e de amplificação, enriquecido de exemplos e de apelos às autoridades escolhidas em função de diferentes tipos de auditórios (mulheres, estudantes, comerciantes...). (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 254).

Essa contextualização é importante porquanto a pregação de Fábio de Melo tem elementos históricos e sociais, se constituindo numa visão ampla da cultura que se alastra, cultura essa que privilegia o hedonismo, o individualismo e as liberdades, independentemente de quais prejuízos serão acarretados. Ao citar a frase de um escritor, o padre mais uma vez manifesta o desejo de estimular as mulheres numa luta que transcende a aspiração pessoal, abarcando atitudes que contemplem uma ação social na família, nas comunidades em que vivem, na sociedade e, como mesmo disse Fábio de Melo, no mundo. Outrossim, é identificável que o padre adentra num conceito chamado de polêmica. Charaudeau e Maingueneau (2004)

descrevem a polêmica como adjetivo, como que dizendo respeito a um regime de discurso em que a fala tem por objetivo, refutar. Mas existem outras acepções e entendimentos acerca do termo:

Propõe reservar o termo “polêmico” (“estratégia polêmica”, “atitude discursiva polêmica”, “relações polêmicas”...) aos casos em que o locutor implica o interlocutor em sua enunciação, utilizando argumentos que o colocam em questão, não apenas como pessoa (argumentos *ad personam*), mas como sujeito que defende uma posição, apegando-se a ela e é, portanto, responsável por aquilo que é contestado pelo locutor. Logo, Charaudeau faz distinção entre a simples troca de argumentos sobre um tema (como num colóquio científico) e o debate polêmico, troca de argumentos que colocam o outro em questão (como nos debates políticos). (CHARAUDEAU 1998b apud CHARAUDEAU; MAINGUENEAU 2004, p. 380).

Dessa maneira, o padre fala que determinadas coisas não estão indo por causa de quem? Da mulher. O padre também menciona o fato de que as mulheres se perdem em ocupações e que esquecem o dom natural que têm. Mais do que isso, o padre diz que se envergonha da condição feminina e, depois, fala como se fosse pessoalmente, usando a palavra “vocês”. Ele diz que as mulheres podem ser alugadas, compradas e apresentadas como objeto qualquer. Com isso a pregação se torna incisiva, já que, como mesmo diz o conceito, coloca a mulher responsável por aquilo que é contestado por Fábio de Melo. Elas, automaticamente, podem se sentir nessa condição, como um sujeito que defende uma condição. No final, para suscitar na mulher o desejo de alterar o curso da história, mais uma vez o padre fala de maneira incisiva, mencionando o fato de que elas estão perdendo a força de mudança, não só a de educar o filho, mas de melhorar a situação atual. Ou seja: ele coloca aquele auditório como responsável pelo contexto contemporâneo, usando o substantivo na primeira pessoa para gerar mais impacto e proximidade, tendo como intuito, por conseguinte, colocar “o outro em questão”, isto é, o auditório como co-autor das lóstimas sociais apresentadas verbalmente.

Ainda nessa pregação são observáveis funções da linguagem, que são vistas tanto no âmbito da *língua* como do *discurso*. Mas quais são elas? Hoje existem seis consideradas importantes para o emprego em análises. Charaudeau e Maingueneau (2004) descrevem a função *emotiva* sendo aquela centrada no emissor da mensagem, manifestando-se através de interjeições, avaliações, exclamações etc. Os autores também colocam na lista a função *conativa*, que é centrada no destinatário e vem a manifestar-se pelo imperativo, pelas interrogações etc. Depois

disso eles citam a função *referencial*, que é centrada no contexto, e tem por objetivo representar o mundo. Por fim existem ainda as funções *fática*, *metalinguística* e *poética*, sendo que a primeira é centrada no canal e no contato com o destinatário. A segunda tem como base o código linguístico e a função *poética* está centrada na poesia, segundo os autores, no uso de slogans e provérbios na medida em que emprega os signos tanto por seu significante quanto por seu significado (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004 grifo do autor).

A função *conativa* pode ser aplicada à pregação de Fábio de Melo porque ele faz apelos de maneira indireta para que a mulher se entregue à uma vida de dignidade e respeito, que desenvolva a espiritualidade e que mude o mundo. O apelo é para que a mulher não perca os privilégios e dons que, segundo o padre, Deus concedeu. A função *referencial*, tida como mais objetiva, não é notada com facilidade nesse recorte da pregação de Fábio de Melo analisado. É evidente que a própria vocação da pregação, ou seja, com o intuito de explicar, aconselhar e fazer comentários, não favorece o aparecimento frequente dessa função. A função *emotiva* é perceptível no discurso do Fábio de Melo, já que suas ponderações carregam um alto teor emotivo, em que ficam transparecidas de maneira expressiva suas mais íntimas opiniões, deixando aparecer suas expectativas e anélitos. Com relação à função *fática*, ela surge de forma tímida, já que o padre não realiza concretamente uma interação. A função *metalinguística* também pode ser observada, já que a sua definição é quando se permite o uso dos próprios códigos. Por conseguinte, quando o padre irradia todas as informações e conceitos sobre a graça de Cristo e ensina o auditório como pensar, refletir e chegar a esses conceitos, ele usa uma “linguagem que fala da própria linguagem”, ou seja, ele usa as ferramentas da fé para falar como chegar a essas mesmas ferramentas. Já a função *poética* é mais nítida, já que os signos e representações usadas por Fábio de Melo são frequentes e patentes, em um processo que prevalece o ‘como dizer’. Dessa maneira, são perceptíveis os traços comparativos, os delicados e sutis gracejos com a língua, a constante preocupação com o ‘falar bem’ e, também, com a presente subjetividade no decorrer do discurso.

É pertinente mostrar que, na pregação de Fábio de Melo, existe a aplicação da hipérbole. Segundo Fontanier (1968, p. 123 *apud* CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 262), a hipérbole aumenta ou diminui as coisas em excesso, e as apresenta bem acima ou bem abaixo daquilo que são, não com a

finalidade de enganar, mas de levar à própria verdade e de fixar, pelo que é dito de inacreditável, aquilo em que é realmente preciso crer. Portanto, ao analisar as palavras do padre, é possível observar que as coisas não são realmente daquela maneira. Exemplo disso é quando ele fala que os destinos da humanidade podem ser alterados com as mãos da mulher, que, por sua vez, pode segurar os destinos do mundo. É extremamente respeitável afirmar que as mulheres têm um papel importante na sociedade, sendo capazes de educar as gerações do futuro, inserindo-os nas comunidades com virtudes e predicados que vão se traduzir em benefícios para as outras pessoas. Mas o padre aborda de uma maneira que gera a interpretação que se a mulher mudar, o mundo muda. A questão é que os problemas sociais que afetam as pessoas são mais graves e complexos, e precisam de medidas mais profundas e técnicas. A facilidade de transformação cultural e social externada pelo padre é um exagero, já que há diversos fatores que contribuem para que haja pendências e necessidades entre as comunidades. Dessa maneira é plausível observar que Fábio de Melo, com o intuito de persuadir o seu auditório, apresenta uma solução utópica, sem profundidade técnica. Para levar as pessoas a crer no seu discurso, o padre apresenta uma visão distorcida e com um tamanho desproporcional à realidade.

Importante mencionar que existem vários tipos de discurso e que cada um tem as suas características. Como não poderia ser diferente, existe o discurso religioso, que mantêm traços peculiares, derivados de sua própria natureza histórica, produzindo um estilo próprio. Com relação a essa questão, Althusser (1974 apud ORLANDI, 1996) diz que a ideologia religiosa cristã tem um discurso fictício, construindo um exemplar que funciona como um “dicionário” discursivo, que envolve não só sermões, mas sim toda a prática, como rituais, cerimônia e sacramentos.

Como, para ele, o termo central, decisivo, é a noção de *sujeito*, as duas teses conjuntas que sustentam a argumentação na análise desse exemplar são: a) só existe prática através e sob uma ideologia; b) só existe ideologia através do sujeito e para sujeitos. Segundo esse autor, “Deus define-se portanto a si mesmo como sujeito por excelência, aquele que é por si e para si. (Sou Aquele que É), e aquele que interpela seu sujeito [...] eis quem tu és Pedro”. Mais ainda, todo “indivíduo é chamado pelo se nome”. O indivíduo não nomeia nem a si próprio nem a Deus; por outro lado, Deus nomeia, não é nomeado. (ALTHUSSER, 1974 *apud* ORLANDI, 1996, p. 241).

Mais ainda, o autor ressalta a existência de um sujeito único absoluto em face de uma miríade de sujeitos religiosos possíveis, ou seja, os homens são

interlocutores-interpelados. Uma menção importante destacada por Orlandi (1996) citando Althusser foi o arcabouço que define a ideologia. Segundo Althusser (1974 apud ORLANDI,1996) para existir e concretizar a ideologia é preciso assegurar que haja a interpelação dos indivíduos como sujeitos. Também é preciso submissão ao Sujeito. Com isso é necessário o reconhecimento recíproco entre os sujeitos e o Sujeito (na ideologia cristã com a forma do discurso religioso entendemos como Sujeito, Deus, e como sujeitos, os homens) e entre os próprios sujeitos. Orlandi (1996) menciona que o sujeito, por fim, precisa se reconhecer como ele próprio. E a última característica para se entender a estrutura da ideologia é a manutenção da situação, transmitindo a sensação de que é assim que deve ser, é assim que deve ocorrer e que está tudo bem. Ou seja, se os sujeitos se reconhecerem do que eles na verdade são e se portarem de acordo, tudo ocorrerá bem.

Orlandi (1996) caracterizou o discurso religioso, sendo aquele em que fala a voz de Deus que, nesse caso, seria a voz do padre no terreno católico, e a voz do pastor no campo evangélico. Ela tomou como referência o discurso religioso católico, dizendo que há um desnivelamento fundamental na relação entre locutor e ouvinte. A autora acrescenta nessa questão falando que o locutor é do plano espiritual por representar o Sujeito, ou seja, Deus, e o ouvinte é do plano temporal, que são os sujeitos e os homens. Ela aborda o abismo que separa um do outro, já que o universo espiritual, segundo a cultura, tem exerce um domínio tremendo sobre o temporal, porque, enquanto os homens são limitados e falíveis Deus é ser infinito e tem um poder incomensurável. Com isso ela (ORLANDI, 1996) salienta a desigualdade que norteia toda a busca do homem pela fé, porquanto a questão que envolve a vida e a morte concebe a necessidade de salvação para a vida eterna. A autora chama essa desigualdade de assimetria.

No discurso de Fábio de Melo foi possível vê-lo incentivando e exaltando atitudes e comportamentos necessários ao seu auditório para levar uma vida cristã digna e decorosa, princípios fundamentais para se atingir o topo, ou seja, a consagração da alma, vindo, com isso, a salvação eterna. Ele conclama às pessoas a uma prática de vida que seja diferente, dedicada a Deus e que propicie à elas um crescimento diante dos outros reles mortais. Isso significa que as pessoas que ali estão mantêm um estilo de vida, não totalmente errado, mas em desacordo com as “leis” espirituais. Dessa maneira, se estabelece a desigualdade entre aqueles meros mortais e o suntuoso Deus, que está assentado em algum lugar, esperando que as

peçoas executem suas ordens e cumpram seus desejos. O padre faz diversas e constantes críticas ao mundo atual, mostrando que ele é incompatível com os propósitos divinos. Com isso, ele tenta incutir na mente do seu auditório, num discurso mais dedicado ao gênero feminino que, apesar de as mulheres não estarem totalmente de acordo com as regras necessárias à vida eterna, elas têm poder, têm dons, têm capacidade e têm “recursos” para construir uma realidade diferente. Essa abordagem de Fábio de Melo facilita a assimetria, ou seja, ao apontar possíveis e supostas falhas na maneira como agem as pessoas que ali estão, ele estabelece uma relação de desigualdade. Ele aventa a ideia de que muitas situações embaraçosas e constrangedoras ocorrem no seio das famílias e, portanto, no mundo, porque as mulheres não estão do jeito que deveriam. Fábio diz que as mulheres se esquecem do dom natural que foi concedido a elas, além de mencionar que essas mesmas mulheres se perdem em ocupações que são nocivas a imagem delas próprias. Com esse julgamento incisivo a inferiorização do gênero feminino ocorre, não num sentido que causa furor entre as feministas, que lutam pela igualdade de gênero, mas é uma inferiorização que também diz respeito aos homens. Deus não está contente, diz Fábio, sendo que, conforme mesmo Orlandi (1996) cita que, a voz de Deus se fala no padre, afirmando que, com isso cria-se a mistificação:

Em termos de discurso é a subsunção de uma voz pela outra (estar no lugar de), sem que se mostre o mecanismo pelo qual essa voz se representa na outra. O apagamento da forma pelo qual essa voz se representa na outra. O apagamento da forma pela qual o representante se apropria da voz é que caracteriza a mistificação. Em outras palavras, a subsunção de uma voz pela outra é o “como se” desses discursos. [...] Assim, quando digo que a voz de Deus se fala no padre, é “como se” Deus falasse: a voz do padre é a voz de Deus. Essa é a forma da representação, ou seja, da relação simbólica. (ORLANDI, 1996, p.244).

A abordagem da autora (ORLANDI, 1996) e as suas observações são facilmente identificáveis na pregação de Fábio de Melo. Durante toda a sua pregação é possível perceber que ele se coloca não apenas como representante de uma entidade que prega auxílio espiritual e salvação divina, mas, em determinados momentos, há uma fala na primeira pessoa, no presente do indicativo, gerando o enorme desnivelamento entre um ser que manda, ordena e pune, enquanto que, os sujeitos cumprem e aceitam. Orlandi (1996) diz que existem regras estritas no procedimento com que o representante se apropria da voz de Deus. Ela fala que

essa relação do representante com a voz é regulado pelo texto sagrado, pela Igreja e pelas cerimônias. O que é possível admitir é a grande força que exerce a palavra do padre, sua pregação, ou seja, seu discurso sobre a vida, não só de seu auditório, mas sobre a vida de todas as pessoas. Ele forma pensamentos, destila regras, exige atitudes e apresenta 'verdades' que se constituem num domínio extremamente ideológico, persuasivo sobre as comunidades.

A interpretação própria da palavra de Deus é, pois, regulada. Os sentidos não podem ser quaisquer sentidos: o discurso religioso tende fortemente para a monossemia. No cristianismo, enquanto religião institucional, a interpretação própria é a da Igreja, o texto próprio é a Bíblia, que é a revelação da palavra de Deus, o lugar próprio para a palavra é determinado segundo as diferentes cerimônias. Como, também em relação à interpretação das palavras, devemos atentar para a assimetria dos planos, as regras são referidas às duas ordens de mundo, o temporal e o espiritual. (ORLANDI, 1996, p. 246).

Segundo a autora, as duas espécies dessa assimetria se concretizam na ordem temporal com os padres, papa, padres e na ordem espiritual pelos mediadores, que seriam a Nossa Senhora e os santos. Ela ainda discorre que Jesus Cristo tem uma natureza distinta desses conceitos, já que, sendo tratado como um habitante divino que ocupou entre os homens, ele é considerado o próprio Deus. Portanto, Fábio de Melo se vale da sua relação com o sagrado, representando e atuando como disseminador da palavra de Deus, enquanto utiliza da mediação de Nossa Senhora, objeto da sua pregação e também da natureza do próprio Deus, segundo o conceito de Orlandi (1996).

No final da pregação, Fábio de Melo aborda as características que a mulher tem de possuir para enfrentar a situação contemporânea. O que o padre deixa implícito é que os problemas da humanidade, não mencionados em detalhes, podem ser sanados desde que a mulher assuma outra função ou papel no mundo, revendo suas atitudes e repensando suas ações. No final, o padre volta a fazer uma crítica às referências de mulheres existentes na sociedade. Ele diz que a mulher tem de se preocupar com a assunção ao céu, ou seja, a mulher deve se preocupar em agir de acordo com as demandas espirituais. Segue o término da sua explanação:

Marido não pode ser empecilho para a sua assunção. E vou te falar: se você cair nessa história de ser uma melancia... Melancias têm mais dificuldades ainda de subirem ao céu, porque são pesadas. No dia em que você cair na tentação de ter um comportamento semelhante ao uma fruta, procure um psiquiatra que você está

precisando de tratamento. Se no mundo de hoje as frutas estão motivando um jeito estranho de ser mulher, um jeito estranho de exercer a feminilidade no mundo, aquilo que é feminino, aquilo que é bonito, cuidado! Não substitua as frutas pesadas pela leveza do manto de Maria. Revista-se da glória do céu. É isso que você merece. Não permita, não permita que essas realidades toscas e que esses modelos toscos de humanidade referenciem a vida dos seus filhos. Não permita que esse modelo de mulher entre dentro da sua casa. Esteja sempre de olho naquela, naquela que sobe aos céus e que nos faz subir também pela força da leveza que há no seu coração de mulher. Outra coisa não queira minha gente. E se você que é homem inteligente, esperto, segura na mão dessa mulher, porque, se ela subir, você sobe junto.

Depois de aplausos diante das suas palavras, o padre canta a música que fala de Maria, pedindo que ela a ensine-os a viver como escolhidos. Depois da exaltação de Maria, através do cântico, Fábio de Melo pede que o auditório aplauda, mas não ele, e sim para a condição de mulher, das próprias mulheres que estão na plateia. Ele incentiva aplausos também para Maria, que, segundo ele, motiva um jeito bonito de ser mulher no mundo de hoje.

Os argumentos utilizados pelo padre para falar da condição feminina, não fica só numa simples explicação. Ele refuta a tendência de algumas mulheres que estão no universo artístico, que fazem uso em excesso da sensualidade, participando de grupos musicais que mantêm ritmos que privilegiam os movimentos do corpo. Essas mulheres usam nomes artísticos que, de certa forma, traduzem algum aspecto do parecer físico ou que estejam associados a símbolos sexuais. Só que, para contestar e criticar essa onda de sensualidade, o padre automaticamente coloca o público feminino daquele auditório como agente na situação. Esses argumentos são explicados com coerência e plausibilidade:

Argumentos verdadeiros e verossímeis. Os enunciados argumentos são considerados (ou apresentados) como indubitáveis a partir de bases extremamente diversas: (1) *Factual*: o enunciado exprime um fato, acessível pelos sentidos (“A neve é branca”). (2) *De direito*: o enunciado é objeto de um consenso geral em uma comunidade (“Não matarás”). (3) *Por convenção*: o enunciado é objeto de um acordo explícito entre os contendores, no espaço de uma disputa dialética, ou entre o público e o orador, em um espaço retórico. (4) *Por simples constatação do fato*: o enunciado não é questionado nem pelo adversário nem pelo público. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p.58).

Esses argumentos são perceptíveis na explanação de Fábio de Melo, já que, para embasar as suas ideias, ele faz valer uma situação que não se pode contestar. É verdade que as calamidades sociais se recrudesceram e, diante da falta de

atenção do Estado e da decrescente sensibilidade humana, há muitas situações que angustiam e entristecem as pessoas. Com a globalização e o acesso à informação, as pessoas tem contato com todos os vieses e dissabores que atormentam cada região do planeta. Esse desenfreamento do mal dá a sensação em muitas pessoas que o mundo realmente está perdido. Com base nessa sensação generalizada, ou numa percepção que reflete o pensamento da maioria das pessoas, Fábio de Melo encontra argumentos para dizer que a única saída é a religião. O que ele usa como alicerce para erigir suas opiniões são os constantes noticiários que colocam em evidência os problemas que afligem a sociedade.

Além dessa questão, o padre se baseia na Constituição Brasileira, na cultura predominante, nas leis que vigoram no país, fornecendo ao seu discurso um ar legítimo e correto. Ao falar de temas genéricos, o padre busca usar a seu favor as conquistas da nação no âmbito do direito e, dessa maneira, legitima a importância e a credibilidade dos seus argumentos. Não matarás foi um ótimo exemplo usado pelos autores, mas existem outros, não só no recinto dessas regras básicas. Como a solidariedade, o respeito e a dignidade são ideais buscados por todos, e a educação aos filhos são metas estimuladas pelas instituições públicas e privadas, se torna mais fácil ele abordar essas questões, já que terá em seu apoio, simplesmente, a cultura do povo. Novamente se apresenta nessa questão a formação discursiva. Esse conjunto de enunciados dito por Fábio de Melo só foi dito porque ele sabia que poderia falar desses temas no local, não apenas no templo, mas naquela comunidade, representando, portanto, a sociedade. Ao citar fatos de conhecimento notório e público, o padre traz para si a imagem de que é um homem que fala a verdade. Ele menciona as mulheres que são identificadas como frutas e associadas à sensualidade, para provar que, quando ele falar em degradação moral, as pessoas se lembrem dessas questões e levem a sério o que está sendo dito. Seus exemplos são pautados em fatos conhecidíssimos para que, dessa maneira, ele legitime seu discurso. Como a mulher melancia é popular, e de conhecimento geral, nada melhor do que referenciá-la para que o maior número de pessoas entenda, assimile, concorde e siga o que ele explana.

A análise da pregação de Fábio de Melo se baseou em alguns conceitos que permeiam a Análise de Discurso. O tema é amplo e complexo, e requer um aprofundamento senhoril. Com relação ao discurso, é possível notar que todas as palavras usadas pelo padre só foram ditas porque ele sabe o terreno em que está

pisando, ou seja, ele vive dentro de uma realidade histórica e uma condição social, que permite análises, opiniões e escolhas. Existem vários tipos de discurso. Orlandi (2001) abordou sobre os muitos critérios pelos quais se constituem tipologias na análise de discurso. Ela cita que uma das mais comuns é a que retrata distinções institucionais e suas respectivas normas.

Temos então o discurso político, o jurídico, o religioso, o jornalístico, o pedagógico, o médico, o científico. Com suas variáveis: o terapêutico, o místico, o didático etc. Também as diferenças entre disciplinas podem estar na base de tipologias: o discurso histórico, sociológico, antropológico, o biológico, o da física etc. Há ainda diferenças relativas a estilos (barroco, renascentista etc), a gêneros (narrativa, descrição, dissertação), a subdivisões no interior dos já categorizados (em relação ao político: neoliberal, marxista) e assim por diante. (ORLANDI, 2001, p.85).

A intenção de levar em consideração as frases do padre é a de identificar a miríade de ideologias presentes no discurso católico. Como mesmo disse Orlandi (2001), a análise de discurso leva a pessoa a perceber a linguagem utilizada, os seus equívocos e sua opacidade. Ela ressalta a questão da neutralidade, que não está presente no uso mais aparentemente cotidiano dos signos. Dessa maneira, o homem, ao adquirir conhecimento das várias e infinitas possibilidades de análise existente em um discurso, terá condições para ser menos enganado. Digo dessa maneira porque todo discurso subjaz uma ideologia e em todas as áreas da vida existe um discurso, uma condição sócio-histórica e elementos culturais peculiares.

Charaudeau (2009) faz a observação de que é a linguagem que permite que o homem pense e tome as suas ações. Consequentemente, a linguagem é a maneira de se situar, de criar seu espaço, de se posicionar e, portanto, fazer um discurso. A linguagem é a responsável por inserir os homens na sociedade, de moldar sistemas políticos e de desenhar as sociedades. O autor exterioriza as características e a amplitude da linguagem, evidenciando que ela não é algo isolado, simples e inócuo:

A linguagem é um fenômeno complexo que não se reduz ao simples manejo das regras da gramática e das palavras do dicionário [...] A linguagem é uma atividade humana que se desdobra no teatro da vida social e cuja encenação resulta de vários componentes, cada uma exigindo um “savoir-faire”, o que é chamado de *competência*. Uma competência *situacional*, pois não há ato de linguagem que se produza fora de uma situação de comunicação. Isso nos obriga a levar em consideração a *finalidade* de cada situação e a *identidade* daqueles (locutores e interlocutores) que se acham implicados e efetuam trocas entre si. Uma competência *semiolinguística* que consiste em saber organizar a encenação do ato de linguagem de

acordo com determinadas visadas (enunciativa, descritiva, narrativa, argumentativa), recorrendo às categorias que cada língua nos oferece. Enfim, a competência *semântica* que consiste em saber e construir sentido com a ajuda de formas verbais (gramaticais ou lexicais), recorrendo aos saberes de conhecimento e de crença que circulam na sociedade, levando em conta os dados da situação da comunicação e os mecanismos de encenação do discurso. (CHARAUDEAU, 2009, p.7).

A competência situacional citada pelo autor (CHARAUDEAU, 2009) pôde ser notada nas palavras de Fábio de Melo, já que o público mantinha características e gostos em comum, o que facilitou o direcionamento das suas pregações. As pessoas que estavam escutando o discurso tinham um perfil que permitiu a condução de críticas e de repreensões. A finalidade do sermão era de instruir acerca de ensinamentos divinos, o que deu a Fábio de Melo a autoridade e autonomia para instruir com liberdade. A competência semiolinguística também foi construída de modo a alicerçar as suas ideias, fortalecendo o conteúdo e a intenção católicas. Com relação à semântica, é nítido que todo o conhecimento que circula na sociedade foi levado em consideração nos momentos de argumentação. Ao embasar suas opiniões e referenciar sua posição, o padre necessitou de uma escolha de palavras e fatos que mostrassem que o que ele dizia não era falso e nem irreal. Exemplos como promiscuidade e artistas serviram para, com a ajuda de formas verbais, dar um caráter legítimo ao discurso. Outrossim, na análise de discurso existem os domínios do campo enunciativo, que diz respeito a um conjunto de existências de díspares formações discursivas:

- um *campo de presença* que compreende todos os enunciados já formulados alhures e que são retomados em um discurso a título de verdade admitida, de descrição exata, de raciocínio fundado ou de pressuposto necessário, compreende também tanto os enunciados que são discutidos e julgados como os que são rejeitados e excluídos. Nesse campo de presença, “as relações instauradas podem ser da ordem da verificação experimental, da validação lógica, da repetição pura e simples, da aceitação justificada pela tradição e pela autoridade, do comentário, da busca das significações ocultas, da análise do erro”; essas relações podem ser explícitas ou implícitas;
- um *campo de concomitância* que compreende enunciados que dizem respeito a “domínios de objetos inteiramente diferentes e que pertencem a tipos de discursos totalmente diversos, mas que atuam entre os enunciados estudados, seja porque servem de confirmação analógica, seja porque servem de princípio geral e de premissas aceitas tendo em vista um raciocínio, seja porque servem de modelos que podem transferir a outros conteúdos, seja porque

funcionam como instância superior com a qual é preciso confrontar e submeter certas proposições que são afirmadas”

- um *domínio de memória* que compreende “enunciados que não são mais nem admitidos nem discutidos, que não definem mais, em consequência, nem um corpo de verdade nem um domínio de validade, mas em relação aos quais se estabelecem laços de filiação, de gênese, de transformação, e continuidade e de descontinuidade histórica” (FOUCAULT 1969, p. 72-3 apud BRANDÃO, 2002, p. 77-8 grifo do autor).

Essas formações discursivas estão presentes na pregação de Fábio de Melo. As relações de seus argumentos e a utilização de fragmentos de discursos anteriores são formas de se entender o campo de presença que referencia a autora. São feitas pelo padre diversas menções a fontes e conteúdos já verificados, legitimados e instaurados, empregando suas palavras de modo a emitir uma justificação ao seu discurso. O campo de concomitância também aparece nas falas de Fábio de Melo, que é a junção de fatos reais, de elementos históricos e de características biológicas, entre outros, perpetrada para ‘formalizar’ uma opinião, digamos que, concreta. Fica perceptível que o padre se baseia em vários tipos de fontes, ou seja, em várias áreas do conhecimento para construir seu discurso, estabelecendo uma concomitância entre assuntos díspares, dominando enunciados para fazer valer o seu direcionamento. Por fim, nota-se que o domínio de memória fortalece as explanações de Fábio de Melo em uma seleção de assuntos que, buscados à luz da história e na contemporaneidade da informação, são editados para que só se possa falar o que é aceito e se evite falar o que não trará bom resultado. Maus exemplos são esquecidos e bons exemplos são recordados para que se restaurem situações que recheiem favoravelmente o discurso, mas controlando a lembrança desses dados para que não se levante alguma questão que se torne desfavorável à sua fala.

Enfim, Fábio falou sobre a condição feminina atual, pegando como exemplo uma mulher que viveu há dois milênios atrás. Ele trouxe à tona exemplos de virtudes e predicados, criticou determinadas formas de religião (sendo que ele faz parte de uma), contestou formas de comportamento contemporâneo, ironizou traços culturais, para, no fim, salvar o povo através, não apenas de Deus, mas do catolicismo.

3.1.2 Pregação do Pastor R. R. Soares

Romildo Ribeiro Soares, líder evangélico influente, fundou no século passado a *Igreja internacional da Graça de Deus*, um dos grandes 'impérios' neopentecostais do país. Segundo Wrege (2001), o líder participou de reuniões da *Igreja Universal do Reino de Deus*, mas não permaneceu filiado à instituição por motivos pessoais e discordâncias doutrinárias. O autor ainda comenta que uma das discordâncias de R. R. Soares era o tom agressivo usado por Edir Macedo nos rituais de exorcismo existente nos cultos, principalmente na relação com os membros.

Essa análise foi feita de acordo com a pregação de R. R. Soares em um dos seus cultos e o objetivo é identificar de onde provém o discurso, em que lugar ele está situado, quais os seus objetivos e de que maneira se desenvolve. Soares tem boa aparência, tem carisma, se expressa bem e é cunhado de Edir Macedo, um dos líderes evangélicos mais famosos do mundo. Soares é inteligente e imprime um forte teor emocional nas pregações. Ele demonstra simpatia e educação com os fiéis, tendo uma linguagem ora conselheira, ora confortadora, emitindo um tom mais firme e incisivo quando supostamente expulsa demônios e um tom mais brando quando está narrando um trecho bíblico.

Soares começa a sua explanação dizendo que Deus o mandou pregar. Segundo ele, é uma palavra que vai ajudar bastante aqueles que ali se encontram. O título da mensagem é: "A boca fala do que está cheio o coração". No início, o pastor cita o Livro de São Mateus, capítulo 12, versículo 34,35 (BIBLÍIA SAGRADA, 1998), para explicar e ensinar sobre as orações. A citação de Soares diz o seguinte:

Raça de víboras, como podeis vós dizer boas coisas, sendo maus? Pois do que há em abundância no coração, disso fala a boca. O homem bom tira boas coisas do seu tesouro e, o homem mau, do mau tesouro tira coisas más.

Logo após fazer menção da bíblia, tida como referência indubitável e fonte de toda a verdade, Soares ensina os fiéis que ali se encontram:

Nós precisamos examinar como é que anda o nosso coração. Não adianta, meu irmão, se você não se acertar com Deus, não receber a Jesus como o seu senhor e o seu salvador, não tomar uma posição: eu vou para a igreja e vou servir a Deus, você jamais fará a oração da fé. Se o seu coração é mal, dentro dele habita o ódio, a maldade, a inveja, a malícia, o adultério, a fornicção, os maus pensamentos, você nunca conseguirá fazer a oração da fé. Como podeis vós sendo maus falar boas coisas? A boca fala do que está cheio o coração.

Você pode tentar colocar boas palavras, mas elas não saem com aquela força e, mais cedo ou mais tarde, quando o inimigo quer, você vai e abre a boca e amaldiçoa uma pessoa; você vai e abre a boca e destrói a felicidade de uma pessoa. Você se contamina e sabe por quê? Porque o seu coração é mal, é sujo, é pecaminoso e ele não está na presença de Deus.

O que se nota nesse começo da pregação de Soares é a intenção de usar as palavras a fim de inculcar no fiel uma mudança de comportamento, incitar uma postura diferente e influenciar suas ações. As palavras são utilizadas para mostrar que, se os membros da igreja não escutarem suas ideias e as colocarem em prática, o que ele chama de “inimigo” (que seria o diabo) impedirá que brote a oração da fé, que, segundo ele, possui força e gera boas palavras. O que se vê nessa pregação é a ideologia se materializando na linguagem, já que, a palavra, como signo ideológico, é usada de maneira a significar a realidade de acordo com a visão de Soares. A oração da fé e a crença em Deus são colocadas em primeiro plano, sendo valorizadas como ações éticas a seguir. Com isso, se desenha o discurso com a interação promovida pelo pastor na construção das ideias, formatando um conjunto de pensamentos que é fruto da situação e do contexto.

Todos os eventuais pecados elencados por Soares só são assim escolhidos porque, no contexto social, as legislações, o sistema social e o fator cultural permitem. Sabemos que a comunidade que escuta esse tipo de discurso, ao ouvir sobre esses conceitos amplos, vetustos e consolidados, entenderá que há dois caminhos a seguir, o caminho do bem e o caminho do mal. Importante e pertinente lembrar de Vicente (2001).

[...] o discurso verdadeiro – no sentido forte e valorizado do termo – o discurso verdadeiro pelo qual se tinha respeito e terror, aquele ao qual era preciso submeter-se, porque ele reinava, era o discurso pronunciado por quem de direito e conforme o ritual requerido; era o discurso que pronunciava a justiça e atribuía a cada qual sua parte; era o discurso que, profetizando o futuro, não somente anunciava o que ia se passar, mas contribuía para a sua realização, suscitava a adesão dos homens e se tramava assim com o destino. (FOUCAULT 1996, apud VICENTE, 2001, p. 35).

Ainda segundo (VICENTE, 2001), o discurso religioso se faz significar no lugar do “livre-arbítrio” do sujeito, porque força o sujeito a acreditar que só existem dois caminhos. Por conseguinte, é visível a posição assumida por Soares como o portador das verdadeiras palavras, dos verdadeiros conselhos e das verdadeiras asserções. A sua posição é a de falar do futuro através de palavras que contém uma

carga semântica antiga, que são, na verdade, um patrimônio da humanidade. Soares procura termos como: mentiras, maldade, inveja, ódio, entre outros, porque a configuração social é participante e produtora desses conceitos. Ou seja, ao rechaçar ações que sejam similares a essas citadas e tratá-las como repugnantes, o pastor traz à consciência das pessoas os aspectos culturais consolidados como errôneos, vulgares e despiciendos, buscando, por conseguinte, “jogar” com essas palavras. Como esses vocábulos, de acordo com a base histórica e cultural, aludem às más ações, só resta Soares agregar a elas o sentido de pecado e de defini-las como provenientes de um inimigo metafísico, suscitando, por conseguinte, uma guerra entre o bem e o mal. Em outras palavras, todos aqueles conceitos históricos e petrificados pela sociedade, entendidos como malévolos, são atribuídos como obras do demônio, dando ao fiel algo não apenas religioso, mas social e cultural. Soares só pode fazer esse discurso porque a sociedade compactua com essa visão. Em suma: a sociedade compactua quando se fala que a mentira, o ódio e a maldade são ruins, o que deixa o fiel mais vulnerável a aceitar os componentes religiosos. Do outro lado também há a apropriação por parte do pastor, pois, ao tecer de maneira contundente críticas às más atitudes (culturalmente falando), valoriza-se boas ações, que também são construídas pela sociedade. Surge na pregação de Soares, portanto, o efeito de sentido, em que ele constrói o discurso, sendo ele aberto, dizendo-o para um lugar específico e a um público específico.

Wrege (2001) diz que os membros da *Igreja Internacional da Graça de Deus* crê excessivamente em demônios, crê no poder mágico da palavra e no uso da fé para a apropriação imaginária do consumo de bens. Ele afirma que as igrejas possibilitam a venda de valores e promessas, que são aprendidos através da orientação dos líderes. Segundo o autor (WREGE, 2001), o que vale é a ideologização de um pragmatismo, sendo que, o que funciona, é o que dispõe de valor. Ele cita a lógica existente:

[...] a “lógica da dominação”, que é quando grupos, seitas e partidos por assim dizer se apoderam da história, isto é, de uma ficção ou utopia que consideram como história, sociologia ou pedagogia normativa, que querem por fina força impor a toda a sociedade. (TEIXEIRA, 1990, p. 11 *apud* WREGE, 2001, p. 120)

Para que consiga impor os pontos espirituais desejados e dominar os membros, é pertinente empregar o conceito de formação discursiva, que, conforme já foi explicado nesse trabalho e referenciado em Brandão (2002), determina “o que

pode e deve ser dito a partir de um lugar social historicamente determinado”. Portanto, ao elaborar um discurso, selecionando palavras e escolhendo temas, Soares já sabe quais conceitos terão relação com as regras sociais e culturais existentes. Ainda sobre a forma como Soares aborda a questão do pecado, Vicente (2001, p. 42) diz que o discurso religioso se dá através da esfinge do pecado:

[...] articular o “medo da perdição” é o objetivo da pedagogia religiosa quando quer levar o sujeito à conversão, ou ainda, levá-lo para a igreja, para Cristo, em outras palavras, “salvar a alma do sujeito pecador”. A proposta inicial para esse confronto/conflito está no “livre-arbítrio” do sujeito para escolher entre, *ser salvo e não ser salvo, ir para o céu ou ir para o inferno*, ou ainda, *ser filho de Deus ou filho do Diabo*.

Dessa maneira, nota-se que, ao esmiuçar a explanação de Soares, há a necessidade de deixar tudo aquilo que é ruim para que o fiel consiga realizar o que ele chamou de oração da fé. E, como condição para ter uma boca sadia, não prejudicar a felicidade de alguém e não ser usado pelo inimigo, como mesmo deixou velado na explanação (“e mais cedo ou mais tarde, e quando o inimigo quer, você vai e abre a boca e amaldiçoa uma pessoa”), o membro da Igreja precisa seguir os ensinamentos de Jesus Cristo, fixados na Bíblia e verbalizados por ele. Com isso se estabelece o confronto, do ouvinte que quer subir ao céu, mas se vê diante de forças sobrenaturais agindo para lhe fazer guerra. Essa guerra só se estende porque, como objetivo final, o desejo da membresia é de subir ao céu e não ir para o inferno. Segue a continuação da pregação de Soares:

Eu venho aqui hoje como profeta de Deus pra dizer o que você tem que fazer: ou você toma uma posição, como diz Jesus, ou você vai continuar se enganando. - Missionário ora por mim, pastor tal ora por mim. Irmão e irmã façam a oração da fé e nós vamos fazer e não vai adiantar, porque o seu coração está distante de Deus, longe da presença de Deus; não conseguirá se conectar com o Pai. Deus não pode te atender e o diabo vai continuar destruindo você. É preciso que você tome uma posição. Chega de brincar com coisa séria. Chega de afastar Deus da sua vida e dizer: ‘qualquer hora dessa o senhor vai me abençoar, eu sei que eu vou fazer por merecer’. Deus pode te abençoar hoje. Os vossos pecados, diz a bíblia, encobrem a face de Deus e impede que ele ouça a sua oração. Disse Jesus mais: que o seu pecado impede que a sua boca fale aquela palavra que vai derrotar o demônio. [...] Meu irmão, quando o coração está limpo diante de Deus, quando não tem pecado escondido, quando não tem nada de errado e o diabo não tem o rabinho dele lá no seu coração, você fala com Deus e naquela hora Deus vem e te abençoa. Você consegue falar palavras que mandam o câncer embora, que impedem o desastre, que impedem a destruição do lar,

mas quando o seu coração é mal, quando você julga os outros e você coloca ódio no coração dizendo que você é de Deus, você quer fazer oração, você se esforça e não consegue, porque Jesus disse: como pode vós sendo maus, falar boas coisas?

A pregação de Soares se delinea de maneira a estabelecer uma troca entre os fiéis e Deus. Para se conectar com o pai, como mesmo disse o pastor, é necessário que o membro tome outra posição, ou seja, essa posição seria a de o fiel ser mais obediente e praticante da Palavra de Deus, que, segundo o entendimento dele, é a Bíblia. Citando a benção como possibilidade, Soares diz que os pecados encobrem a face de Deus e impedem a escuta da oração. Como oportunidade, o pastor cria uma permuta ao explicar que a ausência do pecado se traduzirá em benefícios. Oro (1996) aponta o demônio, no universo neopentecostal, como dispositivo simbólico explicativo da causa de doenças e males em geral. Wrege (2001, p. 88) dedica-se às questões envolvendo o tratamento dado à figura chamada demônio:

De acordo com [...] Romildo R. Soares, os demônios dispõem de uma atuação generalizada no meio social, sendo que atingem pessoas de todas as camadas sociais e de qualquer nível econômico. Dando destaque para o ataque dos demônios na área financeira [...] R. R. Soares escreve que esses espíritos de origem maligna devem ser atacados e exorcizados. Não ocorre, portanto, a ideia de que o crente deve apenas se defender do mal mas, acima de tudo, precisa enfrentá-lo, o que faz com que se crie uma ideia imaginária de uma possível “guerra ou batalha” entre o membro da [...] “Igreja Internacional da Graça de Deus” e os demônios.

Ao pregar, enfrentar e estimular o fiel a combater os demônios, Soares está imprimindo uma das marcas do discurso neopentecostal. Segundo Oro (2001), o sucesso desse tipo de denominação se dá através das narrativas e testemunhos de curas miraculosas ocorridas frequentemente nos cultos.

Os ritos terapêuticos assumem, portanto, uma importância fundamental no neopentecostalismo, maior talvez do que em outras religiões populares brasileiras. Em seus templos “Deus opera muitos milagres”, “Deus pode curar desde a dor de cabeça até o câncer”, segundo o dizer dos pastores. Muitas vezes a cura desemboca na conversão ao pentecostalismo. Ou então, a conversão religiosa ocorre simultânea ou paralelamente ao desaparecimento da doença. (ORO, 2001, p.60).

Siepierski (2001) atribui o sucesso do discurso neopentecostal à uma fórmula de tornar sagrado todos os aspectos da existência, avançando em todos os espaços da vida social, produzindo significações para ampla parcela da população. Isso é

possível identificar na pregação de Soares, já que, segundo ele, o câncer é expulso pelo mover da fé, a destruição do lar é evitada pela influência da fé e o demônio é derrotado pela experiência da fé.

Para o autor, apesar de a ciência moderna, com um discurso triunfalista, reprimir a religião como algo obscurantista, o homem busca no depósito de bens simbólicos erigidos durante séculos as respostas para as suas angústias. Cohen (1978 apud SIEPIERSKI, 2001) expressa que a religião ainda tem espaço em um mundo cada vez mais secularizado, já que ela fornece soluções para questões vitais como o significado do bem e do mal, o significado da vida e da morte, da sanidade e da enfermidade e da ascensão e da decadência. Siepierski (2001) ainda afirma que o discurso religioso não é o único, mas tem um espaço privilegiado como um dos grandes sistemas simbólicos produtores de sentido. Após afirmar que, com as diversas transformações sociais os sistemas simbólicos se desatualizaram, o autor aponta que a religião conseguiu recuperar sua própria contemporaneidade, construindo soluções simbólicas

[...] o neopentecostalismo – devido à sua dinâmica de interação com a sociedade – se tornou um dos espaços no qual essas novas significações foram articuladas, exercendo, portanto, enorme poder de atração de adeptos. E nesse processo, o discurso neopentecostal deu conta não só daquelas questões insolúveis da existência, espaço da religião por excelência segundo Geertz (1978), mas também transbordou significações para outras esferas da vida, consideradas não religiosas. Essa invasão do profano pelo sagrado, por um lado, gera toda sorte de mal estar naqueles indivíduos ou grupos que precisam lançar mão desse discurso religioso específico para produzir significações para suas próprias vidas, o que os leva a questionar sua legitimidade. Por outro lado, apesar desse questionamento, ele mantém o poder de produzir significações para amplas parcelas da população, como atesta o crescimento das igrejas neopentecostais. (SIEPIERSKI, 2001, p. 193-4).

Portanto, vemos que a construção dos significados por parte do discurso neopentecostal se encaixa bem no ritmo de vida atual. Em uma sociedade cada vez mais competitiva e renitente, que provoca desigualdades sociais brutais, a busca por uma solução divina para atingir melhores posições é uma alternativa viável e plausível. O discurso de Soares não é traduzido apenas pela sua “fala”. Como mesmo escreveu Orlandi (1984), o discurso não corresponde à noção de fala, mas tem sua regularidade e tem seu funcionamento, que são possíveis de se verificar as pessoas não colocarem em posições opostas o social e o histórico, o sistema e a realização, o subjetivo e o objetivo, o processo e o produto.

Para a Análise de Discurso, não se trata apenas de transmissão de informação [...] pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação. São processos de identificação do sujeito, de argumentação, de subjetivação, de construção da realidade etc. [...] A linguagem serve para comunicar e para não comunicar. As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentidos entre locutores. (ORLANDI, 2001, p. 21).

Brandão (2002) definiu que não existe um sentido a priori, mas um sentido que é construído e deve ser referido às condições de produção. Por conseguinte, é possível notar que o complexo processo de constituição de sujeitos e produção de sentidos são aplicáveis e identificáveis na pregação de Soares. A construção organizada pelo pastor mostra uma clara referência aos bens como felicidade, paz, benção e vitória, demonstrando através do uso da linguagem que não existe apenas transmissão de informação, mas sim um aparato argumentativo para levar os fiéis a assumirem uma posição no mundo. Esse conceito pode ser chamado Assujeitamento Ideológico. Brandão (2002, p. 89) o caracterizou:

Consiste em fazer com que cada indivíduo (sem que ele tome consciência disso, mas ao contrário, tenha a impressão de que é senhor de sua própria vontade) seja levado a ocupar seu lugar, a identificar-se ideologicamente com grupos ou classes de uma determinada formação social.

Dessa maneira, percebe-se que Soares articula um discurso que faz com que as pessoas se situem em determinada situação social e cultural. Ao incentivar os membros a agirem com 'obediência espiritual e irrestrita' a Deus, o pastor oferece um campo de paz e de verdade, estimulando um caminho que, de acordo com o posicionamento da instituição, é o mais correto. Com isso, sem deixar que o fiel note, ele critica e rechaça comportamentos que não condizem com os ideais cristãos, gerando e mantendo uma ideologia, criando um vínculo com a membresia, e construindo o argumento de que, sempre, o fiel estará no domínio das situações. Essa questão é notada ao falar que, se as pessoas que estavam escutando a pregação colocassem em prática as suas palavras, poderiam realizar curar, vencer demônios, impedir desastres familiares etc.

Soares continua a pregação, evidenciado a prosperidade alcançada a partir de um maior acúmulo de experiência tida como pura pela interpretação bíblica.

O senhor Jesus está dizendo: o seu coração não consegue falar a boa palavra, não consegue fazer aquela declaração que o diabo vai ser derrotado. E o diabo cada dia vai curvando a sua coluna, vai ensurdecendo o seu ouvido, vai lhe colocando moléstia pelo ventre, vai fazendo a sua família cada dia se separar, se destruir. Oh, missionário: ora? É o meu filho que está na droga, é o meu marido que está no pecado, é a minha mulher que não tem juízo, é isso e aquilo outro. Raça de víboras! Jesus está dizendo: vocês têm que ser raça de Deus e não dos demônios. Vocês têm que passar a pensar nas coisas santas, fazer as coisas santas, comunicar-se com Deus e não ficar [...] com aquele desejo errado no coração, com aquela palavra suja na boca, com aquelas mãos contaminadas. Quando isso acontece, você deixa de ser raça de víbora, de demônio, e passa a ser povo dos céus, filho de Deus. Aí o inimigo perde. Até hoje ele agarra você, faz você comer o pão mofado, faz você mendigar, catar a última moeda, e você vai ver que Deus vai lhe prosperar, que Deus vai lhe dar alegria, que Deus vai lhe dar paz, Deus vai lhe dar realização, e você vai tornar-se-á uma pessoa abençoada.

Empregando as funções de linguagem na pregação de Soares, funções essas que são importantes para as análises e que dizem respeito à língua e ao discurso, é observável uma consonância plausível. Essas funções já foram definidas e aplicadas na pregação de Fábio de Melo. Começando com a *função emotiva*, é fato que ela é centrada no emissor da mensagem, manifestando-se por exclamações e interjeições, sendo usada para exprimir anseios e emoções. Soares usa um tom emotivo nas suas explicações, através de palavras que não fazem sentido racionalmente. A mensagem de Soares é apresentada diversas vezes na primeira pessoa e tem como objetivo transmitir sua subjetividade. No trecho anterior da fala de Soares, foi possível ver que ele se posiciona como profeta de Deus, sendo, por conseguinte, mais um indício da função emotiva.

Na *função conativa* há vários apelos, inclusive o uso de imperativos, que são aplicados com o intuito de persuadir e influenciar o receptor, que seria o auditório presente. Ou seja: Soares convoca os fiéis para prestar atenção em coisas santas, organizando argumentos para fazer com que eles deixem os costumes que não compactuem com os ideais neopentecostais. Esses argumentos são sempre pautados no enfoque que pode ser definido da seguinte maneira: se o membro for dedicado às ações puras, alcançará várias bênçãos dos céus. Se o membro não for dedicado às ações puras, sofrerá com tristezas e moléstias. O pastor faz um apelo para que eles venham a aderir à sua pregação, como ele mesmo disse no trecho anterior: “ou você toma uma posição, como diz Jesus, ou você vai continuar se

enganando”. Ou mesmo em outra parte: “é preciso que você tome uma posição. Chega de brincar com coisa séria”. Portanto, o que se vê é o uso da função conativa na pregação de Soares.

A *função referencial* é aquela centrada no contexto e se refere à transmissão de informações de maneira mais objetiva, sem análises, prismas e comentários. Como o discurso religioso sempre vem recheado de observações, explicações e adendos, essa função não é muito encontrada na pregação de Soares. Já a *função poética* aparece no discurso do pastor. Centrada na mensagem e tendo a característica de se firmar com slogans e provérbios, a função poética já aparece no título da mensagem que, conforme já exposto, diz: “A boca fala do que está cheio o coração”. Ou seja: a partir dessa base, Soares discorre sobre várias questões da vida humana, envolvendo comportamentos, hábitos culturais e inclinações pessoais, para aplicar com as palavras, em um ritmo e sonoridade próprios, as diversas combinações de frases. Com isso ele faz uso da função poética no discurso. Com relação à função fática, há o aparecimento de uma forma bem discreta na pregação de Soares. *Função fática* é aquela que, segundo Charaudeau e Maingueneau (2004, grifo do autor) é centrada no canal que, por sua vez, é o contato com o destinatário. Ela se manifesta através de algumas fórmulas, citadas por eles como “Alô”, “Entendeu”. Portanto, não é dessa maneira que surgem as expressões ligadas à função fática no discurso do pastor, mas em algumas situações ele cria determinados pontos de interrogação com a intenção de estabelecer um diálogo, como, por exemplo: quando ele realiza curas no culto (texto que vamos analisar mais adiante), ele faz uma oração, expulsa espíritos e pergunta se funcionou ou não a sua atitude. Por conseguinte, há um diálogo que prioriza o estabelecimento de uma relação, que busca uma resposta, o que caracteriza a função fática. Com relação à *função metalinguística*, que é quando há a explicação de um código usando o próprio código, pode ser notada na pregação de Soares já que, ao abordar e instruir a respeito da fé, da oração, ele usa instrumentos da mesma fé e da oração para construir a explicação. Soares fez igual Fábio de Melo, construindo conceitos a partir das minúcias do próprio conceito.

O ato de persuadir é presente frequentemente no discurso do pastor já que, em vez de usar a razão e o raciocínio lógico para erigir provas objetivas, ele usa de argumentos ideológicos e subjetivos, que tem como escopo principal levar as pessoas a aderirem aos seus argumentos. O posicionamento do pastor reflete o

posicionamento da igreja que ele fundou e, ao posicionar-se, Soares deixa claro os seus valores, o lugar que ocupa, a defesa das suas ideologias e a identidade que possui. O pastor busca transparecer uma afinidade com Deus, com Jesus Cristo. Ele mesmo se intitulou profeta de Deus, e, com o uso de algumas frases, demonstra que está sendo um instrumento, uma ferramenta dos céus. Ele diz em um momento: “raça de víboras, Jesus está dizendo”. Dessa maneira, Soares tem a intenção de mostrar a sua autoridade espiritual concedida pela relação que tem com Deus. A autoridade que o pastor busca também é nítida na contundência com que ele ensina, corrige e critica determinados costumes.

O uso da metáfora também é uma das alternativas usadas por Soares na maneira como conduz a exortação da Bíblia porque, conforme já explicitado no decorrer desse trabalho, os efeitos manipuladores são mais importantes com o uso dessa força persuasiva. Ela faz com que as explicações pareçam óbvia, atraindo as pessoas com uma comparação fácil de ser assimilada, dando caráter verossímil com um julgamento de valor concentrado. O próprio título é um escancarado uso de uma analogia condensada. Quando se fala que “A boca fala do que está cheio o coração”, a palavra coração não é empregada como o órgão muscular localizado no peito e que palpita, que bate, que acelera e desacelera, bombeando o sangue ao corpo. Segundo a Bíblia e, portanto, o discurso de Soares, ele é entendido como o centro do intelecto, como o lugar em que se situam as vontades humanas, os anseios e toda a gama de emoções. Dessa maneira, ao abusar do uso da palavra ‘coração’, Soares se aproxima dos fiéis, dando a eles um entendimento facilitado, possibilitando uma compreensão imediata dos valores divinos ali explanados. As frases já colocadas anteriormente dos trechos da pregação de Soares mostram o uso da metáfora: “Nós precisamos examinar como é que anda o nosso coração. [...] Se o seu coração é mal, dentro dele habita o ódio, a maldade, a inveja, a malícia, o adultério, a fornicção, os maus pensamentos, você nunca conseguirá fazer a oração da fé. Como podeis vós sendo maus falar boas coisas? A boca fala do que está cheio o coração”. Dissecando essa frase, é possível ver que o coração é aplicado para a compreensão de como os sentimentos são produzidos. Segundo a explicação do pastor, as palavras não são fruto dos pensamentos, pelo menos não racionalmente. Isso mostra a força persuasiva sendo viabilizada com a metáfora.

A ‘fábrica’ das emoções, dos hábitos e dos pendores é, de acordo com Soares, o coração. Outras aplicações de metáfora são notadas ao longo da

pregação do líder neopentecostal. Ao falar que o inimigo faz o fiel comer o pão mofado, mendigar e catar a última moeda, o pastor quer tratar a questão da pobreza e da miséria, tendo o intuito de simplificar a explicação, dando um caráter óbvio e com grande efeito manipulador. Ou seja: se o membro aceitar toda a sua pregação, não haverá mais carência financeira e social.

Segue a continuação da pregação de Soares.

Eu venho aqui hoje para fazer a oração e você mudar-se completamente, para você passar a não ser mais raça de víbora, mas sim raça santa, sacerdócio real, povo de Deus e família do Espírito Santo. [...] se você quiser, eu vou orar pra você agora e Deus vai perdoar todos os seus pecados. Ainda que a sua ficha seja pior do que o pior esgoto dessa cidade, você vai ser purificado agora em nome de Jesus. Deus vai mudar você completamente. [...] você quer que eu ore pra você? Você quer que o demônio perca a batalha na sua vida ao invés de estar sobre a sua cabeça [...], você esmagado na lama? Missionário, eu quero o perdão dos meus pecados. Quem quer levanta a mão assim para o céu.

Depois de fazer a pergunta e oferecer a oração, o pastor eleva a voz ao céu com o intuito de buscar de Deus uma solução para os fiéis que ali estavam. A oração de Soares começa com o pedindo perdão pelas transgressões feitas, sejam elas por pensamentos, palavras ou atos, conscientes ou inconscientes. Depois de uma oração junto com os fiéis, em que eles repetiam as palavras do pastor, houve uma oração de Soares em que ele se mostrou agradecido a Deus pela decisão que os membros tinham tomado, que era a de aceitar Jesus Cristo. Soares disse na oração que declarava que as almas que ali estavam já tinham sido perdoadas. Depois ele pede para que as pessoas que aceitaram a palavra pregada por ele levantem a mão e a agradeçam a Deus. Com isso, ele diz que a partir daquele momento a graça de Deus estava sobre aquelas pessoas. Logo após ele chama as pessoas à frente, que tinham o que ele chamou de problemas sérios, como, por exemplo, problemas de coluna. Depois ele diz que ele não vai fazer nada, mas que Deus irá fazer. O pastor continua:

Vem, em nome de Jesus. Os outros que não tem problema na coluna não vão fechar os olhos na hora da oração. Vocês vão ver o pessoal ser curado aqui. Tem gente que nunca viu o que vai acontecer aqui hoje. O Deus da Bíblia é real. Eu sei que se eu fizesse à noite essa praça ia ficar pequena. Mas tem gente preguiçosa, que não vem. [...] Agora eu quero vocês olhando pra mim [...] Se você fizer aqui o que você já fez sempre na vida, você vai ter o mesmo resultado. Eu não sou melhor do que ninguém. Você não vai orar do jeito que você sabe orar. Eu vou lhe ensinar a orar agora pra você receber a benção [...] eu detesto perder oração [...] A oração é uma pérola, é

um tesouro que temos que lançar só pra Deus [...] Olha pra mim pessoal [...] Eu sei o que eu estou falando pessoal. Depois de quase 40 anos pregando, 40 de batizado com o Espírito Santo, quase 40 pregando, já deu para aprender alguma coisinha. É uma fração de segundo que você vai pensar na comida de hoje à noite e perdeu a benção de Deus.

Analisando esses trechos da pregação de Soares, é possível aplicar o conceito de retórica, identificando os três tipos de efeitos perlocutórios que são seguidos pelos oradores ao realizar um discurso. O primeiro efeito seria o de agradar pela imagem que se projeta no discurso (ethos). Com isso, o que se percebe, é que o pastor organiza e emite frases que valorizam a sua pessoa, a missão que ele tem nas mãos e a relação que tem com Deus. Quando ele diz que 'vem como profeta de Deus', que 'vem em nome de Jesus', automaticamente, quer transmitir a imagem de uma pessoa crível, espiritual, respeitável e digna de ser ouvida. O que se nota é a tentativa de construir a imagem de uma pessoa confiável, deixando a entender que possui um poder sobrenatural. Acima, no final do trecho pregado por Soares, diz que já tem 40 anos de batismo pelo espírito santo e que está há quase 40 anos pregando. Dessa maneira, mais uma vez, ele projeta uma imagem de 'homem de Deus', digno de confiança e aceitação.

O outro efeito perlocutório seria o de informar e convencer, (logos), a partir da argumentação, pela lógica da narrativa. Como é possível identificar facilmente, o pastor, no seu discurso, apresenta várias colocações para orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões. Com base em textos bíblicos e frases usadas por Jesus Cristo, o pastor articula uma manobra para conduzir os argumentos de maneira que contribuam para a sua explanação. Voltemos a um dos trechos da pregação de Soares, em um momento que ele procura convencer as pessoas da importância de ter um coração limpo, ou seja, de ter uma vida que ele considera limpa, sem maus pensamentos.

Meu irmão, quando o coração está limpo diante de Deus, quando não tem pecado escondido, quando não tem nada de errado e o diabo não tem o rabinho dele lá no seu coração, você fala com Deus e naquela hora Deus vem e te abençoa. Você consegue falar palavras que mandam o câncer embora, que impedem o desastre, que impedem a destruição do lar, mas, quando o seu coração é mal, quando você julga os outros e você coloca ódio no coração dizendo que você é de Deus, você quer fazer oração, você se esforça e não consegue, porque Jesus disse: como pode vós sendo maus, falar boas coisas.

Ou seja, a lógica da sua argumentação consiste em exemplificar as bênçãos que podem ser alcançadas se o fiel tiver um coração limpo. Soares cita situações que o auditório conhece e vai assimilar facilmente, gerando um incentivo para que haja a obediência e a concordância com seus ensinamentos. Ao falar dos ganhos em servir a Deus e aceitar uma mudança espiritual, o líder neopentecostal constrói os argumentos com informações provenientes da bíblia, com uma “lógica espiritual da narrativa”, já que, a base do raciocínio direcionada de maneira simples ao universo da membresia gera o sentimento de adequação às ações espirituais.

Com relação ao outro efeito perlocutório, que seria o de comover (*pathos*), é evidente que, ao falar da cura de câncer, de impedir o desastre do lar e de não viver mais na miséria, comendo o pão mofado, o pastor busca gerar o enternecimento dos que ali estão. Ao mostrar aspectos do cotidiano que afligem muitos grupos de pessoas, o pastor promove a comoção, evidenciando que as melhorias são possíveis, palpáveis e alcançáveis. Portanto, o fiel se sente estimulado a dar uma guinada na vida. Em um dos trechos citados, o líder neopentecostal menciona ‘ficha mais suja que o pior esgoto da cidade’, além de alguém ali que possa estar esmagado na lama. Com certeza existem pessoas presentes com problemas emocionais e, obviamente, essas pessoas se sentirão comovidas, já que estarão diante de um perdão, um recomeço e uma esperança de novas conquistas. Elas se sentirão motivadas com os novos caminhos se abrindo, com o ritual de passagem apresentado gratuitamente e, com essa comoção, serão mais vulneráveis aos efeitos perlocutórios da retórica.

A relação simbólica que falou Orlandi (1996), que é a representação ocorrida quando há a subsunção de uma voz pela outra, existe frequentemente no discurso de Soares. Essa mistificação se dá pela apropriação da palavra ao povo, ou seja, quando o pastor precisa corrigir, orientar, ensinar e pregar, ele adentra no mecanismo do apagamento, de acordo com o que essa voz representa na outra. “Como podeis vós sendo maus falar boas coisas? A boca fala do que está cheio o coração”, são palavras que estão no primeiro trecho analisado e comprovam que, o líder neopentecostal, ao dizê-las, faz a mesma indagação verbalizada por Jesus, se apropriando, praticamente, da identidade de Cristo e, por conseguinte, criando a representação, a relação simbólica.

No manuseio da linguagem, é importante voltarmos a fazer menção à Charaudeau (2009), que aborda essas questões com profundidade e abrangência.

Começando com o óbvio, ao dizer que sem a linguagem o homem não saberia entrar em contato com os outros e nem saberia constituir comunidades de indivíduos em torno de um desejo de viver juntos, o autor diz existem alguns componentes em torno da atividade da linguagem, que resultam na exigência de algumas competências. Conforme já explicado nesse trabalho, essas competências se resumem na competência comunicacional, na competência linguística e na competência semântica. Dono da frase que diz que a linguagem é talvez o primeiro poder que o homem teve, o autor diz que, “esses conjuntos de competências constituem o que se chama de competência discursiva, e é fazendo-a funcionar que se produzem atos de linguagem portadores de sentido e de vínculo social”. (CHARAUDEAU, 2009, p. 8).

A competência comunicacional é observada na análise dessa pregação porque, na elaboração e construção do discurso, Soares teve de levar em consideração a finalidade de cada situação, destinando argumentos de acordo com a identidade do auditório, o que implicou em entendimentos, aceitações e interações entre eles. Já a comunicação semiolinguística foi identificada porque o pastor soube construir argumentos, narrar, descrever, ou seja, fazendo de cada categoria que a língua oferece um mecanismo para construir um discurso que fosse aceito. Outrossim, a competência semântica foi inserida no contexto da pregação do pastor, que teve de colocar em uso os saberes que circulam na sociedade, recorrendo às informações e aos mecanismos de encenação do discurso, fazendo de temas abrangentes e populares as referências de suas palavras. Quando ele fala de males existentes no contexto social, que são as enfermidades, miséria e problemas com drogas, automaticamente há o uso de informações que estão à disposição no contexto social da comunidade e, por conseguinte, das pessoas que ali frequentam o culto. Amparado na crença do bem e do mal existente no seio social, Soares fez um discurso que seria aceitável e crível diante daquele ambiente.

Importante inserir nessa análise o conceito de arquivo que mesmo diante de diversos pontos de vista, foi caracterizado abaixo:

[...] Um lugar onde se torna possível pensar as práticas discursivas de uma sociedade. Cada arquivo é estabelecido a partir de uma organização própria, reunindo sentidos advindos de uma adversidade máxima de textos tomados a partir de um tema, de um acontecimento ou de um trajeto temático (GUILHAUMOU e MALDIDIER, 1994). Assim, os enunciados e o arquivo tornam-se o suporte material dos estudos instalados nessa articulação entre o

discurso e a história. A preocupação, no interior da Análise de Discurso, em analisar um arquivo que não seja dado a priori, mas que considere, seguindo a concepção gerada a partir da Nova História, as séries, os diferentes modos de produção e leitura, conduz o analista a encontrar um papel ativo para o sujeito. (SARGENTINI; BARBOSA, 2004, p. 91).

Esses mesmos autores, ao discorrerem sobre o conceito, colocam-no como relevante, e se apóiam em Foucault (1986 apud SARGENTINI; BARBOSA, 2004), que propôs que o conceito de arquivo, não é o mesmo conceito daquele dos estudos de história, que antes privilegiavam a forma linear e cronológica, além de darem importância ao continuísmo e à hermenêutica do sentido. Segundo Sargentini e Barbosa (2004), “Foucault atribuiu o conceito de arquivo o vínculo imediato ao sistema da enunciabilidade, às regularidades específicas inscritas nos textos”. Mais do que isso, os autores registram o pensamento de Foucault (1986, p. 148-9 apud SARGENTINI; BARBOSA, 2004, p. 87) sobre o conceito:

Não entendo por esse termo (arquivo), a soma de todos os textos que uma cultura guardou em seu poder, como documentos de seu próprio passado, ou como testemunho de sua identidade mantida; não entendo, tampouco, as instituições que em determinada sociedade, permitem registrar e conservar os discursos de que se quer ter lembrança e manter a livre disposição. Trata-se antes, ao contrário, do que faz com que tantas coisas ditas por tantos homens, há tantos milênios, não tenham surgido apenas segundo as leis de pensamento, ou apenas segundo o jogo das circunstâncias, que não sejam simplesmente a sinalização, no nível das performances verbais, do que se pôde desenrolar na ordem do espírito ou na ordem das coisas; mas que tenham aparecido graças a todo jogo de relações que caracterizam particularmente o nível discursivo; que em lugar de serem figuras adventícias e como que inseridas, um pouco ao acaso, em processos mudos, nasçam segundo regularidades específicas: em suma, que se há coisas ditas – e somente estas – não é preciso perguntar sua razão imediata às coisas que aí se encontram ditas aos homens que as disseram, mas ao sistema da discursividade, às possibilidades e às impossibilidades enunciativas que ele conduz. O arquivo é, de início, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares. Mas o arquivo é, também, o que faz com que todas as coisas ditas não se acumulem imediatamente em uma massa amorfa, não se inscrevam, tampouco, em uma linearidade sem ruptura e não desapareçam ao simples acaso e acidentes externos, mas que se agrupem em figuras distintas, se componham umas com as outras segundo relações múltiplas [...].

Marandin (1979 apud SARGENTINI; BARBOSA, 2004) levantou em questão o conceito de arquivo em um ponto de vista que foi inspirado em Foucault, ponderando que o conjunto de enunciados constitui o arquivo de uma época. O

autor diz que esse conjunto diz respeito a um grupo de regiões heterogêneas de enunciados produzidos por práticas discursivas e não a uma coleção de um espaço homogêneo. Esse espaço é tratado por Marandin (1979 apud SARGENTINI; BARBOSA, 2004) como o espírito de uma época, um estado de uma cultura ou de uma civilização. Portanto, o arquivo é o nome que se dá às práticas discursivas, à um conjunto de enunciados, ao sistema que rege o aparecimento dos próprios enunciados e à lei vigente etc. Importante recordar que, segundo Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 196), “o enunciado é a sucessão de frases emitidas entre dois brancos semânticos, duas pausas de comunicação”. Apesar de vários sentidos de enunciado existentes, podendo ser analisado do ponto de vista pragmático, do ponto de vista sintático e de acordo com o termo primitivo, os autores caracterizaram com mais abrangência o conceito de enunciado.

O discurso é o enunciado considerado do ponto de vista do mecanismo discursivo que o condiciona. Assim, olhar um texto sob a perspectiva de sua estruturação “em língua”, permite tomá-lo como um enunciado; um estudo linguístico das condições de produção desse texto possibilita considerá-lo como um discurso. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 196).

Partindo desses conceitos, é possível identificar na pregação de Soares os enunciados e, conseqüentemente, o conceito de arquivo. Os enunciados do pastor têm como foco o ponto de vista da pureza cristã, o ponto de vista da obediência espiritual e o caminho da verdade. Com amparo nos comportamentos considerados repugnantes pela sociedade, de acordo com as regras morais estabelecidas, Soares constrói seu discurso. O líder neopentecostal concebe suas argumentações de acordo com os sistemas e produções da sua época. Importante recordar que não é o conjunto de fatos contemporâneos e nem uma gama de acontecimentos de uma civilização que definem o arquivo, mas são as coisas ditas que se relacionam e se mantêm vivas. Em suma, o arquivo não é proveniente de um documento formal e ocorrido ao acaso, mas um desenvolvimento de regularidades discursivas que surgem a partir de um jogo de relações de enunciados que vão se agrupando e formando regiões distintas. Portanto, Soares também se encaixa nesse conceito porque, quando ele fala de homens com bons corações, que deixam comportamentos asquerosos como maldade, inveja e ódio, aplica e difunde argumentos que só foram possíveis através de todas as relações de enunciados existentes. Ao empregar a bíblia na sociedade brasileira (que, por sua vez, tem com

sua cultura peculiar) com a visão de uma ramificação neopentecostal, diante de uma comunidade com características próprias, o pastor coloca em cena um conjunto de relações heterogêneas, com diversos enunciados se compondo e se imbricando, formando, portanto, um arquivo, que contém mais do que documentos prontos, acabados e finalizados, mas que possuem suas relações e se convergem num discurso da Igreja Internacional da Graça de Deus. Os enunciados que puderam ser ditos de acordo com a 'lei vigente', de acordo com as condições de produção e com as várias descontinuidades e formações dos próprios enunciados, dão origem ao arquivo.

Não se pode deixar de entrar no terreno da polifonia quando se fala em Análise de Discurso. Segundo Bakhtin (1992, apud Barros 1997, p. 30), a alteridade define o ser humano, e a vida é, portanto, dialógica. Com isso o autor entra no universo da linguagem, buscando explicar as concepções dialógicas, ingressando no campo de estudos que trata sobre a interação verbal entre sujeitos e sobre a intersubjetividade. Além do estudo do diálogo entre interlocutores, o autor falou de diálogo entre discursos.

Bakhtin [...] considera o dialogismo o princípio constitutivo da linguagem e a condição do sentido do discurso. Insisto no fato de que o discurso não é individual, nas duas acepções de dialogismo mencionadas: não é individual porque se constrói entre pelo menos dois interlocutores que, por sua vez, são seres sociais; não é individual porque se constrói como um "diálogo entre discursos", ou seja, porque mantém relações com outros discursos. Conciliam-se, assim, nos escritos de Bakhtin, as abordagens do texto ditas "externas" e "internas" e recupera-se, no texto, seu estatuto pleno de objeto linguístico-discursivo, social e histórico. O autor critica as análises parciais tanto do "ideologismo estreito", quanto do "formalismo limitado". (TODOROV, 1981 apud BARROS 1997, p.33)

Citando os autores Bakhtin e Volochinov (1977), no que tange ao dialogismo, Charadeau e Maingueneau (2004) escreveram que em todos os caminhos que levam a seu objeto, todo o discurso vai estabelecer uma relação com outro discurso quando se encontram, interagindo de maneira intensa e viva. Eles ainda mencionam o adão mítico, dizendo que, diante de um universo ainda não explorado e sem efetivar relação com outrem, só ele poderia evitar as reorientações recíprocas entre discursos de outros. Pertinente voltar em Barros (1997), que diz que são necessárias as observações da relação do discurso com a enunciação, com o que Bakhtin chama de "outro", e, logicamente, com o contexto histórico, que são,

segundo o autor, relações entre discursos-enunciados. Segue mais um esclarecimento que, ao todo, perfazem três.

O segundo esclarecimento é o de que o dialogismo tal como foi acima concebido define o texto como um “tecido de muitas vozes”, ou de muitos textos ou discursos, que se entrecruzam, se completam, respondem umas às outras ou polemizam entre si no interior do texto; a terceira e última observação é sobre o caráter ideológico dos discursos assim definidos. Bakhtin (1992, apud Barros 1997, p. 34)

Com isso, Bakhtin, ao caminhar pelos terrenos da língua, diz que a linguagem é, pela sua própria constituição, dialógica. Ele não trata a língua como objetiva e isenta, mas analisa que nela existem contradições, e um espaço que passeiam as relações dialógicas do discurso, em contextos históricos. Segundo ele, a linguagem é dialógica, independentemente se for olhada sob o ponto de vista da língua ou sob o ponto de vista do discurso. Charaudeau e Maingueneau (2004) ainda falam que a palavra diálogo não se esgota na definição de uma comunicação em voz alta, sendo realizadas por pessoas que estão vendo umas às outras, mas, esse termo, corresponde a toda comunicação humana.

E toda enunciação, por mais significativa e completa que seja por si mesma, constitui apenas uma fração de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta (que toca a vida cotidiana, a literatura, o conhecimento, a política etc.). No entanto, essa comunicação verbal ininterrupta constitui, por sua vez, apenas um elemento da evolução ininterrupta de um grupo social dado. (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1977 apud CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 161).

Diante do dialogismo, existem as relações nas quais eles se inscrevem, que, conforme mesmo cita Charaudeau e Maingueneau (2004), são conceituados de *dialogismo interlocutivo* e *dialogismo interdiscursivo*. A relação que o enunciado mantém com os outros enunciados que foram produzidos, segundo os autores, anteriormente sobre o mesmo objeto, são tidos como inscritos nas relações interdiscursivas. Já o *dialogismo interlocutivo* é aquela relação que o enunciado mantém com os enunciados de compreensão-resposta, de destinatários que os antecipam, sejam virtuais ou reais. Existem também o *dialogismo mostrado* e o *dialogismo constitutivo*. Segundos os autores, segue a definição do *dialogismo mostrado*:

[...] dialogismo “mostrado”, isto é, a representação que um discurso dá, em si mesmo, de sua relação com o outro, do lugar que ele cria, explicitamente designando, na cadeia do enunciado, por meio de um conjunto de marcas linguísticas, pontos de heterogeneidade. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 162).

Já o *dialogismo constitutivo*, segundo os autores, se esconde ou se mascara atrás das palavras. Isso se dá com as construções sintáticas, das reformulações e também das reescritas não ditas dos discursos segundos. Outrossim, há o *dialogismo interacional* e o *dialogismo intertextual*, que são frutos de desdobramentos do dialogismo constitutivo. Quando se distingue determinados tipos de discursos submergidos há uma memória interdiscursiva midiática, temos o *dialogismo intertextual constitutivo*, sendo que, quando há as “interações imaginadas com um sobre-destinatário forçosamente presente no discurso interior de enunciadores e cuja presença deixa traços no discurso produzido”, ocorre o *dialogismo interacional constitutivo* (grifo nosso). Os autores, contudo, deixam claro que o termo dialogismo é aplicado e empregado como um simples substitutivo de dialogal, que por sua vez, pode ser entendido a partir do conceito do termo diálogo, que significa entrevista entre duas ou mais pessoas, mas que, mais profundamente, cabe a incorporação de que, em um discurso, há várias vozes enunciativas

Diante do dialogismo encontra-se o conceito de polifonia que, segundo Barros (2002), é usado como sinônimo por Bakhtin em seus estudos. Brandão (2002), ao falar de Saussure, que tratou a língua como um sistema monológico, diz que Bakhtin tem o conceito de palavra como plurivalente, sendo que, o dialogismo, diante desse ponto de vista, se torna uma condição constitutiva do sentido. É importante usar a citação de Brandão (2002), que referenciou Todorov (1981:148).

Não tomo consciência de mim mesmo senão através dos outros, é deles que eu recebo as palavras, as formas, a tonalidade que formam a primeira imagem de mim mesmo. Só me torno consciente de mim mesmo, revelando-me para o outro, através do outro e com a ajuda do outro.

Charaudeau e Maingueneau (2004) dizem que polifonia é um termo emprestado da música, que diz que o autor dos textos pode fazer com que se veiculem várias vozes ao longo do próprio texto tendo, por conseguinte, diversos pontos de vista. Barros (1997) distingue dialogismo e polifonia, afirmando que o dialogismo corresponde ao princípio dialógico constitutivo da linguagem e de todo o discurso. Já com relação à polifonia, a autora conceitua como sendo para definir

determinado tipo de texto, “aquele em que o dialogismo se deixa ver, aquele em que são percebidas muitas vozes, por oposição aos textos monofônicos, que, por sua vez, escondem os diálogos que os constituem” (BARROS, 1997, p. 35).

Trocando em miúdos, pode-se dizer que o diálogo é a condição da linguagem e do discurso, mas há textos polifônicos e monofônicos, conforme variem as estratégias discursivas empregadas. Nos textos polifônicos, os diálogos entre discursos mostram-se, deixam-se ver ou entrever; nos textos monofônicos eles se ocultam sob a aparência de um discurso único, de uma única voz. Monofonia e polifonia são, portanto, efeitos de sentido, decorrentes de procedimentos discursivos, de discursos por definição e constituição dialógicos. (BARROS, 1997, p. 35).

Os conceitos de polifonia e dialogismo podem ser aplicados no primeiro trecho da pregação de Soares. Recordemo-nos das palavras dele: “se o seu coração é mal, dentro dele habita o ódio, a maldade, a inveja, a malícia, o adultério, a fornicção, os maus pensamentos, você nunca conseguirá fazer a oração da fé”. Nota-se, portanto, o discurso moral na explanação de Soares. Importante citar Aranha e Martins (1986), que conceituaram a moral como um conjunto de regras que vão influenciar e determinar os comportamentos dos indivíduos nos grupos sociais. As autoras dizem que as aplicações de um universo da moral vão exigir que o homem tenha uma consciência crítica, que elas chamam de *consciência moral*.

É essa consciência que vai discernir o valor moral dos nossos atos. Percebemos, então, que o ato moral é constituído de dois aspectos: o normativo e o fatural. O *normativo* são as normas ou regras de ação e os imperativos que enunciam o “dever ser”. O *fatural* são os atos humanos enquanto se realizam efetivamente. Pertencem ao âmbito do normativo regras como: “Cumpra a sua obrigação de estudar”; “Não minta”; “Não mate”. O campo do fatural é a efetivação ou não da norma na experiência vivida. Esses dois pólos são distintos, mas, inseparáveis. A norma só tem sentido se orientada para a prática e a fatural só adquire contorno moral quando se refere à norma. Assim, o ato efetivo será moral ou imoral, conforme esteja de acordo ou não com a norma estabelecida. Por exemplo, diante da norma “Não minta”, o ato de mentir será considerado imoral.

Portanto, o que se nota é o dialogismo no discurso de Soares, já que ele usa elementos do discurso religioso e elementos do discurso social ao conduzir suas explanações. Convém lembrar-se das condições de produção de um discurso, em que são observados os contextos históricos e sociais, tendo em consideração a imagem de si e dos outros. Também é pertinente lembrar que o discurso só é possível, ou seja, o efeito de sentido só é possível a partir daquilo que se diz em

relação ao lugar social em que se diz e, para as pessoas a quem se diz. Esse dialogismo só foi possível através da formação discursiva, que determinou que as “repreensões” de Soares poderiam e deveriam ser ditas ao auditório. As críticas aos comportamentos imorais e mentirosos explanados por Soares só foram possíveis porque a sociedade brasileira tem uma consciência moral e repugna os hábitos criticados. Portanto, o pastor sabia que, ao censurar determinadas atitudes, os fiéis, inseridos no contexto histórico-social, iriam aceitar com mais facilidade o discurso. Pudemos ver o dialogismo nessa pregação porque a linguagem comportou mais de um discurso, com princípios dialógicos em questão, enquanto que a polifonia pode ser observada porque há mais de uma voz no texto. Em suma, a polifonia permite que esses diálogos apareçam, existindo, por conseguinte, uma fala sendo atravessada por outra fala. Mistura-se a fala do homem moral com a fala do homem religioso. Dessa maneira, a distinção entre texto polifônico e monofônico se dá porque, nos monofônicos, há a ‘camuflagem’ dos diálogos que os constituem.

Depois de fazer uma oração em conjunto com as pessoas que estavam diante dele, quando disse algumas palavras e pediu para os fiéis repetirem, o pastor pediu que eles fechassem os olhos e acompanhassem a sua oração. Na prece ele exaltou e enobreceu a Deus com palavras, pedindo com um tom eloquente a cura de bico de papagaio, artrite, osteoporose, coluna etc. Depois disso o pastor falou que iria usar o poder de Deus e, num tom contundente ordenou que os espíritos de doenças saíssem da coluna das pessoas. Logo após houve o pedido para que os fiéis com problemas se levantassem e se abajassem quatro vezes, dizendo que iria haver cura. Ao ver algumas pessoas sorrindo, ele pede que, as pessoas que tivessem recebido a benção erguessem a mão. Diante disso, ele engrandece a Deus porque alguns acenaram, indicando, portanto, que houve cura para a enfermidade. Depois disso o pastor faz uma oração não apenas para os que tinham problemas físicos, como os problemas relativos à coluna, mas qualquer tipo de infortúnio. Segue as palavras de Soares:

Agora eu vou orar pra todo mundo receber a benção pessoal. Não importa quem você seja, o mal que você tenha. Você viu Jesus operar, mas nada de acanhamento pessoal. Jesus vai fazer o milagre; ele merece no mínimo o seu louvor.

Antes de continuar a oração, o pastor cita um caso ocorrido em outra cidade, quando, segundo ele, uma menina que não enxergava de um olho foi curada, tendo

sua vista recuperada. Com isso, o pastor pergunta se os fiéis querem que ele faça a oração e, nesse caso, se observa função fática, procurando verificar se a mensagem está sendo transmitida e entendida através de um contato com o receptor. Depois Soares incentiva as pessoas a dizerem algumas palavras de agradecimento e petição a Deus, fala para que os fiéis fechem os olhos, curvem a cabeça e coloquem a mão sobre a enfermidade. Depois de mais uma oração em conjunto, o pastor diz que vai orar sozinho. Segue a oração de Soares:

Oh senhor Deus, tu és magnífico: tu criaste os céus e a terra, com o teu grande poder; e do nada. Nada te é difícil e eu te peço pai amado, desça com teu poder sobre essas vidas. Venha aqui e agora curar essas pessoas. Curar essas pessoas que tem problema na mente: esquecimento, amnésia, loucura, mal, ó Deus de qualquer ordem; mal de Parkinson. Oh meu Deus cura agora; cura esses ouvidos barulhentos, surdos, esses olhos defeituosos ou cegos, o nariz que não sente o cheiro, a boca que não tem o paladar, a língua e a garganta que estão sempre infeccionadas, a tiróide que tem um caroço ou um temor. Cura ó Deus, qualquer órgão agora. Deus, toca nas irmãs lá nos ovários, nas trompas, no útero. Meu Deus: toca nos irmãos agora na próstata; toca meu Deus nas pernas, nos braços, nos rins, na bexiga, no pâncreas. Jesus, eu estou pedindo milagre para essa pessoa. Agora eu vou usar o poder que tu tens me dado e isso, senhor, para a tua glória. Em o nome de Jesus Cristo eu amarro toda a ação do diabo na vida dessa pessoa e eu digo: espírito da doença, da enfermidade, onde você estiver agora, saia desta pessoa. Vai embora agora. Sai toda dor, sai toda doença, sai todo mal. Em nome de Jesus vai embora caroço, vai embora hérnia, vai embora dor, cegueira, surdez, paralisia, câncer, AIDS, leucemia e qualquer tipo de alergia. Em nome de Jesus sai! Levanta uma mão aos céus e diga: eu recebo senhor, a minha bênção.

Depois disso ele pediu para que as pessoas que tivessem sido curadas levantassem as mãos. Depois de dizer que muitas pessoas foram curadas, ele agradece a Deus. Logo após Soares diz que vai fazer um desafio e pede que as pessoas que tinham bursite e/ou que tinham sofrido ou passado por acidente, que colocassem a mão no local da enfermidade porque iriam sarar. Mais uma vez ele pede o retorno do auditório para saber se está havendo curas. Depois disso, mais uma vez ele ousa, e diz que os que estavam de bengala, muleta e cadeira de rodas, saíssem andando. Dizendo que o poder de Deus estava operando, ele diz que obras iriam acontecer. Mais uma vez ele pede o retorno das pessoas, pra saber se está ocorrendo obras. Isso foi feito várias vezes. Ele pede para que os que estavam com problemas de surdez levantassem a mão para saber se Deus tinha feito a obra. É

possível saber que algumas pessoas levantaram a mão, porque ele agradece mais uma vez a Deus. Ele continua a pregação:

Você vai por a mão na cabeça agora. Vira o rosto para a direção da sua casa. Onde é a sua casa? Agora é sério pessoal. É batalha espiritual. Irmão, o diabo pode estar destruindo seu casamento, destruindo sua finança, destruindo a saúde de alguém, matando alguém, no vício da droga, da bebida, da prostituição. Você vai orar pra ele agora. Feche os olhos e diga assim: meu Deus envia o teu anjo na minha casa, nos meus caminhos, e amarra todo demônio que perturba minha família. Agora fica quietinho. Pela fé você vai ver o anjo entrar na sua casa. Não abra os olhos; você fica em sintonia com os céus agora, ponha a mão na cabeça; e você em casa mesma coisa. Senhor nós pedimos agora: envia um anjo com a espada na mão, espada de fogo, Deus. Vassoura de fogo. E que esse anjo agora vá à direção do rosto dessa pessoa. Ela quer vê-lo entrar em casa agora, com os olhos da fé. E que ele desmanche toda a bruxaria, feitiçaria, magia negra; que ele desmanche agora toda inveja, todo olho grande, todo o mal que colocaram nessa família. Meu Deus, nós queremos uma limpeza completa, agora, em nome do Senhor Jesus de Nazaré.

Depois de aplausos termina a mensagem e começa um hino de louvor a Deus. Como foi possível notar, esses trechos demonstram o caráter emocional da pregação de Soares, voltada para a cura e a solução de diversos tipos de problemas. Com a exortação do pastor é possível notar que todos os problemas podem ser resolvidos, todos podem ser sanados em nome de Deus e todos derivam de sofrimentos que, na sua maioria, são advindos do diabo. Importante contextualizar com a abordagem de Oro (1996), que diz que a carga ideológica do discurso dos pentecostais é grande.

O discurso dos pregadores pentecostais, mais do que o de outro segmento religioso, é fortemente carregado de sentido ideológico, na medida em que sabem identificar os problemas e as angústias das pessoas, mas propõem, sistematicamente, uma explicação transcendental para sua origem, em especial uma demonização dos problemas sociais. (ORO, 1996, p. 52).

Portanto, é visível nos últimos trechos aqui expostos que o pastor dá ênfase à questão da guerra espiritual, citada, inclusive, por ele. Soares oferece ao fiel bênçãos e curas, independentemente de preconceitos e objeções, levando a palavra e os benefícios a qualquer tipo de pessoa. Ele estabelece uma guerra entre Deus e o diabo, entre o bem e o mal, entre a pureza e o pecado, mostrando um caminho de vitória que só será possível se o fiel aceitar a Cristo. Apesar de Oro (1996) falar dos pentecostais, já foi explicado nesse trabalho o

desenvolvimento do pentecostalismo até chegar ao neopentecostalismo que, entre vários aspectos, se caracteriza por ter uma ideologia, uma saliência no âmbito da emoção e uma postura imediatista ainda mais acentuada do que os primeiros ideais protestantes. Os neopentecostais, tomando como referência, nesse trabalho, o líder Soares, faz uso de um discurso que proporciona ao seu humano o alcance de muitas melhorias, seja na vida pessoal, profissional ou espiritual. Olhando detalhadamente as palavras utilizadas e os bens oferecidos, é possível notar que nenhuma pessoa que está presente “escapa” da pregação, pelo fato dos problemas citados serem abrangentes, diversos e amplos. Ou seja: levando-se em consideração que os seres humanos possuem suas adversidades e infortúnios, nota-se que, ao usar todo seu conhecimento bíblico e liderança para oferecer os milagres, o pastor consegue se comunicar com todos. Em suma: ninguém poderá dizer que não tem pelo menos algum problema, nem que seja na família, e, por conseguinte, ao ouvir a pregação de Soares, pelo menos em algum momento, o fiel poderá ser ‘tocado’ pelo discurso.

Como mesmo dizem Charaudeau e Maingueneau (2004), o discurso possui várias características. Eles dizem que o discurso supõe uma organização transfrástica e que, esses mesmos discursos, estão submetidos a regras de organização que estão em vigor em determinadas comunidades, que são as dos múltiplos gêneros do discurso. Os autores complementam dizendo que essas regras recaem sobre o plano de um texto e sobre a dimensão do enunciado. Outro aspecto abordado por Charaudeau e Maingueneau (2004) é a questão de o discurso ser orientado, já que, o discurso não é pensado e estruturado a partir do propósito do locutor, mas esse mesmo discurso se desenvolve no tempo.

O discurso se constrói com efeito, em função de um fim, considera-se que vai chegar a alguma parte, mas ele pode desviar-se durante o percurso (digressões...), voltar à direção inicial, mudar de direção etc. Sua linearidade se manifesta frequentemente através de um jogo de antecipações (“veremos que...”, “voltarei ao ponto...”), ou de retomadas (“ou melhor...”, “deveria ter dito...”); tudo isso constitui um verdadeiro “painel de controle” da fala para o locutor. Mas esse guiamento se efetua em condições muito diferentes segundo o enunciado seja produzido por um só enunciador que o controla de ponta a ponta (enunciado monológico, por exemplo, em um livro), ou possa ser interrompido ou desviado a qualquer momento pelo interlocutor (enunciado dialógico). (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 170).

Além dessa característica, é pertinente citar o discurso como forma de ação.

A problemática dos atos de linguagem, desenvolvida por filósofos como Austin (1962) e depois Searle (1969), difundiu maciçamente a ideia de que toda enunciação constitui um ato (prometer, sugerir, afirmar, interrogar...) visando a modificar uma situação. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 170).

Outra peculiaridade do discurso é o fato de ele ser interativo, sendo que, a conversação é a grande evidência desse conceito, mas, os autores frisam que nem todos os discursos derivam da conversação. Esse caso se encaixa nas pregações analisadas, que, mesmo sem uma interação oral, provocam uma interação constitutiva, pois, segundo os autores, supõe a presença de uma outra instância de comunicação. Essa enunciação é a que o locutor se dirige e constrói o seu próprio discurso.

Outrossim, o discurso é contextualizado e, conforme mesmo afirmam Charaudeau e Maingueneau (2004), não existe discurso sem o seu contexto. Outro aspecto importante abordado pelos autores é que todo o discurso é regido por normas, que são as normas sociais em gerais, mas, além dessas normas, existem as específicas das leis do discurso, como, por exemplo, a do ato de linguagem, que comporta em si mesmo em normas particulares.

Um ato aparentemente tão simples como a pergunta implica que o locutor ignora a resposta, que essa resposta tem algum interesse para ele, que ele acredita que seu destinatário pode dá-la... Mais fundamentalmente, nenhum ato de enunciação pode ocorrer sem justificar, de uma maneira ou outra, seu direito de apresentar-se tal como apresenta. Sua inscrição nos gêneros de discurso contribui de maneira essencial para esse trabalho de legitimação que é indissociável do exercício da fala. (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 172).

Fechando a questão dos aspectos do discurso, é extremamente pertinente salientar o conceito de que o discurso é assumido em um interdiscurso. Os autores dizem que, todo o discurso adquire sentido no interior de um universo de outros discursos, que torna possível, portanto, abrir um caminho nessa relação. “O próprio fato de situar um discurso em um gênero (a conferência, o jornal televisado...) implica que ele é colocado em relação ao conjunto ilimitado de outros” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 172). Dessa maneira, é possível enxergar no discurso de Soares as regras de organização que estão em voga na sociedade, já que ele tem um enfoque que não abusa e nem viola as normas peremptórias, sejam elas qual for. Soares orienta o discurso com base no tempo atual, no espírito da época e no perfil do seu auditório, além de implicar em uma

forma de ação, já que “sugere, promete e afirma”, adentrando na característica de discurso orientado, como mesmo conceituou Charaudeau e Maingueneau (2004). Outrossim, a interação constitutiva existe na pregação do pastor, já que ele dirige e constrói o próprio discurso supondo a instância de comunicação e tendo toda a relação com a enunciação, que é o conjunto de signos presentes na abordagem. Esses signos só são possíveis pelo mundo, pela linguagem, pela ideologia, ou seja, pelas condições históricas. Ademais, como todo o discurso, o de Soares também tem o seu contexto, que, portanto, engloba mais do que a linguagem, vai além das características semânticas e chega às bases de produção, que se devem aos fatores sociais envolvidos. O fato de o discurso ser regido por normas é algo que diz respeito não apenas às normas sociais, mas também às normas de linguagem. Todas as funções e características da linguagem, bem como a sua inscrição nos gêneros de discurso, segundo Charaudeau e Maingueneau (2004), vão contribuir para o trabalho de legitimação, como no caso de Soares, já que, pelo exercício da fala, suas perguntas e colocações vão conduzir o auditório a um fim específico através da ideologia. Por último, é interessante falar do discurso assumido em um interdiscurso na pregação do pastor que, ao fazer suas argumentações, faz analogias e semelhanças com outras situações e contextos, como no caso histórico e no discurso moral. O pastor permite que eles se ‘conversem’, se processem e se relacionem, inserindo-os em um universo imbricado de ideologias, contextos e vínculos sociais, gerando, por conseguinte, o discurso neopentecostal.

4. NEPENTECOSTALISMO X CATOLICISMO

Analisando as duas pregações, foi possível identificar que há elementos díspares na maneira como os dois líderes religiosos conduzem o discurso e anunciam o que chamam de reino de Deus. É importante mencionar que Fábio de Melo e R. R. Soares interagem de maneira similar no que diz respeito às comunidades, já que os dois estão inseridos na mesma sociedade. Dessa maneira, é possível verificar que, em determinado aspecto, a formação social, que é caracterizada por “um estado determinado de relações entre as classes que compõem uma comunidade em um determinado momento da história” (BRANDÃO, 2002, p. 90), é a mesma. As pessoas que fazem parte do auditório do padre e do pastor são participantes de um mesmo estado de espírito cultural, situados em uma mesma conjuntura histórica e econômica. Porém, a diferença começa a aparecer no que diz respeito às condições de produção do discurso, já que, para que haja o efeito de sentido construído no processo de interlocução que caracteriza o discurso, não são analisadas apenas a língua, as características semânticas e nem os contextos históricos e sociais. Outros fatores que são levados em consideração na produção do discurso podem ser resumidos sobre o que se está dizendo e onde se está dizendo. Outrossim, o discurso ocorre porque existe uma relação com outros discursos e, além disso, é preciso se basear também no posicionamento de quem está dizendo, qual a ideologia inserida no contexto e qual a significação do que não se está dizendo. Portanto, a diferença começa a residir nas dessemelhanças das formações discursivas, que, por sua vez, são possíveis de serem entendidas a partir da formação ideológica, já que as duas estão intimamente ligadas. A formação ideológica, levando-se em consideração que há um consenso de que a ideologia é um conjunto de representações e valores, que estabelece uma relação do indivíduo com sua existência, se refletindo nas suas ações através de aparelhos políticos e contextos, é possível identificar que a ideologia do padre é diferente da ideologia do pastor, já que eles representam instituições que têm suas políticas, linhas de interesse e ideologias próprias. Ou seja: apesar de se assemelharem na ideologia do Cristo, Fábio de Melo e Soares se diferenciam pelo fato de a ideologia católica e a ideologia neopentecostal se divergirem em determinados aspectos. O conjunto de ações e representações exteriorizado por Fábio de Melo é típico o de uma entidade

que há muito tempo se mantém no conservadorismo, anunciando o reino de Deus de uma maneira tradicional, explicativa. Portanto, o conjunto de enunciado da pregação do padre determinou o que poderia e deveria ser dito, não apenas levando-se em consideração o fator social e histórico brasileiro, mas sim o fator ideológico no que diz respeito à Igreja Católica. Esse fator ideológico corresponde à uma entendimento católico, à uma postura institucional, à uma política doutrinária e a uma gama variada de compreensões acerca dos textos bíblicos. É importante recordar que o desenvolvimento histórico do catolicismo ocorreu de maneira hegemônica, desde a época do Concílio de Nicéia, que permitiu a instituição da igreja Católica como religião oficial de Roma. Portanto, a Bíblia não foi enviada de fax pelo céu, mas foi fruto de uma escolha de livros que teve de ser feita a partir de princípios ideológicos. Com isso, o catolicismo desenvolveu uma 'leitura particular' das Escrituras Sagradas, que se reflete até hoje, já que, na pregação de Fábio de Melo, há o entendimento de que a mãe de Jesus é uma mulher digna de ser venerada e servida, enquanto que, para os evangélicos, que, diga-se de passagem, possui uma Bíblia diferente da *Igreja Católica*, entende que Maria é apenas a mãe de Jesus, uma mulher de respeito, mas que não usufruiu de poderes sobrenaturais.

Dessa maneira, a ideologia presente nas formações discursivas de Fábio de Melo é encontrada nos enunciados da sua pregação. De acordo com valores e compreensões próprias a partir da Bíblia, como o batismo, nossa senhora, rito litúrgico, vida cristã etc., há o surgimento das formações discursivas, marcados pelas regularidades da emissão de signos. A ideologia, a formação discursiva e o enunciado são refletidos nas palavras de Fábio de Melo, que apresenta uma vida cristã de construção e reflexão. Ele fala de atitudes, de comportamentos, de vida prática, aplicando os conceitos cristãos numa vida voltada à um projeto espiritual, ou seja, estimulando os fiéis a atuarem na sociedade como sujeitos espirituais, incentivando na sua pregação as pessoas a terem uma vida pessoal mais digna, a trabalharem para uma família melhor e ajudarem as comunidades a formarem uma sociedade com mais justiça, compreensão, caridade e espiritualidade. Suas palavras são em tom crítico aos comportamentos da sociedade contemporânea e à cultura vigente, empregando o discurso moral como alicerce para organizar seus argumentos, fazendo com que as suas ideias e os preceitos da *igreja Católica* sejam aceitos com mais facilidade. Do lado neopentecostal com a abordagem de Soares, há o mesmo uso do discurso moral para 'agregar valor' às suas palavras, para que,

através do dialogismo e da contribuição da polifonia, o auditório também aceita com mais facilidade as suas palavras, dando um caráter legítimo à pregação. Importante ressaltar que o pastor dá uma ênfase maior às curas e libertações, demonizando comportamentos e ações que não condizem com as regras morais. É pertinente mencionar que, ao ofertar bens espirituais, Soares não estabelece prazos e nem exige mudanças radicais na forma de viver das pessoas que estão ali. Dessa maneira, aparecem as características do discurso neopentecostal, que tem uma aplicação da Bíblia na comunidade diferente do catolicismo e do pentecostalismo. Essa diferença se reflete na abordagem mais liberal de Soares, e no estabelecimento de uma guerra espiritual. É bem verdade que o pastor destila vários ensinamentos a respeito de como os fiéis devem tomar cuidado com as palavras, contextualizando com os ensinamentos de Jesus Cristo. Também é fato que o pastor fez repreensões severas a respeito de determinados hábitos, rechaçando práticas e inclinações que aludem à prostituição, adultério, malícia, ódio, inveja, malícia etc. Todavia, depois de muitas críticas e exortações rígidas, o pastor oferece aos que ali estão a saída para aqueles problemas, mostrando um futuro de benção, a começar daquele momento, apenas se houver crença e uma oração espiritual. Com isso, ficou perceptível que a 'atmosfera' espiritual é bem mais nítida no discurso neopentecostal, porque Soares vincula todas as formas de opressão, males e doenças a ações malignas. Nos dois discursos, tanto católico quanto neopentecostal, há uma crítica à sociedade atual e um estímulo para que os membros rejeitem os comportamentos contemporâneos. Todavia, para os participantes do culto de Soares há uma saída. E uma saída imediata. Essa solução ocorre porque o líder que preside o culto se coloca como uma pessoa com poderes espirituais, transmitindo a imagem de que tem uma relação com Deus capaz de abençoar, de 'conseguir' trazer para aquelas pessoas felicidade e realização. Nessa questão é possível aferir que o uso da retórica sempre vai existir, independentemente se for feito um discurso com Fábio de Melo ou Soares. Ethos, logos e pathos são características presentes nas duas pregações, já que a retórica nada mais é do que a ciência teórica aplicada ao exercício público da fala, com a intenção de orientar uma ação (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004). Com isso, é impossível existir um discurso sem características da retórica, porém, há uma diferença no uso pelos representantes das duas 'correntes religiosas'. Pelo fato do discurso católico ser mais erudito, visando a reflexão e construção de argumentos, o

logos é uma característica indissociável de Fábio de Melo. Para difundir os ideais espirituais, o padre baseia sua explanação em fatos contemporâneos, além de adentrar em um contexto histórico e biológico da mulher, procurando convencer através da lógica da sua narrativa. Soares também busca esse tipo de convencimento, porém, a imagem que ele faz de si mesmo, com ethos, é tão forte, que leva em consideração que a sua construção de argumentos baseadas em fontes e atributos históricos é menor. O padre também faz uso de ethos, já que ele sempre revela a imagem que quer projetar de si, porém, nesse quesito, quem aproveita mais esse atributo é mesmo o pregador neopentecostal, que consegue agradar as pessoas ao colocar à disposição bens espirituais (que se traduzirão em bens materiais), enfatizando em vários momentos que está num patamar de santidade e espiritualidade que trarão benefícios a todos que ali estão.

Os dois fazem uso do enunciado *factual*, que diz respeito à um fato acessível pelos sentidos, ao argumento *de direito*, em que o enunciado é objeto de um consenso geral em uma comunidade, por *simples constatação*, já que tem fatos que, pela obviedade, não são contestados, e por uma série de argumentos baseada a partir do conceito de *convenção* (grifo nosso), ou seja, quando o enunciado é objeto de um acordo explícito entre os contendores. É evidente que a característica do discurso religioso privilegia o uso desses tipos de argumentos, já que, para realizar o discurso, é necessário saber para quem se está falando, onde se está falando, o que se deve falar e outros aspectos já descritos. Por conseguinte, de posse da realidade sócio-histórica e das tendências culturais atuais, os representantes precisam ter a consciência de que, o discurso proferido estará de acordo com a sociedade. As metáforas são usadas por ambos, na construção do discurso, sendo que ela permite um efeito manipulador bastante eficiente. A homilia de Fábio de Melo tem forte apelo argumentativo e a forma como essa analogia é condensada favorece a aceitação Soares explorou um pouco menos a força persuasiva da metáfora. Fábio de Melo faz do logos uma ferramenta importante na construção do discurso, enquanto que Soares explora mais outros fatores, dando forte ênfase à emoção, característica chamada de pathos. A diferença reside, portanto, na estrutura e nas peculiaridades de cada tendência religiosa

O discurso religioso, que na ideologia religiosa cristã tem um discurso fictício, existindo através de uma prática através e sob uma ideologia, sendo que essa ideologia é através do sujeito e para sujeitos, são observados nas duas pregações,

tanto no discurso de Fábio de Melo como no discurso de Soares. Isso acontece porque Deus é o Sujeito principal e, os sujeitos, os homens, precisam se reconhecer do que são na verdade, se portando de acordo. Com isso, haverá a manutenção da situação. Dessa maneira, o Sujeito (Deus), ordena, interpela, condena e salva, enquanto que os sujeitos (homens), respondem e pedem desculpa. Tanto no discurso de Fábio de Melo como o discurso de Soares, há a subsunção da voz de Deus, estabelecida através da relação simbólica, sendo que, há um desnivelamento fundamental entre locutor ouvinte, porque o primeiro é do plano espiritual e o segundo do plano temporal. Dessa assimetria, que implica na desigualdade das dualidades entre vida/morte, imortalidade/mortalidade, surge a saída, que é a necessidade para a salvação através da fé. Outrossim, existe nos dois discursos a diferença no que diz respeito ao sentido, porquanto o sentido é relativo, não existe em si. Ele é marcado por um processo histórico e por um ambiente social que estão imbricados, e as palavras vão encontrar o sentido de acordo com a ideologia empregada. Portanto, o sentido das palavras de Fábio de Melo e de Soares adquirem contornos dessemelhantes, sendo que, servir a Deus tem um significado diferente para um participante do culto neopentecostal dirigido por Soares e para um participante de uma missa católica presidida por Fábio de Melo. A maneira de servir a Deus pregada pelo padre implica em um projeto de vida diferente. Ou seja: a guerra espiritual e a ênfase na prosperidade, características nítidas do discurso neopentecostal geram uma diferença na maneira como o fiel vive. Servir a Deus para o católico representa uma vida de construção, de contribuição à comunidade, de estruturação da família e de erigir um mundo mais condescendente. No discurso neopentecostal de Soares, é evidente que, implicitamente, há à crítica à sociedade atual, aos comportamentos imorais, que desencadeiam vários problemas também mencionados por Fábio de Melo, e que, veladamente, têm a finalidade de incentivar os mesmos tipos de comportamentos. Entretanto, a vida com Cristo, de acordo com Soares, é uma vida de mais benção, de mais usufruto financeiro, de ganho emocional e de bem-estar físico. Em suma: o sentido das palavras é díspar porque as posições, tanto do padre quanto do pastor, se inscrevem em posições ideológicas que não se assemelham.

O assujeitamento ideológico ocorre nas duas pregações, mas tem efeitos diferentes na maneira como os fieis interpretam. Tanto o padre como o pastor levam o auditório a ocupar um lugar, promovendo uma identidade, porém, cada pessoa,

em determinado contexto e posição, vai assumir uma postura diferente. Ou seja: o assujeitamento ideológico ocorrido com fiel, que sem a consciência de que está sendo levado a se posicionar numa determinada situação, mas tendo a impressão de que está no comando, faz com que sejam geradas ideologias e condições diferentes. Dentro dos 'espaços católicos', a pessoa vai sair com uma interpretação da realidade diferente de quem participa atos litúrgicos neopentecostais, levando-se em consideração a pregação de Soares.

O membro da Igreja Católica e o membro da igreja Internacional da Graça de Deus sairão do templo com a 'missão' de agir ideologicamente em determinadas posições, a ocuparem um espaço social e, além disso, terão a certeza de que estão no domínio da situação. Esses domínios podem ser diferentes se ponderarmos que, no âmbito neopentecostal, Deus pode dispensar um poder especial ao membro, porquanto, segundo Soares, se as pessoas que estão presentes no culto fizerem a oração da fé, terão condição de mandarem o câncer embora, de impedirem o desastre e a destruição do lar. Em suma, o fiel é manipulado para que venha a tomar uma posição com autoridade espiritual, contribuindo para a mitigação de problemas físicos, emocionais e familiares. No discurso católico, há um grande incentivo ao fiel para que ele ocupe esse espaço, mas é mais voltado ao âmbito social, já que, a proposta de Fábio de Melo é que, as pessoas que estão ali, em especial às mulheres, possam reconhecer a sacralidade que são, descobrindo um novo jeito de ser mãe, de ser gente, de cuidar do ventre, de cuidar do corpo, a serem mulheres artesanais na construção da humanidade. Ou seja: a ideologia presente na explanação de Fábio de Melo é diferente porque trata de outro conjunto de valores, de crenças. O padre cria representações para que as pessoas que estejam ali se mobilizem para determinados fins, que se resumem em um trabalho espiritual para um mundo mais digno. O posicionamento de ambos os pregadores também são díspares, porquanto, conforme tratado nesse trabalho, há uma desarmonia muito grande no que tange à interpretação e explanação da vida cristã por parte das duas instituições. Importante recordar que o posicionamento não diz respeito apenas aos conteúdos, mas configura diversas dimensões do discurso, se exteriorizando nas escolhas feitas a partir dos gêneros de discurso e se refletindo na maneira de fazer citações (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004). Portanto, o posicionamento de Soares tem uma relação com a própria identidade do universo neopentecostal, com o uso de palavras e de ferramentas que configuram a realidade

dos novos evangélicos no mundo contemporâneo. Ao falar que é um profeta de Deus, que pode fazer orações que tragam grandes libertações, estabelecendo uma guerra espiritual com forte uso do apelo emocional, Soares se posiciona como um pastor de poder, que está em uma Igreja que possui a identidade de uma fé promissora, de uma relação palpável com Deus e de um neopentecostalismo que atende aos anseios da sociedade moderna. Ele cita problemas como a miséria pretendendo atingir os menos desfavorecidos. O pastor fala que o inimigo (ou seja: o diabo) faz com que a pessoa coma o pão mofado, mendigue e cate a última moeda, sendo que, se o fiel aceitar a pregação, Deus dará paz, realização e benção. Dessa maneira se vê o discurso sendo orientado de acordo com o propósito do locutor, que é Soares, para atrair pessoas de baixo nível social.

Oro (1996) disse que uma das características do neopentecostalismo é a estruturação segundo o modelo empresarial. Dentro desse modelo é possível mencionar algumas peculiaridades mencionadas pelo autor, como, por exemplo, o fato de as igrejas terem organização administrativa hierárquica, colocar no mercado bens simbólicos para serem comercializados, lidar com questões financeiras e terem o anseio de aumentar ainda mais o patrimônio. Essa lógica existe na *Igreja Internacional da Graça de Deus* porque, a própria análise feita só foi possível através da aquisição de um CD do pastor R. R. Soares em um templo da igreja *Internacional da Graça de Deus*, em Marília, interior de São Paulo.

O dialogismo não poderia deixar de ser notado nas duas pregações, já que o diálogo é a condição de diálogo da linguagem e do discurso, e, pelo fato do texto ser polifônico (que, conforme já conceituado, permite que esses diálogos se mostrem), houve uma relação entre enunciados de formações discursivas diferentes. O dialogismo da homilia de Fábio de Melo foi tecido a partir de dados históricos, de processos biológicos da mulher e do discurso moral, exposto por meio de uma competência semântica. Essa competência faz com que o locutor tenha o cuidado e o preparo de construir argumentos, levando-se em consideração as formas verbais que recorrem aos saberes e crenças que circulam na sociedade. Soares também não escapou do dialogismo, já que toda fala é entremeada por outra fala e todo discurso é composto por outro discurso. Ele conjugou na sua explanação espiritual o discurso moral, para, com isso, fazer uso também da competência situacional, que faz com que o locutor leve em consideração a finalidade e a identidade dos

interlocutores. Cada qual com seu auditório, tanto Fábio de Melo como Soares tiveram de se adequar às condições sociais e históricas.

Nos resultados obtidos com a análise, é possível explicar o sucesso do discurso neopentecostal através do conceito de arquivo, de Foucault, conforme já abordado nesse trabalho. O surgimento do neopentecostalismo foi possível por meio de uma conjuntura, de uma série de transformações. Portanto, não é possível caracterizar o arquivo que possibilitou o aparecimento de uma nova corrente cristã a partir de uma instituição, um fato isolado e nem como um conjunto de textos que uma sociedade guardou nos mais recônditos cofres. O arquivo ocorre pelas várias relações que vão definir o nível discursivo, sendo conceituado como a lei do que deve ser dito e a formação que vai caracterizar o sistema dos enunciados. Portanto, o conjunto de enunciados desenha qual arquivo que está 'em voga' num determinado período. Ou seja: as diversas discontinuidades, as coisas ditas e os enunciados, se agrupam em formações regulares de textos. Com isso é possível observar que a expansão protestante a partir da Reforma, que chegou ao Brasil nas primeiras décadas do século passado, ajudou a caracterizar o arquivo da época. Para entender esse arquivo é importante analisar esses resultados de acordo com o processo histórico.

O neopentecostalismo é originado a partir do pentecostalismo, que tem suas raízes nos movimentos da reforma protestante. Vários homens lutaram a favor desses ideais, todavia, Lutero e Calvino tiveram participações importantes por erigirem um monumento de crítica e contestação à hegemonia católica. Esse monumento encontrou terreno no Renascimento, na nova mentalidade da época, que propiciou que o crescimento fosse palpável. E, de acordo com os novos ideais dos cristãos, outra grande revolução atingiu a sociedade, numa mudança que vigora até hoje: o advento do capitalismo. De acordo com Max Weber, houve um vínculo dos ideais capitalistas com os ideais protestantes. Portanto, com a moral puritana e calvinista, que tem características como, a primazia do trabalho como virtude, a censura à preguiça, o investimento em trabalho para viver honestamente, o pagamento das dívidas e, dessa forma, a possibilidade de acumular mais dinheiro e ser um homem virtuoso, se encaixaram bem na nova lógica econômica. Dessa maneira, a ética burguesa do trabalho e a figura do trabalhador inserido no capitalismo permitiram a expansão de uma mentalidade que se convergiu e beneficiou a lógica do crescimento, do lucro, da ascensão (CHAUÍ, 2006). O

neopentecostalismo, mesmo concebido depois de séculos desses fatos, foi fecundado numa ordem econômica e numa sociedade que está cada vez mais propensa a liberdades, desenvolvimentos e independências. A característica cultural foi o terreno onde cresceu a teologia da prosperidade, peculiaridade da corrente neopentecostal. O século passado se caracterizou por grandes mudanças com o processo de redemocratização política, em um contexto de amplas modificações no processo econômico, gerando uma cultura consumista, com novos anélitos e expectativas. O discurso neopentecostal se define pelo uso massivo dos meios de comunicação, que, por sua vez, atuam de maneira expressiva na sociedade brasileira a partir das décadas de 1960, 1970. O movimento da Teologia da Prosperidade tornou-se evidente também a partir de década de 1970. Portanto, o homem que vivenciou o início do século passado, nas duas primeiras décadas em que o pentecostalismo chegou no Brasil e iniciou o seu desenvolvimento, não usufruía dos meios de comunicação e a situação política e social era mais repressiva e fechada. A conjuntura econômica ainda estava por amadurecer e a cultura das pessoas não tinha como escopo principal da vida os ideais hedonistas e consumistas, típico do capitalismo, que, por sua vez, tem a contribuição efetiva do seu braço direito, chamada publicidade. Essa lógica do consumo teve sua adesão efetiva no Brasil a partir dos meios de comunicação, que dissemina a ideologia capitalista aos mais distantes rincões do país. Ou seja: o movimento pentecostal para outro tipo de homem, em uma sociedade que tinha características diferentes das de hoje. Os neopentecostais estão anunciando o reino de Deus para um homem inserido em uma lógica de consumo, de rivalidade, de busca por crescimento financeiro e por uma satisfação imediatista. Dessa forma, a ideologia de Soares tem uma similaridade com a cultura atual, o que possibilita esse crescimento constante. O discurso neopentecostal tem em sua propriedade a benção e a cura fáceis, o uso da emoção, o contexto financeiro, a marca de seus líderes fortes, a flexibilidade doutrinária e o uso dos meios de comunicação que, se fossem ditos e utilizados em um cenário sócio-cultural diferente, provavelmente não teria o mesmo impacto. Portanto, o discurso católico não privilegia o usufruto dos bens materiais de maneira acessível e facilitada, mas tem um discurso transformador, no sentido de buscar a conscientização e reflexão de uma sociedade que, na verdade, está cada vez menos reflexiva. Fábio de Melo fala de “ser assunto aos céus”, de “religião que transforma”, de “galgar os degraus da dignidade humana”, de “elevação da mulher”, “destinos da

humanidade”, enquanto que Soares realiza nos seus cultos um espetáculo de cura e um show de espiritualidade. O pastor promove nas suas pregações uma atmosfera de libertação e de emoção, oferecendo às pessoas as soluções que elas precisam para os problemas mais variados. Seja no âmbito emocional, financeiro ou espiritual, os participantes do culto presidido por Soares puderam desfrutar de uma possibilidade de mudarem de vida facilmente. Para os novos pentecostais, há uma saliência do discurso na posse dos bens materiais e não na privação, sendo que se você tiver relação com Deus, você escapa da pobreza, que é fruto das obras do demônio. (SIEPIERSKI, 2001).

Dessa maneira, o que se vê é a lógica do bem-estar, numa sociedade que privilegia a alegria e o conforto. Na sociedade contemporânea se diz muito a respeito do crescimento, da abundância, tendo a busca pela felicidade sem hesitações, tendo o máximo de satisfação com o consumo de determinados produtos e objetos, consumo esse que serve de base ao sistema cultural e que equilibra as relações sociais (BAUDRILLARD, 1995). Portanto, o discurso neopentecostal de Soares ecoa nas comunidades porque mantém ideais de felicidade e de consumo a curto-prazo, enquanto que os ideais católicos são baseados em profissão de fé que corresponda à construção de uma vida espiritual.

Ou seja, a lógica consumista, aliada às regularidades de enunciados que tiveram suas relações formadas com o desenvolvimento do discurso pentecostal, até se agruparem em figuras distintas, brotando, assim, o discurso neopentecostal, possibilitaram o conjunto de enunciados da época. Esse conjunto foi formado e composto com a lógica do consumo, com os enunciados dos meios de comunicação, com os enunciados do campo social, que, por sua vez, permitiram a flexibilização das normas e das regras. Dessa maneira, essas regras se agruparam com as formações ideológicas neopentecostais que, por sua vez, ocorreram porque se deram no âmbito do conjunto de valores e representações que cresceram diante do processo histórico brasileiro, formatando a sociedade de uma forma diferente. Ou seja: os resultados que esse trabalho chega é que, a *Igreja Católica*, através do discurso de Fábio de Melo, um nome conhecido no meio religioso e de grande popularidade, traz às comunidades contemporâneas uma forma de servir a Deus que tinha grande aceitação em tempos antigos. Mas, com o processo de mudança e de transformação sócio-cultural, esse discurso católico, fundamentado em reflexões e construção de uma vida digna e de conhecimento, é oposto ao dos

neopentecostais, que oferece uma vida digna também, mas com experiências palpáveis e imediatas, com uma flexibilidade que é característica própria da cultura brasileira, com a proposta do crescimento financeiro própria da conjuntura econômica nacional, além de ter líderes fortes e apelo emocional. Os dados abaixo mostram que em 9 anos a igreja perdeu espaço, enquanto que os evangélicos cresceram.

Distribuição percentual da população residente, por religião – Brasil – 1991/2000

Religiões	1991 (%)	2000 (%)
Católica apostólica romana	83,0	73,6
Evangélicas	9,0	15,4
Espíritas	1,1	1,3
Umbanda e Candomblé	0,4	0,3
Outras religiosidades	1,4	1,8
Sem religião	4,7	7,4

Fonte: IBGE, Censos Demográficos 1991/2000.

Disponível em:

http://www.ibge.gov.br/7a12/conhecer_brasil/default.php?id_tema_menu=2&id_tema_submenu=5

Dessa maneira, o que se nota com esse trabalho é que o homem sempre buscou um refúgio espiritual, um Deus para resolver seus problemas, uma fonte de explicações para grandes causas da vida e para suprir o medo do futuro, da morte e da dor. Não obstante, a sociedade evoluiu, ganhou novos contornos sociais e adquiriu inéditos traços culturais, que, por sua vez, mudaram o homem. E, para atender às necessidades desse novo homem, é preciso oferecer a ele não mais um conjunto de regras. O discurso deve levar em consideração essa questão, já que ele vai além das características da língua e da semântica, chegando às suas condições de produção sociais e históricas. A *Igreja Católica* ainda traz o mesmo discurso de séculos atrás, enquanto que, os neopentecostais, oferecem mais do que um conjunto de normas, mas sim a oportunidade de atingirem novas barreiras, serem curados, superarem obstáculos, viverem bem e se sentirem realizados.

Essa Análise de Discurso levou em consideração fatores e condições de produção. Em nenhum momento foi feita apenas uma análise das palavras utilizadas, mas sempre foram abordadas as relações entre os locutores, os enunciados e o mundo, bem como as posições ideológicas e as formações discursivas. Com os diversos discursos foi possível ver que a linguagem, com suas propriedades semânticas e os seus contextos, carregam uma história, um ambiente, o espírito de uma civilização e a tendência de uma época, sendo que, as palavras do homem, sempre vão ser recheadas de posições ideológicas, os sentidos nunca serão totalmente verdadeiros e os discursos sempre vão ser relativos. Nunca será possível construir um enunciado puro, autêntico. As palavras utilizadas bem como o discurso proferido, mesmo, com toda a intenção de ser isento e neutro, por si só vai carregar uma ideologia: a ideologia da objetividade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi feito com a intenção de iniciar a busca de uma resposta, que, diante de tal complexidade, seria impossível obter no momento. Quando se fala em religião, se fala em história, em civilização, em cultura, em mito e no homem. Desde os primórdios houve crenças e valores, e, nunca foi possível uma adesão total. Portanto, chegar a uma resposta de qual seria a verdadeira forma de adorar a Deus nunca foi o escopo desse trabalho. O tema é amplo, complexo e necessita de um aprofundamento suntuoso, mas, de acordo com as limitações impostas pelo tempo de elaboração de uma monografia, refletimos sobre as transformações que a sociedade brasileira está passando.

Dessa maneira, é perceptível que a fé ocupa um espaço especial na vida do ser humano, mas a forma de se relacionar com os deuses muda conforme as civilizações. No início do desse trabalho foi feita uma menção à lenda de Pandora, que nos dias de hoje parece ser um absurdo, mas que na época influenciava pensamentos e formava crenças. Ou seja: é difícil aceitar a ideia de que ao abrir uma caixa por curiosidade, todos os males “fogem”, sendo que foi possível fechar a caixa a tempo de reter a esperança, para que assim nós, seres humanos, pudéssemos vencer os infortúnios da existência.

Todavia, passaram-se dois mil anos e as pessoas continuam acreditando num homem que foi concebido em uma virgem, que, além da natureza humana possuía uma natureza divina, que curou enfermos, devolveu a vista aos cegos, ressuscitou mortos, foi pregado numa cruz e morreu de braços abertos depois de perdoar um ladrão que fazia companhia ao seu lado. A questão não é inferiorizar as pessoas que creem na história, que têm a Bíblia como fonte da verdade e que vivem uma vida recatada diante de valores extremamente antigos. Diante dessa questão percebe-se o poder que a religião exerce sobre o homem, e como ele é capaz de transformar a realidade de muitas pessoas, formar comunidades, influenciar países e moldar sociedades.

Diante desse contexto, esse trabalho é importante pelo fato de não se tratar apenas de uma análise fria sobre duas instituições. A busca pela resposta não é banal e de pouco interesse. As duas pregações são apenas um recorte de muitas outras que seguem os mesmos princípios e exercem a mesma influência sobre as

peessoas. Portanto, o caminho percorrido para se chegar até esse trabalho não foi uma distância longa, já que, pela própria 'vocalização' de um TCC, o objetivo é dar um panorama com base em estudos de conceitos principais.

Houve dificuldades para encontrar dados atuais de recenseamento que pudessem apresentar minuciosamente o cenário neopentecostal e católico, mas, diante das pesquisas feitas anteriormente e inseridas nesse trabalho, é possível ter a corroboração da importância e da legitimidade do tema. Como já foi mencionado, o tempo para se realizar o trabalho foi curto e impossibilitou a maior profundidade do assunto. Analisar um discurso vai além de ter um senso crítico com uma fala, um discurso, um enunciado. Fazer uma leitura analítica com base nos conceitos faz parte de uma disciplina rigorosa, com métodos precisos e de uma responsabilidade profunda.

Diante disso, é preciso se manter o mais neutro possível, para não deixar que posições subjetivas venham a influir na maneira com que a análise se desenvolva. Ademais, para que se chegue a uma explicação profunda, deve-se conhecer a história, o espírito de uma época e as gêneses do discurso. É necessário se atentar para o lugar que se realiza o discurso, para quem se faz e a quem se destina. A importância de se realizar uma Análise de Discurso são os benefícios intelectuais que ela proporciona. Além do conhecimento acadêmico, há uma grande satisfação pessoal em melhorar o senso crítico, essencial para se levar na bagagem. Ao identificar características do discurso, passear pelos caminhos da linguagem e adentrar nos terrenos da história, são nítidos os degraus que um ser humano galga na evolução das ideias e dos pensamentos.

Considerando os conceitos analisados, ficou claro como é impossível um fato ser totalmente puro, ingênuo e original. Os homens entendem um fato de acordo com sua história e com sua cultura; uma entidade exorta e ensina conforme a sua ideologia e o seu compromisso; um líder age baseado em suas experiências e opiniões; e, diante de tudo isso, é importante se atentar para as palavras e as condições de produção de discursos para que o ser humano seja menos influenciado.

Fábio de Melo, com seus gostos, predileções e metas pessoais, faz parte de um conjunto de crenças e políticas organizacionais, que o situam e o inserem num ambiente religioso, e tem um discurso elaborado a partir de contextos históricos e sociais. Soares também está inserido em outra lógica, tecendo suas palavras com o

intuito de transmitir a mensagem cristã, mas de acordo com seus entendimentos bíblicos e pessoais. No trabalho ficou perceptível que a crença fez bem para muitos, mas que também trouxe más consequências a outros. Que o digam Galileu Galilei, Giordano Bruno e um grande número de pessoas que foram vítimas da Inquisição. Mas esse é apenas um recorte da realidade. Até hoje as chamas de Nero queimam muita gente, através de um processo que não tem como silenciar. Independentemente de quantos séculos se passaram, o que se nota é que a voz da intolerância religiosa tem o poder de transpassar gerações e, mais do que isso, serve de exemplo de que a religião tem suas benesses, todavia, se não for dosada, pode causar sérios danos.

O único capaz de evitar que a religião seja perniciosa é o homem, através da relação que tem com ela. Admitir a existência de um Deus e dedicar a atividades que tenham como escopo principal a espiritualidade é uma maneira salutar de viver. Ou seja, de acordo com o trabalho apresentado, é extremamente pertinente dizer que o respeito com os católicos e os neopentecostais deve haver sempre. Se um prega reflexão e o outro benção, se um propõe a construção de um mundo melhor e o outro tem uma postura mais imediatista, não importa. Essas diferenças não se constituem um motivo para querelas e inimizades. Cabe aos católicos e evangélicos terem a capacidade de viverem com as diferenças, em um mundo onde a ciência não anulou Deus, o racionalismo só fez cócegas nas crenças e a revolução tecnológica não foi capaz de extirpar a religião.

Padres e pastores estão separados por instituições, mas unidos pelo ideal cristão. As análises mostram quão díspares podem ser os pontos de vistas sobre Deus, mas a posição que tenho a respeito de cada forma doutrinária e de como viver espiritualmente não deve influir na maneira como me relaciono pacificamente com as pessoas. O neopentecostalismo é fruto de um processo, que tem sua fecundação na cultura, no sistema político, na conjuntura econômica e nos padrões sociais, e que se reflete no discurso. O catolicismo, através de Fábio de Melo segue as mesmas estruturas desde quando a sua concepção, atravessando séculos, tempos, povos e histórias com os mesmos ensinamentos, em uma fórmula que não está agradando.

Para fechar essas considerações finais, é interessante dizer que houve dificuldades na pesquisa porque o tema não é popular. Também houve dificuldade de interromper a pesquisa, porque o tema é imbricado com vários contextos

(religiosos, sociais e culturais), e em um TCC é impossível apresentar um apanhado profundo. Todavia, as dificuldades não representam nada perto da riqueza do assunto, o que implica em uma gama de fatos históricos e de conceitos que ainda serão pesquisados.

Os objetivos foram alcançados, já que foi possível iniciar a discussão de um tema contemporâneo e importante para as pessoas, que trata de uma fé que transforma e influi diretamente nas comunidades. A meta era começar um debate que traz benefícios e conhecimentos que serão úteis à sociedade, porquanto a religião tem impacto social e cultural. Para a academia, o conteúdo se torna importante porque a Análise de Discurso, que é conhecida pelo rigor e abrangência, propiciou esse estudo com critérios técnicos, não apenas com olhos para as características semânticas e da língua, mas se enveredou por uma condição sócio-histórica dos discursos religiosos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alexander Moreira. Mitos históricos sobre a relação entre ciência e religião. **Revista de psiquiatria clínica**. São Paulo, vol. 36, nº 6, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832009000600007&lang=pt. Acesso em: 25 out. 2010.

ANTONIAZZI, A. et al. **Nem anos nem demônios**: interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1994.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando**: introdução à filosofia. São Paulo: Moderna, 1986.

ARISTÓTELES. **Arte retórica e arte poética**. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, [19--?]. 357 p.

BACCEGA, Maria Aparecida. **Comunicação e Linguagem**: discursos e ciência. São Paulo: Ed. Moderna, 1998.

BARBEIRO, Heródoto. **História Geral**. São Paulo: Editora Moderna Ltda, 1976.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 1995.

BÍBLIA Sagrada. A. T. Português. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Geográfica, 1998.

BÍBLIA Sagrada. N. T. Português. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Geográfica, 1998

BIHLMAYER, Karl. TUECHLE Hermann. **História da Igreja**: antiguidade cristã. São Paulo: Edição Paulinas, 1963.

BOISSET, Jean. **História do Protestantismo**. São Paulo: Difusão Europeia do livro, 1971

BRAIT, Beth. (org). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1997.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 8 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**: de Gutenberg à Internet. 2. ed. ver. e ampl. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006. 375p.

CAMPBELL, Joseph; MOYERS, Bill (Org). **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CAMPOS, Raymundo Carlos Bandeira. **Estudos de história**: antiga e medieval. São Paulo: Atual, 1988.

CECHINATO, Luiz. **Os vinte séculos de caminhada da Igreja**: principais acontecimentos da cristandade, desde os tempos de Jesus até João Paulo II. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso**: modos de organização. São Paulo: Contexto, 2009.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

CHAUÍ, Marilena. **Simulacro e Poder**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

COMBY, Jean. **Para ler A História da Igreja**: do século XI (1054) á Revolução Francesa (1789). Porto: Editorial Perpétuo Socorro, 1989.

CORDEIRO, Tiago. O patriarca da fé. **Aventuras na História**, São Paulo, dez. 2009.

CRUZADAS. Brasil escola. c2002 – 2010. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/historiag/cruzadas.htm>>. Acesso em: 5 set. 2010

FRÖHLICH, Roland. **Curso básico de História da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 1987.

HISTÓRIA de Roma: da Monarquia à República. Copyleft Lcc Publicações Eletrônicas. [200-?] Disponível em: <<http://www.culturabrasil.pro.br/roma.htm>>. Acesso em: 27 ago. 2010

IMPÉRIO Bizantino. Brasil escola. c2002 – 2010. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/historiag/imperio-bizantino.htm>>. Acesso em: 3 set.. 2010

JOÃO Calvino: teólogo francês. UOL educação. c1996-2010. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/biografias/ult1789u191.jhtm>>. Acesso em: 25 set. 2010

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Argumentação e Linguagem**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

MACKENZIE, John L. **Dicionário bíblico**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1983.

MATOS, Henrique Cristiano José. **Introdução à história da Igreja**. Belo Horizonte: Editora O Lutador, 1987. 190

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo. EDITORA Cultrix, 1971.

MELO, C. et al. O Brasil esotérico. **Veja**, São Paulo, set. 2010.

MONLOUBOU, L.; DU BUIT, F. M.. **Dicionário Bíblico Universal**. Petrópolis, RJ : Vozes ; Aparecida, SP : Editora Santuário, 1996.

NASH, Ronald H. O primeiro filósofo cristão. **Monergismo**. 2009. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/filosofia/primeiro-filosofo-cristao_nash.pdf> Acesso em: 17 ago. 2010

ORLANDI, Eni Pucinelli. **A Linguagem e seu Funcionamento**: as formas do discurso. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 1996.

_____. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 3 ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.

ORO, Ari Pedro. **Avanço Pentecostal e reação católica**. 1996, Editora Vozes Ltda. Petrópolis, RJ. Brasil.

PIERRARD, Pierre. **História da Igreja**. São Paulo: Edições Paulinas, 1982

PROTESTANTISMO. Brasil escola. c2002 – 2010. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/religiao/protestantismo.htm>>. Acesso em: 28 set. 2010

PROTESTANTISMO. **História do mundo**. [200-?]. Disponível em: <<http://www.historiadomundo.com.br/idade-moderna/protestantismo.htm>>. Acesso em: 20 set. 2010

ROBERTO C.P. JUNIOR. O concílio de Niceia. **Net for all**. 1997. Disponível em: <http://www.netforall.com/users/d/i/g/digitalmatos/EBOOKS/concilio_de_niceia.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2010

ROLIM, Francisco Cartaxo. **Pentecostais no Brasil**. uma interpretação Sócio-Religiosa. Petrópolis: Editora Vozes Ltda., 1985.

SANTAELLA, Lúcia. Linguagens e tensões políticas. **Produção de linguagem e ideologia**. Ed. Cortez: SP, 1996. pp.309-331

SÃO PAULO [ou Saulo para os hebreus] de Tarso. Brasil escola. c2002 – 2010. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/biografia/sao-paulo-tarso.htm>. Acesso em: 14 ago. 2010

SARGENTINI, Vanice; Navarro-Barbosa, Pedro. **Foucault e os domínios da linguagem**: discurso, poder, subjetividade. São Carlos: Claraluz, 2004.

SIEPIERSKI, Carlos Tadeu. **“De bem com a vida”**: o sagrado num mundo em transformação. Um estudo sobre a igreja Renascer em Cristo e a presença evangélica na sociedade brasileira contemporânea. 2001. 226f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

SILVA, Reinaldo Chaves da. **Análise do Discurso de Histórias em Quadrinhos veiculadas durante o período da II Guerra Mundial**. 2002. 73f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia em Jornalismo)- Universidade Sagrado Coração. Bauru, 2002.

SOUSA, Rainer. Anglicanismo. **Mundo educação**. c2010b. Disponível em: <<http://www.mundoeducacao.com.br/historiageral/anglicanismo.htm>>. Acesso em: 27 set. 2010

SOUSA, Rainer. Valdenses: logosofia: uma nova forma de sentir e conceber a vida. **Mundo educação**. c2010a. Disponível em: <www.mundoeducacao.com.br/historiageral/valdenses.htm>. Acesso em: 12 set. 2010

VICENTI, Jones Ferreira. **A interferência do discurso religioso na formação do sujeito**: um estudo de caso na zona da mata do Vale do Guaporé – RO. 2001, 115f. Tese (Mestrado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

WREGGE, Rachel Silveira. **As igrejas neopentecostais**: educação e doutrinação. 2001. 129 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.